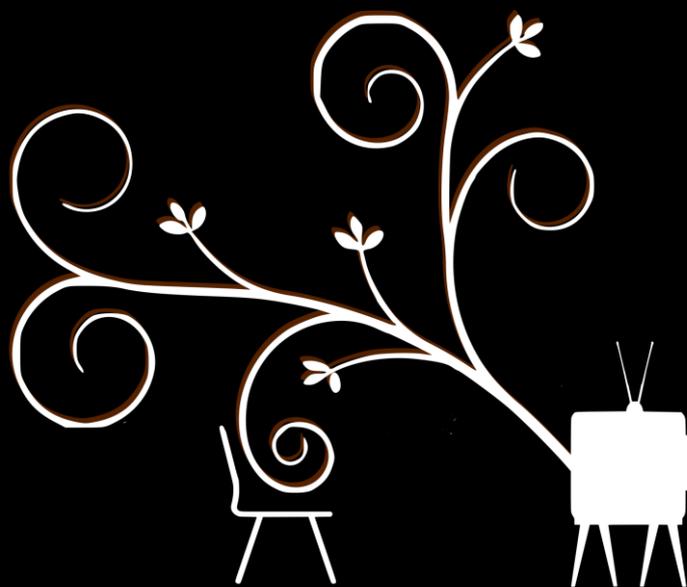


VICTOR ANDREI DA SILVA & ALTAMIR BOTOSO

As adaptações em prosa da telenovela
O BEM AMADO, de Dias Gomes



Comparações



Pantanal Editora

2020

VICTOR ANDREI DA SILVA

ALTAMIR BOTOSO

As adaptações em prosa da telenovela
***O Bem Amado*, de Dias Gomes:**
Comparações



2020

Copyright© Pantanal Editora
Copyright do Texto© 2020 Os Autores
Copyright da Edição© 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora
Edição de Arte: A editora
Revisão: O Autor e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Prof. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Prof. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UFR (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandris ArgenteL-Martínez – ITSON (México)
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Jr - UEG
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI
- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Bel. Ana Carolina de Deus

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S586a Silva, Victor Andrei da.
As adaptações em prosa da telenovela O Bem Amado, de Dias Gomes
[recurso eletrônico]: comparações / Victor Andrei da Silva, Altamir Botoso. –
Nova Xavantina, MT: Pantanal Editora, 2020.
89 p. : il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-990641-3-5

1. Adaptações para a televisão. 2. Telenovelas. 3. Gomes, Dias, 1922-1999.
O Bem Amado – Crítica e interpretação. I. Botoso, Altamir. II. Título.
CDD 791.455

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos livros e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es). O download da obra é permitido e o compartilhamento desde que sejam citadas as referências dos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000. Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil. Telefone (66) 99682-4165
(Whatsapp). <https://www.editorapantanal.com.br>. contato@editorapantanal.com.br

Vamos acarejizar a Europa! Vamos temperar o mundo! A Europa vai, mais uma vez se curvar ante o Brasil. Vatapisar a América! Exportar o nosso principal produto, o azeite de dendê. O Brasil inteiro temperado com azeite de dendê.

Dias Gomes

Vou exigir tempo na televisão para defender o democratismo da eleição por nomeatura.

Dias Gomes¹

¹ Essas, bem como as demais epígrafes que abrem os demais capítulos, são frases proferidas por Odorico Paraguaçu na telenovela *O bem amado*, e transcritas por José Dias (2009, p. 137-139) no livro *Odorico Paraguaçu: o bem-amado de Dias Gomes: história de um personagem larapista e maquiavelento*.

APRESENTAÇÃO

Neste livro, estudamos três adaptações da telenovela *O bem amado*, de Dias Gomes, exibida no ano de 1973, para o formato de livro impresso, ou seja, em forma de romance. A primeira adaptação foi feita por Dias Gomes e publicada em 1977, na coleção “Grandes Novelas da TV”. Lafayette Galvão é o adaptador da segunda versão, que foi publicada em 1985, na coleção “As Grandes Telenovelas”. A terceira adaptação foi realizada por Mauro Alencar, em 2008, e faz parte da coleção “Grandes Novelas”.

No estudo comparativo das três versões da telenovela mencionada, destacam-se supressões, acréscimos e alterações, evidenciando os caminhos e as soluções efetuadas na mudança da mídia visual para a impressão em livro.

Os autores

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	6
O ESCRITOR DIAS GOMES E SUAS OBRAS.....	9
A PEÇA E A TELENVELA.....	19
AS ADAPTAÇÕES EM PROSA DA TELENVELA.....	52
A “NOVELA LITERÁRIA” DE DIAS GOMES	52
AS GRANDES TELENVELAS: O <i>BEM AMADO</i>	59
A ADAPTAÇÃO DE MAURO ALENCAR.....	64
ANEXOS.....	78
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES.....	87
ÍNDICE REMISSIVO	88

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Camelô só com crachá. Mande ver se está todo mundo escrachado.

Dias Gomes

As adaptações de obras literárias para o cinema, a televisão e o teatro têm acompanhado a evolução das diferentes mídias e têm se tornado constante, principalmente no final do século XX e início do século XXI. Dessa forma, romances deram e dão origem a filmes, telenovelas, minisséries, peças teatrais, encantando e seduzindo telespectadores e espectadores de todas as partes do mundo.

No Brasil, principalmente nas décadas de 70 e 80, um grande número de romances foi adaptado para telenovelas como *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, *O feijão e o sonho*, de Orígenes Lessa, *Senhora*, de José de Alencar, *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, *A sucessora*, de Carolina Nabuco, *Helena*, de Machado de Assis, *Ciranda de pedra*, de Lygia Fagundes Telles, dentre outros. Todas estas telenovelas foram exibidas pela Rede Globo, no horário das 18 horas, mas também houve outras transposições de textos literários para outros horários, como *Gabriela, cravo e canela*, *Tieta do agreste*, *Dona Flor e seus dois maridos*, todos de autoria do baiano Jorge Amado. *Gabriela* e *Dona Flor* foram transmitidas às 22 horas e *Tieta*, às 21 horas.

Tais transcrições – do livro impresso para as telas – seja na televisão ou no cinema – têm sido um fato constante e corriqueiro não só no nosso país, mas também em outros países da América Latina e, principalmente, na América do Norte, com as produções cinematográficas hollywoodianas, muitas vezes baseadas em *best sellers*.

As adaptações ajudam a aumentar a venda de livros. Em nosso país, até mesmo livros que foram escritos no século XIX ou começo do século XX, quando transformados em telenovelas, filmes, minisséries, elevaram a venda de tais obras a números inacreditáveis. *O primo Basílio*, *Os maias*, de Eça de Queirós, *Floradas na serra*, de Diná Silveira de Queiroz, *Sinhá moça*, de Maria Dezone Pacheco Fernandes atingiram o *status* de *best sellers* pelo fato de terem sido recriados em um novo formato como a mídia visual.

Os fatos expostos acima levam-nos a concordar com Linda Hutcheon (2011, p. 235), quando ela tece o seguinte comentário: “Nas operações da imaginação humana, a adaptação é a norma, não a exceção.”

Nesse sentido, observamos que o campo das adaptações floresce e, quase diariamente, ficamos sabendo de novas transposições de romances para o cinema e, particularmente, para a

televisão. Essas transposições tem sido mais esporádicas para o meio televisivo, mas nunca se extinguiram e nem se extinguirão, pois é uma fonte que alia qualidade e cultura às mídias visuais.

Se é verdadeiro que “uma história mostrada não é o mesmo que uma história contada, e nenhuma delas é o mesmo que uma história na qual você participa ou com a qual você interage” (Hutcheon, 2011, p. 35) no teatro, por exemplo, é também verdade que o ser humano tem necessidade de ficções, de vivenciar emoções, de viajar para países longínquos, seja por meio da tela da televisão ou do cinema, uma vez que a ficção preenche o nosso cotidiano monótono e, às vezes, exasperante.

Quando ocorre a transmutação de uma obra impressa para o formato visual, há uma preocupação em estabelecer uma comparação entre a mídia impressa e a visual. Assim, conforme postula Linda Hutcheon (2011, p. 32), a adaptação

buscaria, em linhas gerais, “equivalências” em diferentes sistemas de signos para os vários elementos da história: temas, eventos, mundo, personagens, motivações, pontos de vista, consequências, contextos, símbolos, imagens, e assim por diante [...].

Sendo assim, é mais frequente as adaptações de livros para o cinema, mas também ocorrem transcódificações de obras televisivas para o formato impresso e é este o foco desse livro, no qual se busca estudar, comparativamente, três adaptações da telenovela *O bem amado* (1973) para textos impressos.

A primeira delas foi realizada pelo próprio autor da referida telenovela, Dias Gomes, em 1977, numa coleção nomeada de “Grandes Novelas da TV”, cujos primeiros volumes foram *A viagem*, de Ivani Ribeiro, *Pecado capital*, de Janete Clair e *Escrava Isaura*, de Gilberto Braga, pela Editora Bels S.A.

No ano de 1985, *O bem amado* foi recontado em prosa por Lafayette Galvão, numa coleção intitulada de “As Grandes Telenovelas”, e editada pela Rio Gráfica, pertencente às organizações Globo. Mauro Alencar, profundo conhecedor e estudioso de telenovelas, publicou em 2008, a sua versão da telenovela *O bem amado*, pela editora Globo.

O estudo comparado, que estamos propondo realizar, tem como suporte teórico as considerações de Linda Hutcheon, em seu livro *Uma teoria da adaptação* (2011), as ponderações de Robert Stam (2006, p. 19-53) expostas no ensaio “Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade” e as observações de Sandra Reimão, contidas em sua obra *Livros e televisão: correlações* (2004).

Este estudo estrutura-se em três capítulos. No primeiro, apresentamos um painel biográfico da vida de Alfredo Dias Gomes, que foi casado com Janete Clair, autora de várias telenovelas de sucesso exibidas na Rede Globo e outras emissoras. Dias Gomes foi, inicialmente, um autor teatral, cujas obras ganharam mais destaque quando seu livro *O pagador de promessas* foi

adaptado para o cinema e recebeu a Palma de Ouro em Cannes, França, de melhor filme, em 1962. Ele também escreveu telenovelas e consagrou-se no horário das 22 horas com obras televisivas como *Verão vermelho*, *Saramandaia*, *O espigão*, *O bem amado*, *Sinal de alerta*, dentre outras.

No segundo capítulo, vamos apresentar a fábula da peça de teatro *O bem amado ou uma obra do governo* (1962) e também da telenovela *O bem amado*, que foi uma adaptação de Dias Gomes do texto teatral para o formato televisivo, no ano de 1973. Essa telenovela transformou-se num marco da televisão brasileira não só por transportar o político inescrupuloso *Odorico Paraguaçu* das páginas impressas para a televisão, mas também por ser a primeira telenovela em cores no Brasil.

No capítulo terceiro, amparados pelas teorias de Linda Hutcheon, Robert Stam e Sandra Reimão, estudamos as adaptações em prosa da telenovela *O bem amado* realizadas por Dias Gomes (1977), Lafayette Galvão (1985) e Mauro Alencar (2008), comparando-as e destacando as diferenças, supressões e acréscimos que podem ser verificados em cada uma delas. Embora Hutcheon e Stam busquem enfatizar em suas discussões que não se pode avaliar uma adaptação como inferior ou “de segunda classe” (Hutcheon, 2011, p. 235), em nosso estudo, depois de estabelecidas as comparações, apontando similaridades e diferenças, não nos furtamos a comentar qual das três adaptações apresentaria mais elementos e qualidades que nos possibilitariam considerá-la como superior em relação às outras duas.

Desse modo, convidamos nosso leitor a acompanhar-nos pelas trilhas tortuosas das versões em livro da telenovela *O bem amado*. Isto posto, e deixando de lado “os entretantos e os finais”, mergulhemos na vida e nas obras de Dias Gomes.

Na parte final desse livro, anexamos reproduções das capas das três versões de *O bem-amado* e também de trechos dos capítulos iniciais dessas obras, para que o leitor possa ter um contato, ainda que superficial, com as referidas versões.

O ESCRITOR DIAS GOMES E SUAS OBRAS

Sempre me entendi com Deus, sem necessidade de atravessadores.

Dias Gomes

Alfredo Dias Gomes nasceu em Salvador, no dia 19 de outubro de 1922, mudou-se aos treze anos para o Rio de Janeiro, onde passou a maior parte de sua vida, vindo a falecer em 1999, vítima de um acidente de trânsito, em São Paulo, aos 76 anos de idade. Casou-se com sua primeira esposa, Janete Clair (1925-1983), e um ano após seu falecimento, casou-se com Bernadete Lys, com quem viveu até falecer.

A biografia de Dias Gomes demonstra sua paixão pelo seu ofício de escritor e sua perspectiva declarada pelo comunismo, fazendo com que fosse considerado um autor subversivo por muitos leitores. Muitos estudiosos afirmam que esta opção se deu por ter vivido a época dos principais conflitos políticos brasileiros, como o desenvolvimento do Estado Novo na década de 30, a Ditadura Militar de 1964 e a eleição de José Sarney em 1985, sem nunca ter abandonado a escrita.

Sua vocação para escritor era inegável, principalmente voltada para o teatro, uma vez que produziu 20 peças ao longo de sua vida. Mesmo quando as peças teatrais foram proibidas de serem encenadas durante a ditadura, escreveu peças para o rádio, e posteriormente produziu telenovelas.



Figura 1. Dias Gomes (1922 – 1999). Fonte: [FE1].

O nosso objetivo, neste capítulo, é apontar os dados mais relevantes da vida de Dias Gomes e também elencar a sua produção literária, teatral, novelística e jornalística.

O talento de Dias Gomes para a escrita pode ser observado desde sua infância, dos nove para os dez anos de idade, quando o autor buscava se inspirar em seu irmão Guilherme, 10 anos mais velho, que fazia faculdade de Medicina, porém demonstrava grande talento para escrever contos, poemas e romances. Cabe ressaltar que Guilherme era amigo de grandes escritores brasileiros como Jorge Amado, Edílson Carneiro e Dias da Costa que faziam parte da Academia dos Rebeldes, um grupo contrário à Academia Brasileira de Letras (Medeiros, 2001, p. 11-12).

Além desta inspiração, Dias Gomes recebeu o apoio de sua professora, Beatriz Contreiras, que o auxiliou na admissão ao ginásio no Colégio Ipiranga, onde, aos 15 anos, desenvolveu sua primeira peça teatral, denominada de *A Comédia dos Moralistas*, que se passava em épocas de carnaval, visando criticar o crescente moralismo burguês, que tentava a todo custo sustentar a perspectiva ultraconservadora por meio de uma máscara. Esta peça não chegou a ser encenada, porém, recebeu um prêmio em 1937, em um concurso dirigido pelo Serviço Nacional do Teatro e pela União Nacional dos Estudantes.

Nessa época, morou no Rio de Janeiro, na pensão de Dona Marieta, tendo seu irmão Guilherme como o responsável pelo sustento da família com seu trabalho como médico do Exército. Nesse período, Dias Gomes completou o ginásio.

A pensão de Dona Marieta, onde morava com sua mãe, se transfere para Copacabana, passando a se chamar Pensão Buenos Aires. Seu irmão Guilherme casa-se, mas continua sustentando ele e a mãe. Sentindo-se um peso para o irmão, engaveta seus projetos artísticos e resolve prestar exame para a Escola Militar. Lá teria casa, comida e um pequeno salário. Esses atrativos o levam a ingressar na Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre (Gomes apud Medeiros, 2001, p. 12).

No entanto, descobre que a carreira militar não seria capaz de lhe trazer felicidade e realização e, de volta para o Rio de Janeiro, decide disputar uma bolsa de estudos no Colégio Universitário para o curso de Engenharia, obtendo sucesso. Porém, ainda não estava satisfeito com sua escolha, passando a frequentar as aulas de Direito no Colégio Pedro II.

Neste período, devido ao Colégio Universitário ter sido extinto pelo Ministro Gustavo Capanema, participa do movimento estudantil, encontrando Getúlio Vargas, conforme o próprio autor relata:

Liderando uma comissão de estudantes, fui ao Palácio Rio Negro, em Petrópolis, onde Getúlio despachava durante o verão. Não o encontramos no Palácio e fomos informados de que costumava fazer a digestão passeando pelas redondezas. Fomos encontrá-lo, baixotinho, barrigudinho, mãos cruzadas nas costas, caminhando tranquilamente, escoltado por um capitão do exército que, ante nossa aproximação algo atabalhoada, levou a mão ao revólver. Getúlio impediu que sacasse a arma e acenou para nós, sorrindo. Aproximamo-nos, gaguejei algumas palavras, misturei tratamentos, ‘excelência’, ‘senhor’, ‘você’, dominado pelo nervosismo, e entreguei um abaixo assinado. Sempre sorrindo – o sorriso é uma arma devastadora quando a

serviço dos ditadores -, ele me estendeu a mão e também a todos os colegas e disse que fôssemos tranquilos, tomaria providências imediatas. Não tomou nenhuma (Gomes, 1998, p. 52).

Em 1938, ainda na faculdade, escreve sua segunda peça, *Espiridião – o professor de assobio*. Houve uma tentativa do grêmio de estudantes para encenar a peça, mas foram realizados somente ensaios, sem que ela fosse encenada. No terceiro ano de faculdade, opta por abandonar o curso superior de Direito, passando a se dedicar apenas à dramaturgia. Com isso, sua escrita torna-se compulsiva, já que conseguia escrever três peças ao mesmo tempo.

Tendo a comédia como temática central, o autor escreve *Ludovino*, em 1940, contando a história do casamento de um homem de 70 anos com uma menina de 18. Mesmo após inúmeros contatos importantes com intelectuais da Academia Brasileira de Letras e autores conhecidos, a peça nunca foi encenada, porém com o estreitamento dos laços com estes contatos, Dias Gomes encontrou novas oportunidades para ingressar nos palcos brasileiros.

No ano seguinte, partindo das ideias nazistas, é desenvolvida a peça *Amanhã será outro dia*, cuja história envolvia o drama “de um político francês que emigrava com toda família para o Brasil, após a queda de Paris, recusando-se a colaborar com o governo de Vichy, sendo seguido até aqui pela Gestapo” (Gomes, 1998, p. 61-62).

Sua primeira peça de sucesso foi *Pé de Cabra*, escrita em 1942 e encenada pelo ator Procópio Ferreira nos dois anos seguintes, em diversas capitais brasileiras. Logo em sua estreia, foi proibida devido ao seu conteúdo marxista, despertando ainda mais o interesse de Dias Gomes por Marx, um escritor que muito se assemelhava a si mesmo. Quando liberada, foi o estopim para que os telespectadores considerassem o autor como comunista, muito tempo antes de ele ser admitido no Partido Comunista Brasileiro.

Apesar de ser aplaudido de pé por muitos telespectadores, seu irmão e sua mãe, muitos intelectuais criticaram duramente o autor. Além disso, o próprio Dias Gomes relatou que:

[...] as coisas não foram tão fáceis assim. Na verdade, *Pé-de-cabra* só estreou uma semana após a data prevista, que era 31 de junho. Nesse dia, à tarde, quando passei pelo Teatro Serrano para olhar pela primeira vez, narcisisticamente, o meu nome no cartaz luminoso, vi um aviso pregado na porta: ‘Estreia adiada’. O DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) tinha proibido a peça. Soube mais tarde que os censores do Estado Novo haviam considerado meu texto ‘marxista’. Juro por Deus que até então não havia lido uma só linha de Marx ou qualquer outro discípulo seu. (Veio daí o meu interesse posterior pelo marxismo). Não foi fácil absorver essa primeira estocada vibrada contra mim pela censura. Muitas outras eu absorveria mais tarde. Senti-me, pela primeira vez, no papel do cidadão indefeso diante do poder castrador do Estado, descobrindo o quanto era importante uma expressão denominada liberdade de pensamento e todo o significado de lutar por ela (Gomes apud Medeiros, 2001, p. 16).

No ano seguinte da encenação da peça, Dias Gomes firma um contrato de exclusividade com Procópio Ferreira e escreve: *Zeca Diabo, João Cabão, Doutor Ninguém, Um Pobre Gênio e Eu acuso o Céu*.

A alegria de ver sua peça *Amanhã Será Outro Dia* encenada lhe é contrabalançada pela notícia da morte de seu irmão e por sua convocação para integrar a Força Expedicionária Brasileira. Felizmente, esta convocação foi apenas um engano, visto que seu nome não se encontrava na lista.

Em 1944, Dias Gomes enfrenta uma triste surpresa durante a estreia de sua peça *Dr. Ninguém*. Encenada ainda por Procópio Ferreira, a história mantinha como tema principal o preconceito racial, sendo contada na Bahia, onde um médico negro não havia recebido a autorização para se casar com uma jovem de família tradicional. Em relação a esta situação, o escritor relata:

Não tendo assistido aos ensaios, tive na noite de estreia a desagradável surpresa de ver que o negro sofrera uma metamorfose, tornara-se branco (interpretado por Procópio) e a recusa se devia agora ao fato de ser filho de uma lavadeira – o preconceito de cor transformara-se num simples preconceito de classe. Protestei, ameacei retirar a peça de cartaz, e Procópio me disse:

- Meu filho, existem dois tabus que você jamais conseguirá quebrar no teatro: todo negro tem de ser de condição inferior, todo padre tem que ser de uma bondade angelical. Assim era nosso teatro na época. Felizmente, ambos os tabus foram quebrados (Gomes apud Medeiros, 2001, p. 17).

Diante desses acontecimentos, Dias Gomes não renovou o contrato com Procópio, aceitando o convite para trabalhar na Rádio Pan-América em São Paulo, que mais tarde seria vendida para as Emissoras Associadas, já que precisava encontrar novos meios de sustento para si próprio e sua mãe. Na época, a rádio transmitia novelas, programas musicais, humorísticos, peças e jornais. Para tanto, foi-lhe incumbida a tarefa de desenvolver uma peça para a rádio semanalmente. Seu sucesso foi absoluto, pois se manteve nesta função durante 20 anos. Gomes relata que este período foi extremamente importante para sua vida, devido às intensas experiências adquiridas em seu trabalho.

Meus anos de paucicéia foram anos de boemia desvairada. Nem sei como pude escrever três romances durante esse período. É bem verdade que eram narrativas que nenhuma contribuição traziam à literatura brasileira. Também não sei como consegui radiofonizar centenas de peças, contos, novelas da literatura universal. Trabalhei e vivi intensamente, sugando da vida tudo que ela me podia dar em prazeres inconsequentes. Ainda cursava a Faculdade de Direito em Niterói (ia somente fazer provas), achei tempo para estudar um pouco de sociologia, de filosofia, de marxismo, principalmente. A curiosidade pelo marxismo, despertada pela censura do DIP a minha peça na estreia, seria reforçada no ano seguinte por minha filiação ao Partido Comunista. O rádio daquele tempo era o que é hoje a televisão. A televisão nada inventou, apenas adicionou imagens à programação criada pelo rádio (Gomes apud Medeiros, 2001, p. 17).

O programa diário de Dias Gomes, chamado de *A vida das palavras*, era constituído por histórias repletas de música, folclore, poesia e humor. Assim, atuou nas Emissoras Associadas de 1945 até 1947. Em 1948, escreveu o romance *Quando é amanhã*, e foi transferido da Rádio Bandeirantes para as Rádios Paulistas. Dias Gomes mantinha o programa *O grande teatro* que adaptava peças da dramaturgia universal para a linguagem radialista, porém este mesmo programa foi tendo seus nomes alterados a cada mudança de emissora. Após casar-se com Janete Emmer em 1950, muda-se para o Rio de Janeiro.

Conforme relata Gomes (1998), o teatro nesta época se destacava apenas pelas constantes adaptações de textos que não embasavam a realidade brasileira, sendo a dramaturgia de Nelson Rodrigues um caso isolado. Com isso, atuando na Rádio Clube do Brasil, é responsável por um programa que apresentava forte apelo popular, optando também por adaptar crônicas de Nelson Rodrigues, encontradas na série *A vida como ela é*.

No ano de 1954, o autor permaneceu alguns anos ausente do teatro, passando a obter uma nova experiência cênica com a produção de *Os Cinco Fugitivos do Juízo Final*, por Jaime Costa, tendo Bibi Ferreira na direção. No entanto, foi no início da década de 60, com *O Pagador de Promessas*, que voltou a se dedicar ao teatro. Essa obra foi um sucesso nacional, sendo a peça responsável por torná-lo um autor reconhecido também internacionalmente. Isto contribuiu significativamente para que Dias Gomes se tornasse o dramaturgo mais conhecido e representado em outros países.

Gomes (2002, p. 04) ainda relata que

[v]ertido para o cinema, *O Pagador de Promessas* conquistou a “Palma de Ouro”, no Festival de Cannes de 1962, além de vários outros prêmios nacionais e internacionais. Seu texto está traduzido para os seguintes idiomas: inglês, francês, russo, polonês, espanhol, italiano, vietnamita, hebraico, grego e servocroata, tendo sido encenado nos Estados Unidos (seis produções), Polónia (quatro produções), União Soviética, Cuba, Espanha, Itália, Grécia, Israel, Argentina, Uruguai, Equador, Peru, México, Vietnã do Norte (durante a guerra) e Marrocos.

Além disso, ainda tratando dessa peça, Dias Gomes declara que

O pagador de promessas nasceu, principalmente, dessa consciência que tenho de ser explorado e impotente para fazer uso da liberdade que, em princípio, me é concedida. [...] Do conflito interior em que me debato permanentemente sabendo que o preço da minha sobrevivência é a prostituição total ou parcial. Zé-do-Burro faz aquilo que eu desejaria fazer – morre para não conceder. Não se prostitui (Gomes, 1998, p. 180).

Na década de 60, Dias Gomes desenvolveu as seguintes peças: *A Invasão*; *A Revolução dos Beatos*; *Odorico*, *O Bem-Amado*; *O Berço do Herói* (proibida pela censura); *O Santo Inquérito*; *O Túnel*; *Dr. Getúlio*, *Sua Vida e Sua Glória* e *Vamos Soltar os Demônios*. É ainda nos anos 60 que o escritor sente a pressão do golpe militar em nosso país:

Se o golpe militar de marco de 1964 apagou as luzes da liberdade, o Ato Institucional número 5, o famigerado AI-5, em 1968, apagou qualquer possibilidade de se escrever para o teatro, só restando ao escritor ir para a televisão ou o exílio em outro país. O exílio foi sempre rejeitado categoricamente por Dias Gomes, inclusive na sua autobiografia, sem que ele tivesse verbalizado o principal motivo: no exílio ele ficaria distante da língua natal, o que lhe seria pior do que a morte (Bírer Junior, 2008, p. 48).

No ano de 1969, foi pressionado pela censura, que vetou inúmeros textos e obras, o que quase o levou a desistir da carreira teatral, a menos que voltasse a atender às novas limitações e determinações impostas pelo regime. Diante disso, ao invés de bloquear suas publicações, decidiu conquistar um novo meio de comunicação e expressão, a televisão.

Considerando que sua maior paixão foi o texto, e não somente o de natureza teatral, Dias Gomes “soube usar a imagem, o movimento, a tecnologia como importantes instrumentos de apoio para o seu texto, que era o fundamental” (Bírer Junior, 2008, p. 48).

Mantendo sua temática, disseminou neste canal seus anseios e preocupações políticas e sociais, desenvolvendo inúmeras telenovelas que proporcionaram ao seu nome, alto nível artístico, além de o deixar reconhecido por sua linguagem própria. Assim, produziu: *Verão Vermelho*; *Assim na Terra Como no Céu*; *Bandeira 2*; *O Bem-Amado*; *O Espigão*; *Roque Santeiro* (proibida pela censura); *Saramandaia* e *Sinal de Alerta*. Estas obras permitiram ao expectador a possibilidade de compreender a realidade do período em que os militares estiveram no poder.

Em relação à proibição de *Roque Santeiro*, Medeiros (2001, p. 28) relata que

Só tempos depois, o autor conseguiria encontrar a real justificativa para a proibição da telenovela. Ainda quando estava escrevendo os primeiros capítulos de *Roque Santeiro*, isso em meados de 1975, havia confidenciado por telefone ao historiador e amigo, Nelson Werneck Sodré, a respeito da adaptação que estava fazendo de sua peça censurada, *O Berço do Herói*, para uma de suas telenovelas. Sodré afirmava que a adaptação não passaria impune pelos censores. Mas Dias Gomes argumentou, dizendo ter mudado o título e os nomes dos personagens. [...] Sodré então concordou que passaria, dizendo: “Ah, assim é capaz de passar, esses milicos são muito burros” [...]. E caíram na gargalhada. O problema é que o telefone do historiador estava grampeado pelo Dops (Departamento de Ordem Política e Social) e toda conversa havia sido gravada. Resultado: a telenovela foi proibida, só sendo liberada em 1985, quando conseguiu o feito de, em alguns capítulos, marcar 100% de audiência.

O resultado desta audiência foi proveniente de sua maneira poética de transmitir em *Roque Santeiro* a realidade brasileira, apresentando o modo de vida, a fala e o pensamento dos cidadãos interioranos, mesmo após o desenvolvimento de grandes metrópoles. Na época, foi uma surpresa para boa parte do país, pois os interioranos representavam metade da população brasileira, e eram ignorados pelas nossas redes de televisão.

Não foi somente nesta telenovela que Dias Gomes conquistou os olhares de milhares de brasileiros, mas também por meio da cidadezinha de *Asa Branca*, onde criou personagens únicos e singulares, imortalizando os estereótipos interioranos do Brasil, como o santo milagreiro, o herói de mentira, a viúva, o coronel, a beata, a virgem, o lobisomem, e tantos

outros, fundamentais para o conto das fábulas do sertão baiano, não deixando de lado o humor do brasileiro. Assim, demonstrou o sofrimento do povo do interior, em uma linguagem universal.

O escritor retoma a escritura de peças teatrais no ano de 1978:

A partir de 1978, após novo período de afastamento, durante o qual apenas se preocupou com reencenações de suas peças em todo o mundo, Dias Gomes voltou a escrever para o teatro. *As Primícias* foi publicada em livro e *O Rei de Ramos* foi encenada com enorme sucesso. [...] Distinguem-na a imaginação rica, a variedade de caracteres vivos, a extraordinária latitude da escala emocional, indo dos comoventes destinos de Zé do Burro e Branca Dias ao riso amargo de *O Berço do Herói* e *Dr. Getúlio*, e à franca gargalhada de Odorico. Aberta ao sublime, sensível à grandeza trágica, a obra recorre ao mesmo tempo aos variados enfoques do humor, do sarcasmo e da ironia para lidar com os aspectos frágeis ou menos nobres da espécie humana (Gomes, 2002, p. 05).

A partir do término da Censura Federal, Gomes compreendeu que não precisaria mais utilizar uma linguagem metafórica para colocar suas obras no ar, buscando uma nova linguagem a ser utilizada. Diante disso, “essa constatação levou nossos dramaturgos a um estado de perplexidade que perduraria durante toda a década de 1980” (Gomes, 1998, p. 303).

Foi com a peça *Campeões do Mundo* que entrou nesta nova jornada, porém, um novo tipo de censura rondava-lhe suas portas, a censura econômica, que demonstrou-se bem pior do que a restrição estabelecida pelo governo.

Tendo ajudado a enterrar a Censura Federal, sabia que sobreviviam muitos outros tipos de censura, principalmente a econômica. Não imaginava, porém, que ela pudesse ser tão violenta quanto a primeira ou mais, quando seus interesses são afetados. A adaptação para tevê de *O Pagador*, em forma de minissérie, teve seus 12 capítulos reduzidos para oito em consequência da furiosa reação dos latifundiários, capitaneados por Ronaldo Cayado, da União Democrática Ruralista e pelo banqueiro Amador Bueno, do Bradesco, que ameaçaram de drásticas sanções econômicas as empresas Globo (Gomes, 1998, p. 340).

Ao assumir uma vida mais tranquila, foi convidado a ingressar na Academia Brasileira de Letras, convite que, até então, não havia aceitado, pois, segundo ele, “todo jovem intelectual de esquerda julga-se na obrigação de ser contra a Academia. Diria até que escritor de esquerda que nunca contestou a Academia ou nunca foi jovem, ou nunca foi de esquerda” (Gomes, 1998, p. 352).

Seu sucesso foi ainda mais contundente com “sua eleição para a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 11 de abril de 1991, foi um dos momentos em que o talento foi reconhecido pela venerável” (Bírer Junior, 2008, p. 49). Sua eleição foi contestada por cartas anônimas que confirmavam seu passado comunista, demonstrando a indignação de alguns membros, sendo que a maioria já sabia da verdade.

Apesar dessa conquista, Dias Gomes considerava o grupo como um conjunto de membros de um clube fechado, onde era possível conviver com indivíduos mais ou menos inteligentes.

Há também a ideia de que a Academia transforma os indivíduos, tornando-os, num passe de mágica, culturalmente conservadores. Tolice, com o alegórico fardão ou sem o alegórico fardão, olho-me no espelho e me vejo tal como era (ou sonhava ser) em minha juventude – um escritor afinado com seu povo, nada mais que isso (Gomes, 1998, p. 353).

No dia dezoito de maio de 1999, Dias Gomes foi vítima de um acidente fatal entre o táxi que ocupava e um ônibus, na Avenida 9 de Julho, em São Paulo, vindo a falecer aos 76 anos.

No teatro, o escritor baiano recebeu os seguintes prêmios: Prêmio Nacional de Teatro (I.N.L.), 1960, Prêmio Governador do Estado (SP), 1960, Prêmio Melhor Peça Brasileira (A.P.C.T.), 1960, Prêmio “Padre Ventura” (C.I.C.T.), 1962, Prêmio Melhor Autor Brasileiro (A.B.C.T.), 1962. Em relação a sua carreira cinematográfica, obteve as seguintes honrarias: “Palma de Ouro”, do Festival de Cannes, 1962, 1º Prêmio do Festival de S. Francisco (EUA), 1962, “Critics Awards” do Festival de Edimburgo, Escócia, 1962, I Prêmio do Festival da Venezuela, 1962, Laureado no Festival de Acapulco, México, 1962, Prêmio “Saci” (São Paulo), 1962, Prêmio Governador do Estado (SP), 1962, Prêmio Cidade de S. Paulo, 1962, Prêmio Humberto Mauro.

Cabe ressaltar que a dramaturgia de Dias Gomes enfrentou inúmeros períodos conturbados da história brasileira, tornando-se indispensável para a história do teatro e da televisão. Na perspectiva de Rosenfeld (1982, p. 55), sua dramaturgia pode ser considerada uma unidade fundamental, residindo “no empenho consequente e pertinaz por valores político-sociais – por valores humanos, portanto – mercê da visão crítica de um homem que não está satisfeito com a realidade do Brasil e do mundo”.

Anzuategui (2009, p. 02) tece as seguintes considerações sobre o autor de *Odorico, o Bem-Amado*:

Dias Gomes é provavelmente o escritor que melhor representa as ambiguidades da relação entre escritores de esquerda e a TV Globo. Autor prolífico em teatro e televisão, ligado ao Partido Comunista nas décadas de 1950 e 1960, é um dos principais representantes da agenda nacional-popular na dramaturgia brasileira. Além disso, como profissional contratado, seu trabalho foi bem sucedido em termos de audiência e repercussão, e ele permaneceu na TV Globo por 30 anos.

Durante toda sua carreira, Gomes enfrentou períodos conturbados, sendo preciso livrar-se do conformismo das poucas ideias para a criação, e identificar linguagens e outros meios para continuar desenvolvendo obras que contribuem para o despertar da consciência brasileira, de

forma crítica. Manteve sempre seu expectador como instrumento para as mudanças sociais brasileiras.

Apesar de sua linguagem ser considerada universal, suas histórias contextualizam ensinamentos significativos, pois abordam temas nacionais, com personagens, hábitos, situações e condições do povo brasileiro, apresentando a realidade do interior para aqueles que ainda não a conheciam.

Isto não significa que Dias Gomes deixou de lado o caráter de ficção de suas histórias, mas buscou incorporá-las na dramaturgia de suas peças, sendo mantidas como verdadeiras experiências de vida, caracterizando o retrato da realidade brasileira. A esse respeito, o crítico Anatol Rosenfeld (1982, p. 86) sustenta que

O realismo crítico da observação vai por vezes até à caricatura e ao grotesco, apreendendo a realidade com lentes que distorcem para revelar. A obra de Dias Gomes, tal como até agora se apresenta, oferece uma imagem crítica da realidade brasileira, naquilo que é caracteristicamente brasileiro e naquilo que é tipicamente humano. A crítica, porém, mesmo quando acre, se nutre de esperança e do amor. Por isso a obra é amável e respira futuro. Dramaturgo de saltos e mutações, Dias Gomes nos proporcionará ainda muitas surpresas.

De acordo com Rosenfeld, Dias Gomes questionou toda a estrutura social na qual sempre esteve inserido, identificando a cada dia novos mecanismos para manipular seus expectadores. Com isso, identifica-se que a vida e obra do autor voltaram-se para o enfrentamento da problemática social, sendo observada facilmente em sua dramaturgia.

Sobre as suas produções artísticas, é válido destacar que Dias Gomes escreveu as seguintes peças de teatro: *A Comédia dos Moralistas* (1937), *Pé de Cabra, João Cambão* (1942), *Amanhã Será Outro Dia* (1943), *Doutor Ninguém, Zeca Diabo* (1943), *Toque de Recolher* (1943), *Dr. Ninguém* (1944), *A Dança das Horas* (1949), *É Amanhã* (1949), *Os Cinco Fugitivos do Juízo Final* (1954), *O Pagador de Promessas* (1960), *Odorico, o bem-amado* (1962), *A Invasão* (1962), *A Revolução dos Beatos* (1962), *O Berço do Herói* (1965), *O Santo Inquérito* (1966), *Dr. Getúlio, Sua Vida e Sua Obra* (1968), *Vamos Soltar Demônios* (1969), *O Rei de Ramos* (1979), *O Túnel* (1979), *As Primícias* (1979), *Campeões do Mundo* (1980), *Vargas* (1983), *Amor em Campo Minado* (1984), *Meu Reino por um Cavalo* (1984).

Com grande capacidade para escrever telenovelas e criar personagens, o acervo novelístico do autor consta dos seguintes títulos, veiculados pela Rede Globo: *A Ponte dos Suspiros* (1969), *Verão Vermelho* (1970), *Assim na Terra Como no Céu* (1970/1971), *Bandeira 2* (1971/1972), *O Bem Amado* (1973), *O Espigão* (1974), *A Saga de Roque Santeiro e a Incrível História da Viúva que Foi Sem Nunca Ter Sido* (1.^a versão censurada de *Roque Santeiro*) (1975), *Saramandaia* (1976), *Sinal de Alerta* (1978/1979), *Roque Santeiro* (co-autoria com Agnaldo Silva) (1985/1986),

Mandala (até o capítulo 35) – (1987/1988), *Araponga* (1990/1991), *Irmãos Coragem* (supervisão de texto) (1995), *O Fim do Mundo* (1996).

De 1969 a 1979, Dias Gomes dedica-se exclusivamente à televisão e passa a escrever seus casos especiais que, também, foram veiculados pela Rede Globo de televisão. Os casos especiais foram: *O Crime do Silêncio* (1971), *A Pérola* (1971), *Gino* (1974), *Boi Santo* (1988).

Suas minisséries e seriados, exibidos pela Rede Globo, são os seguintes: *Expresso Brasil* (1987), *O Pagador de Promessas* (1988), *As Noivas de Copacabana* (1992), *Decadência* (1995), *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1998), *Carga Pesada* (supervisão de texto) (1979), *O Bem Amado* (1980/1984).

Por meio dos dados exibidos neste capítulo de nosso estudo, é possível afirmar que as obras de Dias Gomes e a sua transposição para a televisão e o cinema foram indispensáveis para a história da dramaturgia do nosso país, pois o autor sempre se dedicou a transmitir aos seus telespectadores a realidade brasileira, principalmente a do interior do Brasil, além de tentar, por meio de seus textos, abrir os olhos da nossa população para os desmandos e falcatrias dos militares e dos governantes brasileiros.

O próximo capítulo versará sobre a peça *O Bem Amado*, que deu origem a várias adaptações tais como a telenovela, o seriado e o filme, além das versões em prosa da telenovela, as quais serão estudadas neste livro.

A PEÇA E A TELENVELA

Taí o que dá eleição, elegem um cangacista desalfabetizado e desapetrechado de caráter. Agora esse maucaratista praticante e juramentado trai o nosso partido e vota com a oposição.

Dias Gomes

A obra teatral, escrita em 1962, recebeu inicialmente o título de *Odorico, o bem amado ou os mistérios do amor e da morte* (Dias, 2009, p. 23), passando depois para *Odorico, o bem amado ou uma obra do governo* (1975) e, finalmente, chegando a uma forma mais sintética – *O bem amado* que, também, permaneceu na telenovela homônima.

Como este trabalho debruça-se sobre as adaptações da obra televisiva para o formato de livro, e levando-se em conta que o texto que deu origem à telenovela é a peça de teatro, julgamos que seja relevante apresentar a sua fábula e o enredo da versão apresentada em 1973, pela Rede Globo, para que se possa compreender as alterações que vão ocorrendo ao longo de suas adaptações.

A PEÇA ODORICO, O BEM AMADO

A peça *Odorico, O Bem amado*, escrita em 1962, chamava-se inicialmente *Odorico, o Bem-Amado ou Os Mistérios do Amor e da Morte*, e nunca foi encenada. Dias Gomes escreveu a peça baseado no dia a dia da população brasileira e procurava sempre se espelhar na realidade por ela vivida. O autor procurava dar ênfase aos conflitos nos quais o povo brasileiro, em geral, estava inserido. A ideia de escrever a peça veio por um amigo chamado Nestor de Holanda, que lhe contou a história de uma situação ocorrida com um prefeito de uma pequena cidade do interior, cuja eleição se deu por conta da promessa de se construir um cemitério. O fato virou uma crônica publicada pelo próprio Nestor de Holanda, mas, nas mãos de Dias Gomes, virou uma comédia política. Para inspirar-se no prefeito, Dias Gomes teve como modelo seu inimigo, o jornalista e deputado Carlos Lacerda que, por brigas políticas, resultou na perda de seu cargo de diretor artístico da Rádio Clube. Segundo José Dias (2009, p. 32), o escritor baiano relembra o fato da seguinte maneira:

Odorico era um Lacerda exagerado. Mas depois reescrevi a peça e o Lacerda já estava no ostracismo, cassado, na oposição, enfim, por baixo, então não faria mais nenhum sentido aquela sátira que eu fazia dele. Trabalhei o personagem daí no sentido de mais um protótipo de um político demagogo do interior. Ele cresceu, se aprofundou e se

distanciou do Lacerda: adquiriu uma paisagem mais ampla. Desenvolvi um trabalho mais em cima do seu linguajar, o que lhe deu uma fisionomia muito mais forte.

Odorico transformou-se no protótipo do político brasileiro, sempre preocupado consigo mesmo e lembrando-se de seus eleitores apenas durante as eleições. A seguir, faremos um resumo detalhado da peça em ordem cronológica dos atos.

Na abertura da peça, há a apresentação das personagens, do protagonista e do *“leitmotiv”* da ação diegética central: a necessidade de um cemitério e a demagogia e falsidade política de uma cidadezinha do interior baiano, que funciona como uma metáfora do Brasil e dos problemas e das artimanhas dos políticos brasileiros.

O primeiro quadro da peça se passa em uma praça de uma cidade do interior da Bahia. Nesta praça, além de uma árvore, também há uma venda onde, sentado numa mureta, está Chico Moleza que toca um violão. Em frente à venda, está Dermeval, um senhor de pele escura e certa idade, que conserta sua rede de pescar. Os diálogos deste quadro da peça são entabulados por Mestre Ambrósio, Pedrão, Dermeval, Moleza, Odorico, Lenilda, Cotinha, Popó, Dudu, Dirceu Borboleta, Maneco Pedreira e o Velho Funcionário.

Mestre Ambrósio e Pedrão carregam, em uma rede, o corpo de Mestre Leonel, recém falecido. Cansados, ambos decidem ir à venda que fica na praça para descansar e tomar uma dose de cachaça. Ambos conversam sobre a forma pela qual Mestre Leonel morreu. Pedrão diz a Mestre Ambrósio que fazia tempos que o morto não entrava em um saveiro² e que Leonel estava passando por necessidades. Dermeval chega e começa a participar da conversa, falando sobre os filhos que Mestre Leonel deixara para trás, dentre eles, uma bela moça. Pedrão também o elogia. Depois de tomarem mais uma dose, chega Moleza e pergunta o que aconteceu com Mestre Leonel. Mestre Ambrósio explica que quando ele e Pedrão voltavam da pescaria logo pela manhã, encontraram-no caído na praia e que havia um cachorro lambendo seu rosto. "O Cachorro até parecia que chorava", diz Mestre Ambrósio e todos caem na gargalhada. A risada é pelo comportamento de Leonel em vida, que, afinal, não era nenhum santo. Passada a conversa, Mestre Ambrósio chama Pedrão para continuar a caminhada, pois ainda lhes restavam três “léguas” de ida até o cemitério da cidade vizinha.

Mestre Ambrósio critica a cidade por não ter cemitério e Moleza pergunta se seria possível jogar o corpo no Mar. Mestre Ambrósio diz que Dona Janaina iria devolvê-lo rapidamente, afinal, a dona do mar só gosta de carne jovem. Enquanto isso, Moleza toca seu violão e todos cantam junto. Neste momento, chegam Odorico e sua esposa, Lenilda. Ela pede para que Odorico se apresse, afinal, não tem o dia todo para ficar ali. Quando Pedrão e Mestre

² Tipo de embarcação.

Ambrósio veem Odorico chegando, deixam o balcão e Moleza para de tocar seu violão. Mestre Ambrósio logo explica a Odorico que fizeram uma parada rápida e que precisam continuar a viagem para enterrar o defunto e saem em direção à praça da cidade. Moleza e Dermeval ainda dão seus palpites na conversa, afirmando que é uma vergonha ter que percorrer tamanha distância para enterrar um defunto e Odorico concorda. Neste instante do diálogo, chegam Cotinha e Popó. Popó é professora de grupo escolar e Odorico parece ter certa afeição pela moça.

Odorico solta algumas palavras que soam como um minidiscorso e indaga aos presentes, querendo saber se o que está acontecendo é correto. Todos dizem que não. Ele continua nos questionamentos e todos continuam respondendo. Enquanto Odorico fala, chegam Dudu e Dirceu Borboleta. Odorico também possui grande admiração por Dudu. E, continuando o seu agora discurso, Odorico usa do momento triste e discursa com o domínio das palavras e todos concordam. Odorico pergunta se a cidade não necessita de um cemitério e todos dizem que sim. Odorico elogia a cidade, mas não poupa o prefeito que está no cargo e todos começam a vaiar. Na venda está um Velho Funcionário que só concorda com Odorico. Os presentes gritam “queremos um cemitério” e Odorico diz que logo a cidade terá um, caso seja eleito prefeito. Então, surge uma faixa no meio do povo com os dizeres “Vote num homem sério e ganhe um cemitério”.

Odorico tem o apoio de todos e sente-se preparado para realizar tal feito, embora Mestre Ambrósio diga que ouviu essa promessa desde menino. Odorico diz a Ambrósio que irá cumprir sua promessa custe o que custar. Sem dar motivos, Maneco acende uma bombinha e joga na praça onde estão as mulheres. Elas gritam e apontam para Maneco Pedreira. Odorico pede respeito ao morto e diz aos pescadores para seguir com o velório. Odorico chama sua esposa para ir ao cemitério, mas ela diz não gostar de ir a enterro, pois fica sonhando com defuntos a noite toda. Odorico, sem entender, pede que a mulher vá para casa, então. Dirceu e Dudu também vão para apoiar o novo candidato a prefeito da cidade. Todos seguem para o velório, cantando ao toque do violão dedilhado por Moleza. Chiquinha reza uma Ave Maria e os demais a acompanham.

Enquanto o cortejo segue, Maneco aproxima-se de Lenilda e pergunta por que ela não acompanhou o marido no funeral. Lenilda diz que Odorico está muito bem acompanhado pelas solidárias Cotinha, Dudu e Popó, as solteironas da cidade. Maneco diz que Dudu é casada e Lenilda responde que seu casamento é uma mentira, afinal, seu marido é um bobo que corre atrás de borboletas. Eles trocam algumas palavras e Maneco diz que gosta muito dela e que, por ele, já teriam ido embora da cidade. Lenilda, por sua vez, diz que precisa ter coragem para deixar

o marido e sugere que, caso Odorico seja eleito, pode até pensar em ir embora com Maneco que, no mesmo instante, pega a mão de Lenilda e pede que ela o espere em sua casa. Ambos combinam como vão se encontrar e Maneco segue até a venda e pede para Dermeval servi-lo. Dermeval serve Maneco e pergunta-lhe como anda a cidade. Maneco, educado, responde que a cidade vai mal, afinal, nada acontece ali.

A crítica à política da cidade interiorana de Odorico pode ser entendida, também, como uma crítica à ideologia política de origem marxista dos políticos e do modo como agem nossos governantes, preocupados somente em se manter no poder e aparentando defender os interesses de seu eleitorado. Observemos um exemplo extraído da peça:

Odorico

E haveremos de tê-lo [cemitério]. Se eleito nas próximas eleições, meu primeiro ato como prefeito será ordenar a construção imediata do cemitério municipal.

[...]

Bom governante, minha gente, é aquele que governa com os olhos no futuro. E o futuro de todos nós é o campo-santo.

[...]

É preciso garantir o futuro, pra ter paz e tranquilidade no presente. Quem é que pode viver em paz, sabendo que depois de morto vai ter que viajar três léguas pra ser enterrado?

[...] Mas eu, Odorico Osório, vou acabar com essa vergonha (Gomes, 1975, p. 64-65).

Nessas falas de Odorico, notamos que ele esforça-se por convencer seus eleitores de que está defendendo os seus interesses com a construção do cemitério. No entanto, o que de fato ele almeja é vencer as eleições da cidade. Dessa maneira, verificamos que ele faz harmonizar os interesses da classe dominante com o interesse coletivo, fortalecendo assim a hegemonia daquela classe.

O segundo quadro da peça inicia-se com Odorico discursando na janela da prefeitura. Ele é fervoroso nas palavras direcionadas ao povo, que o aplaude grandemente. O prefeito eleito fala da sua promessa de campanha que é a construção do cemitério e que todos poderão morrer “sossegados” a partir de agora, pois a cidade terá o seu cemitério. Em meio a seu discurso, por incentivo de Cotinha e Dudu, sua esposa Lenilda aparece na janela, embora contrariada por não gostar de aparições junto ao prefeito. Aproveitando a presença da esposa, Odorico não poupa elogios à mulher e diz que todas as mulheres da cidade deveriam seguir seu exemplo e mais aplausos e foguetes são lançados e Odorico acena para o povo. Ao sair da janela, Dirceu, Popó, Cotinha, Dudu e o Velho funcionário parabenizam Odorico por seu belo discurso. Em seguida, todos saem e Odorico fica conversando com o velho funcionário querendo saber se ele havia conseguido separar a papelada que lhe havia solicitado.

O velho funcionário informa ao prefeito que está tudo separado e Odorico inicia seu trabalho na prefeitura. Em meio aos papéis, conversa com Lenilda sobre o seu desempenho no discurso. Ela, sem dar muita confiança ao prefeito, diz que ele foi bem. Odorico pergunta sobre seu desempenho e o que disse o representante do partido, e lhe fala também que ele deveria rir mais, como Neco já havia lhe dito em outra ocasião. Lenilda comenta que o representante do partido aproveitou-se do momento da posse para se aproximar dela, e que ela rapidamente deu um basta nessa situação. Odorico defende-o, afirmando que essa gente da capital é cheia de brincadeiras e reclama que Lenilda precisa ser mais amável com as pessoas e que esta atitude pode prejudicá-lo e, então, sugere que ela precisa viajar para descansar.

Neste momento, o Velho Funcionário traz alguns papéis e Odorico observa os documentos com atenção. O Velho Funcionário informa que as contas da prefeitura estão zeradas e que resta apenas um terreno. Há apenas um restinho de verba da água e da energia. Odorico não quer saber e usa o dinheiro, embora seja advertido pelo Velho Funcionário que tal atitude é desvio de verba. Lenilda pergunta quando Odorico pretende inaugurar o cemitério e ele responde que no máximo em três meses tudo estará pronto, com direito a banda e marcha fúnebre. Lenilda diz que não estará na cidade e Odorico percebe que sua mulher não está muito bem.

Os dois conversam e ela revela ao esposo seu desejo de ir embora para outro lugar. Odorico, meio atordoado pela notícia, não se conforma. Ele diz que precisa dela de qualquer jeito e que ela não pode abandoná-lo às vésperas de sua posse. Lenilda revela a sua infelicidade total que vem de anos, diz coisas que Odorico jamais gostaria de ouvir, porém, ele insiste e revela que ama Lenilda, embora ela confesse sentir certo afeto por seu maior inimigo, Neco Pedreira. Odorico sabia desde o princípio sobre os pensamentos de Lenilda e declara que está disposto a perdoá-la, caso ela esteja disposta a, pelo menos, fingir ser sua mulher. Lenilda fica confusa e não sabe o que responder, o ato se encerra com a volta do Velho Funcionário trazendo um projeto antigo do cemitério. Lenilda despede-se e Odorico diz que as mulheres nunca entenderão o ideal de um homem.

Neste momento da peça já se delineiam o caráter moral e o perfil das personagens, por meio dos diálogos e da ação, como se pode depreender nas seguintes passagens extraídas do texto de Dias Gomes:

Odorico

Conterrâneos, esta vitória não é minha, é do povo desta terra. Se Odorico é prefeito, o povo é quem manda. Se Odorico é prefeito, o povo vai resolver seus problemas.

[...]

Aproveito para agradecer [...] principalmente a solidariedade de minha dedicada e fiel esposa: Lenilda.

[...]

Que ela, que é o modelo das esposas, seja também uma inspiração e um exemplo a ser imitado por todas as mulheres desta terra.

[...]

Cotinha

Parabéns. Foi ótimo o seu discurso.

[...]

Popó

Disse o que precisava dizer.

[...]

Velho funcionário

De um homem assim é que a gente precisa; vai direto à questão.

Dudu

Formidável.

[...]

Lenilda

Vou-me embora.

Odorico

Embora? Pra onde?

[...]

Lenilda

Não aguento mais, Odorico, minha vida com você tem sido uma mentira. Quero alguma coisa verdadeira, ainda que pior.

Odorico

Alguma coisa verdadeira, ainda que pior: Maneco Pedreira. Um bêbedo. Um cínico. Um fracassado (Gomes, 1975, p. 75-88).

Na fala de Odorico, percebe-se a sua demagogia ao valorizar o povo que o elegeu e que iria ter voz ativa nas decisões sobre os problemas da cidade, o que não ocorre em nenhum momento da peça, pois ele só se preocupa consigo próprio e com sua obsessão em inaugurar o

cemitério. Nas vozes de Cotinha, Popó, Velho Funcionário e Dudu, observa-se o povo que elegeu Odorico, manipulado pela sua capacidade de fazer belos discursos. Outro ponto a se destacar é a esposa de Odorico, que lhe é infiel, pois é amante de Maneco Pedreira, e mesmo sabendo disse, ele não quer que ela o abandone, para manter as aparências de um casamento feliz.

O terceiro quadro da peça começa com a indignação de Odorico ao folhear um exemplar d' O clarim³. Com xingamentos, Odorico fica a beira de um ataque de nervos. Ele pergunta se Cotinha já havia lido o jornal, pois Maneco Pedreira chama Odorico de demagogo, esbanjador de dinheiro e outros nomes mais. Odorico sente vontade de mandar surrar Maneco e Cotinha diz que isso o tornará mais forte ainda do que já é, afinal, Maneco Pedreira diz em seu jornal o que todos os inimigos de Odorico estão dizendo pela cidade. Odorico defende-se, afinal, o prefeito acha que tudo isso é um complô para derrubá-lo do poder e tudo por conta do cemitério. Cotinha reclama que não recebe há meses e que já começa a passar necessidades e Odorico declara que a culpa é do cemitério que ainda não foi inaugurado. Cotinha sugere que o cemitério seja inaugurado sem defunto e Odorico diz que isso será uma desmoralização para ele, afinal, inaugurar um cemitério sem morto seria o mesmo que inaugurar navio em terra firme, não teria graça. Ela explica ao prefeito que há um pedido de *impeachment* que a câmara se prepara para votar. Odorico alega que já pensou em várias coisas, entre elas, mandar buscar um morto na capital, pois na cidade não morre ninguém afogado, ninguém é preso e nada acontece.

A conversa é interrompida por Moleza, que diz ao prefeito que não achou uma vítima sequer que estivesse nas últimas. Moleza menciona que esteve com o médico e foi avisado que para morrer naquela cidade, só mesmo de velhice ou de desarranjo. Moleza pede para o prefeito ter paciência, pois logo aparecerá um defunto. Ele reclama que não recebe e Odorico rebate dizendo que ele não trabalha. Cotinha e Odorico conversam sobre Moleza. Então, entra em cena Popó trazendo notícias ao prefeito. Ela informa a Odorico sobre a vinda de seu primo Bebeto, que está na capital muito adoentado. Ela lembra Odorico que escrevera uma carta convidando o primo para se recuperar ali e que ele havia dito que a cidade até colocaria a sua disposição todas as comodidades da municipalidade para que Bebeto se recuperasse. Inicialmente, Odorico contesta que os gastos para a recuperação do doente fossem custeados pela prefeitura, mas acaba aceitando, embora corra o risco de ser atacado pela oposição. Odorico fica extasiado de alegria, tal notícia não podia vir em melhor hora.

³ O título do jornal "O Clarim" da primeira versão da peça irá se transformar em "A Trombeta" na telenovela. Levando-se em conta as posições políticas de esquerda de Dias Gomes, podemos considerar que o nome "O Clarim" seja uma homenagem a um jornal contrário ao regime militar: "O Pasquim", que foi editado entre 26 de junho de 1969 e 11 de novembro de 1991.

Sem pestanejar, Odorico pede a Moleza que vá preparando a cova, e ao Velho Funcionário que avise o Vigário e o mestre Fininho para ensaiar a marcha fúnebre. Odorico também pede a Popó que receba o primo com todas as honrarias possíveis.

No quarto quadro, a cena se passa na prefeitura, onde Popó e Cotinha esperam por Odorico. As duas conversam quando chega Dirceu Borboleta, que estranha a presença de Dudu. Apesar de casados, Dirceu não a viu pela manhã e também não sabia que estaria ali. Dirceu não acha certo o envolvimento de mulheres em política e que o povo pode começar a falar coisas e até escrever cartas anônimas, mas logo é repreendido por Cotinha. Dudu também acha estranho o comportamento do marido. Odorico chega e entra em seu gabinete. As duas logo entram atrás. Odorico quer saber das novidades, afinal, três meses já se passaram da chegada do moribundo e até agora ele não morreu. E eis que Cotinha diz a Odorico que tem uma grande notícia e que lhe causará desgosto: o primo Bebeto está totalmente restabelecido. Odorico parece não acreditar no que acabara de ouvir. Cotinha e Dudu declaram que talvez os médicos, o ar e a água da cidade tenham curado o primo.

Odorico não se conforma e culpa até Dudu pelos cuidados dados ao primo por sua aliada. Neste momento, Cotinha e Dudu trocam um olhar significativo e ambas afirmam que Dudu deveria se envergonhar por outro motivo, a traição cometida a Odorico. Ela se apaixonou pelo primo Bebeto. E, não passado muito tempo da conversa de Odorico entre as irmãs, chega Popó acompanhada de Bebeto, totalmente restabelecido. Odorico fica enfurecido em ver tamanha afronta. Bebeto, sem saber da trama, é claro, vem à prefeitura para agradecer a Odorico por tudo o que o prefeito fez para que ele se recuperasse. Odorico aperta-lhe a mão com tanta força que parece estar com muita raiva. Bebeto diz que ninguém faria tantas coisas boas por ele sem “intenção” alguma e Popó está radiante de felicidade. Ela elogia o grande coração de Odorico e suas “atitudes” para salvá-lo da “morte”. Porém, preocupada com o rumo da conversa, Popó prefere ir embora para casa e, ao que parece, não se sente bem.

Cotinha, Dudu e Odorico trocam olhares. Odorico se diz traído e reclama do ar de mansidão que tomou conta da cidade. Nada acontece e diz que até visitou a cadeia, onde quem está preso é um jegue. Ele só está lá porque deu um coice no filho do Zé Peixeiro. Na delegacia, há galinhas e não presos. Em meio à conversa, chega Mestre Ambrósio. Traz do norte, depois de alguns problemas durante a viagem, um homem que Odorico mandou buscar. Cotinha e Popó perguntam entre si que homem seria este. Odorico diz: "Mandei buscar um fazedor de defunto, pelo menos é a fama dele". Odorico pede a Cotinha e Dudu para que saiam e aguardem na sala ao lado, enquanto Ordovino explica a Odorico porque matou Coronel Lidário e toda a sua família.

Odorico pensa em tempos de fartura, enquanto Ordovino detalha a morte dos seis familiares de Lidário, justificando seu feito, porque este surrou seu irmão de 14 anos até a morte por simplesmente roubar um cavalo. Após vingar seu irmão, Ordovino teve que fugir para não ser preso. Odorico demonstra compreensão e afirma que seu passado será esquecido, pois tem interesse na vinda de Ordovino, mesmo após todo o ocorrido. E assim, Odorico tem a ideia de nomeá-lo delegado, dando-lhe toda a autoridade possível para resolver qualquer coisa na bala, afinal, ele agora é homem da lei e delegado da cidade e lhe dá como missão intimidar Maneco Pedreira, dono do jornal *O Clarim*. Ordovino sai com Mestre Ambrósio e entram Cotinha e Dudu, indignadas com a atitude de Odorico, pois sabem que o ex-cangaceiro e agora delegado é imprevisível em suas ações e reações, mas Odorico torce para que isso aconteça, principalmente se for com Maneco Pedreira.

O quinto quadro da peça se passa na prefeitura. Lá, Lenilda pergunta se é verdade que Odorico mandou o cangaceiro invadir o jornal *O Clarim*. Odorico, como sempre, diz que é inocente e nada fez. Ele acha justo que o delegado esteja pressionando Maneco Pedreira, pois o jornalista estaria há tempos publicando notícias caluniosas contra ele. Na conversa, Lenilda manifesta o desejo de ir até o jornal para saber o que está acontecendo e sabe que, de uma forma ou outra, Odorico tem participação nessa história, pois Maneco e Ordovino estão trancafiados no jornal desde cedo. Neste momento, uma multidão se aglomera em frente ao jornal e Lenilda quer ir lá, mas Odorico não permite e ela decide ir para casa. Enquanto Odorico observa toda a confusão no jornal por binóculos, entra Dudu.

Dudu pergunta a Odorico se vê algo e o prefeito responde que nada vê. Ela diz que uma confusão enorme está acontecendo lá dentro e que tanto Maneco Pedreira e o Cangaceiro Delegado não são flor que se cheirassem, e que esta confusão podia render muita notícia. Odorico defende o delegado, dizendo que ele está fazendo Maneco “comer” o jornal com as notícias caluniosas. Eles ouvem dois tiros e Odorico fica numa mistura de alegria e preocupação, acreditando que tudo está indo conforme o “plano inicial”. Tanto Odorico quanto Dudu estão apreensivos, pois Maneco pode virar mártir e isso frustraria os planos de Odorico. Porém, enquanto ambos conversam, surge Maneco Pedreira dando gargalhadas da cara de Odorico. Boquiaberto, Odorico não acredita no que escuta da boca do rival, que revela que Ordovino é agora seu colaborador e que a história de sua vida ganhará as páginas de *O Clarim* e lhe entrega já a primeira edição.

Odorico pergunta onde está o traidor e quer tirar a história a limpo. Maneco diz que Ordovino está na redação tirando fotos e que os tiros disparados foram para dar realismo na foto que ilustra a matéria com Ordovino e sai. Logo em seguida, chega Ordovino para se explicar

com o prefeito. Ele foi convencido por Maneco, declara que muitas coisas estão erradas e que todos têm direito de se manifestar perante a lei. Ordovino diz que estava cansado de fugir da polícia, que prometeu ao Vigário ser um homem bom e sai. Dudu, que observa a conversa, está perplexa e não acredita no que acaba de ouvir e ver. Odorico pede para Dudu ir até a redação do jornal e falar para Maneco que precisa vê-lo. Dudu sai e avisa que Dirceu está com atitudes estranhas em relação a ela e que, se ele chegasse, era para esperá-la.

Passado algum tempo, chega Dirceu Borboleta com sua rede e pergunta por Dudu. Odorico responde que ela pediu-lhe para esperar, já xingando Maneco Pedreira. Dirceu entende que sua esposa foi atrás de Maneco, afinal, está recebendo cartas anônimas há tempos e sua desconfiança tem aumentado. Odorico, espertamente, não desmente que Dudu tenha ido ao jornal apenas para chamar Maneco Pedreira para uma conversa. Sagaz, o prefeito joga com as palavras e insinua que Dudu trai Dirceu Borboleta com Maneco. Está armada, então, uma confusão. Odorico, calculadamente, influencia Dirceu Borboleta a lavar sua honra, e arma-o com um revólver de “estimação”, dizendo-lhe que ele precisa corrigir esse erro.

Odorico alega que a cidade inteira está sabendo e que não resta nada mais a Dirceu, a não ser, fazer justiça. Ao sair confuso, atordoado e envergonhado, Dirceu esbarra em Cotinha, que nada entende. Odorico também mente a Cotinha e afirma que Dirceu Borboleta irá lavar sua honra, pois ele descobrira que sua mulher o traía com Maneco Pedreira. Cotinha fica estarecida. Não se passa muito tempo, ouvem-se seis tiros. Odorico vai até a janela e observa uma correria. Todos gritam: “assassino”, e Dirceu Borboleta entra correndo com o revólver na mão. Afoito, ele diz que seus óculos caíram e que ele acertou sua esposa, Dudu. Sem saber o que fazer, Odorico sugere que ele fuja pelo quintal e fique na igreja. Deixando o revólver com Odorico, Dirceu Borboleta sai correndo e logo em seguida chega Ordovino, procurando pelo assassino. Com uma mistura de tristeza e alegria, Odorico percebe que seu plano deu errado em “partes”. Mas não fica parado e sai, afinal, seu defunto acabou de “chegar”.

O sexto quadro é marcado pelo velório de Dudu em uma das salas da prefeitura. No velório, Moleza, Lenilda, Velho Funcionário, Chiquinha dos Padres, Popó e Bebeto velam o corpo de Dudu. Mestre Ambrósio bebe um gole da garrafa que está escondida e confessa que em muitos anos não havia visto morte tão trágica na cidade. Enquanto Odorico corre pela cidade para promover o velório, Chiquinha reza uma prece. Durante o velório, Moleza, Popó e o Velho Funcionário conversam sobre tamanha crueldade feita a Dudu. Maneco Pedreira aparece no velório e todos o criticam, pois acreditam que tudo foi sua culpa. Ele vê o caixão onde está Dudu e se afasta. Lenilda o segue e eles conversam sobre o porquê do acontecido. Maneco insistentemente culpa Odorico por tudo e tem bons motivos para achar que ele está por trás do

ocorrido, afinal, sente-se usado pelo prefeito. Suas suspeitas são muito fortes, pois, em visita à cadeia, não o deixam falar com Dirceu.

Lenilda não gosta da insinuação e quer saber se Maneco Pedreira irá noticiar o ocorrido, e Maneco responde que sim, pois esta é uma oportunidade única para se desmascarar Odorico. Maneco sai e Lenilda vai conversar com Cotinha. O tom da conversa não é nada animador. Lenilda a acusa de se insinuar para Odorico a vida toda, mas ela não perde a linha. Odorico, muito bem vestido, entra ao som da marcha fúnebre que toca do lado de fora e é recebido por Moleza. Odorico ordena-lhe que vá imediatamente ao cemitério preparar tudo e que não tem por que ele ficar ali. Odorico pergunta se Cotinha já havia preparado tudo e ela diz que sim, o que deixa Odorico imensamente feliz. Ele acredita que o ocorrido irá mudar sua situação, afinal, a inauguração do cemitério está próxima. O prefeito procura em seus bolsos o discurso que havia preparado. Ordovino entra e avisa que na delegacia está tudo calmo, sob controle. Odorico ordena que a banda comece a tocar a marcha fúnebre e segura em uma das alças do caixão, assim como Ordovino, e fazem pose todos sorridentes e são fotografados por Beбето, que também acompanha o velório. Ao som da banda, o cortejo segue e, ao sair porta afora, entra o Vigário pedindo para paralisar o cortejo. Todos ficam surpresos e o Vigário mostra uma carta vinda da capital. A carta reivindica o corpo para ser enterrado no mausoléu da família, em Salvador.

Odorico fica enfurecido e resiste de todas as formas a tal informação. Discursa para todos tentando convencer os presentes e é aplaudido por Cotinha, Popó, Beбето, o Velho funcionário e Chiquinha dos Padres. Todos querem que o enterro seja feito na cidade. O vigário diz que isso é um direito da família e que ele, como prefeito, precisa respeitar tal ato, mas Odorico nega-se e discursa para os presentes: “É o direito, é a liberdade, é a civilização cristã que está em jogo. Ou enterramos Dudu, ou nos enterramos!”.

O sétimo quadro da peça se passa na manhã seguinte. Enquanto Odorico dorme numa cadeira ao lado do caixão, também estão Chiquinha dos Padres, Cotinha e Moleza. Cotinha olha para a janela e percebe que as luzes do jornal *O Clarim* ficaram acessas durante a noite. Odorico, associando as ideias, pergunta onde está Lenilda, e é avisado por Cotinha que ela foi para casa descansar. Então, entra o vigário dizendo a Odorico que ficou a noite toda tentando convencer os parentes de Dudu para que deixassem o corpo ser enterrado ali, mas que sua tentativa foi em vão.

Odorico resiste e diz que o corpo dali não sai. O Vigário avisa que a família tem meios legais para fazer cumprir as suas vontades. A defunta começa a exalar um cheiro forte e Odorico e Cotinha têm a ideia de embalsamar o corpo, ideia essa logo frustrada pelo Vigário. Neste

tumulto todo, chega Ordovino com um papel do juiz e mostra a Odorico. Este briga com Ordovino, afinal, o delegado deveria cumprir ordens do prefeito, e não do juiz. Ordovino quer que a lei seja cumprida de qualquer forma e Odorico, alterado, demite Ordovino, que sem entender nada sai. Cotinha e o Vigário elogiam a decisão do prefeito, afinal, Ordovino não tinha o perfil ideal que se exige para um delegado. Porém, a ordem de devolução do corpo à família precisa ser cumprida. Odorico e o Vigário conversam sobre o assunto, mas, reticente, Odorico não quer cumprir a ordem. O vigário, afirmando não poder tomar partido naquela situação, deixa Odorico com Cotinha e vai para igreja esperar pelo desfecho da história.

Mal sai o Vigário, entra Maneco Pedreira. Ele diz que precisa conversar com Odorico e, sem pestanejar, diz que esteve com Dirceu Borboleta na cadeia e que sabe de tudo. Maneco Pedreira mostra uma edição do jornal e avisa Odorico que a história irá para as páginas d'*O Clarim*. Enfurecido e sem saber o que fazer, Odorico pega o jornal e o rasga. Maneco Pedreira ri e conta a Lenilda, que está presente, que quem convenceu Dirceu Borboleta a matar Dudu foi Odorico. Cotinha, Moleza e Chiquinha dos Padres, que estão na sala ao lado, ouvem tudo. Lenilda não se conforma com a atitude do marido, embora o conheça bem e saiba do que ele é capaz. Odorico defende-se, enquanto na rua passa um jornaleiro vendendo o jornal e o povo se aglomera para comprar a edição. Maneco Pedreira sai e, junto dele, Lenilda o acompanha.

Em seguida, entram Beбето e Popó lendo o jornal e olhando para Odorico com desconfiança. Eles dizem algumas palavras de acusação ao prefeito e saem novamente, preferindo esperar do lado de fora, já que o cheiro do cadáver começou a incomodar. A única pessoa que parece estar ao lado de Odorico é Cotinha. Odorico, vendo que sua fiel escudeira ainda está do seu lado, abraça-a. Cotinha o afasta e diz que dificilmente Odorico se sairá bem daquela situação.

Odorico, então, tem uma ideia que parece ser brilhante. Diante de todo aquele problema e para que o povo voltasse novamente para o seu lado, tem a ideia de forjar um atentado, no qual ele seja a vítima. Ele insinua que uma surra o colocaria de novo como mártir do povo e Cotinha declara que isso de nada adiantaria. É preciso algo mais. Então, Odorico derruba alguns móveis e afirma que dirá que quatro ou cinco homens tentaram arrancar-lhe o cadáver e que ele, pela soberania da cidade, lutou bravamente para impedi-los. Os homens atiraram e ele, com uma velocidade espantosa, conseguiu escapar. Cotinha aceita a ideia e sugere que o prefeito ao menos fique ferido, assim a história seria mais verossímil. Odorico pega o revólver, mira em seu pé e atira.

No oitavo quadro, já no portão do cemitério, Pedrão e Moleza conversam sobre a escritura em latim "*Revertere ad locum tuum*"⁴ e dizem que não sabem o que está escrito ali. Os dois elogiam o capricho na construção do cemitério, bebem cachaça e querem saber qual será a hora certa, afinal de contas, estão ali a noite toda. Quando se dão conta, avistam o cortejo vindo em direção ao cemitério. Ambos escondem a garrafa de aguardente e esperam pelo cortejo, que entra no cemitério. Carregando o caixão estão Maneco Pedreira, Mestre Ambrósio, Dermeval, Cotinha e o Velho Funcionário. Acompanham o cortejo Lenilda, Popó, Chiquinha dos Padres, Bebeto e Ordovino. Quando adentra o cemitério, Cotinha pede para que parem e pergunta onde está o Vigário. Maneco responde que ele não vem e que irão esperar à toa e complementa dizendo que suicida não tem direito à benção. Todos concordam. Porém, não é somente o Vigário que não está no cortejo, ainda faltam o presidente da câmara e o novo prefeito da cidade. Moleza logo avisa que o presidente da câmara está ao lado da cova já há algum tempo.

Por estar pesado, Mestre Ambrósio decide baixar o caixão e todos esperam - Ordovino, Dermeval, Popó, Lenilda, Bebeto, Chiquinha dos Padres, Velho Funcionário e Maneco Pedreira. Pedrão pergunta sobre a banda e Dermeval responde que a banda não vem, pois mestre Fininho e os músicos ficaram chateados por que Odorico disse em outras oportunidades que a banda desafinava. Mestre Ambrósio e Dermeval aproveitam o calor e tomam um gole de cachaça. Ordovino comenta que mesmo que tenha demorado, o cemitério será inaugurado. Lenilda conversa com Maneco Pedreira sobre o que levou Odorico a cometer o suicídio. Lenilda confessa que sente remorso e culpa por tudo. Maneco pede que ela limpe a sua consciência. Dermeval faz uma piada sobre o defunto e todos riem.

Aproveitando-se do momento, Bebeto insinua que sua vinda para a cidade seria por conta do seu grave estado de saúde e Popó confirma que isso é verdade. Maneco e Lenilda pensam em sair da cidade, afinal nada mais lhes resta a fazer. Maneco pensa até em procurar outra cidade que tenha outro Odorico. Moleza aparece na porta do cemitério e pergunta se enterrarão ou não o defunto. Pedrão começa a cantar e também junto a ele Ordovino, Dermeval e Mestre Ambrósio completam o coro. Popó pede que cessem o canto, pois o Vigário estava chegando. Ele pergunta a Cotinha se o que ela disse era verdade. Cotinha confessa ao Vigário o que aconteceu no dia da morte de Odorico. Declara que Odorico mirou o revólver no pé e atirou, mas a bala atingiu o pé de metal de uma cadeira e foi parar no seu coração.

O Vigário diz que contará a história apenas aos seus superiores da igreja e Cotinha concorda. Popó, Bebeto e Chiquinha dos padres chegam perto e perguntam se está tudo bem e Cotinha diz que o Vigário concordou em rezar a missa e benzer o corpo. O vigário se explica a

⁴ "*Volte para o lugar de onde vieste*" ou "*Voltar ao lugar de origem*".

todos e diz que irá fazer o que seu ofício manda. Maneco Pedreira pede que ergam o caixão e o cortejo continua, com o Vigário à frente. Moleza, Mestre Ambrósio, Dermeval e Pedrão estão no final do cortejo. Totalmente embriagados, dançam e cantam. O cortejo entra no cemitério ao som de um samba: “Se quiser sambar / vá na Piedade amanhã... (Gomes, 1975, p. 203) e assim a peça é encerrada.

A peça *Odorico, O Bem-Amado* teve várias montagens ao longo do tempo e teve sua adaptação para uma telenovela, em 1973, posteriormente virou seriado e, em 2010, foi transformada em filme, obtendo grande sucesso.

A TELENOVELA O BEM AMADO

Com direção de Régis Cardoso, supervisão de Daniel Filho, a adaptação da obra teatral *Odorico, O Bem Amado ou Os Mistérios do Amor e da Morte*, de Dias Gomes, para a televisão, foi ao ar no dia 22 de janeiro de 1973, pela Rede Globo de Televisão. A telenovela foi exibida até 03 de outubro⁵ do mesmo ano, no horário das 22 horas, e teve um total de 178 capítulos.

O Bem Amado foi a primeira telenovela a ser transmitida em cores no Brasil, colocando o país como umas das referências de teledramaturgia do mundo. Também, foi um dos primeiros trabalhos brasileiros a fazer sucesso no exterior⁶. A telenovela foi exibida, em 1976, no México e, posteriormente, nos demais países da América Latina. Segundo José Dias (2009, p. 77), em 22 de agosto de 1977, foi ar o primeiro capítulo de *El Bien Amado*, o que foi profundamente comemorado pelas autoridades brasileiras da época.

Algumas curiosidades da telenovela podem ser destacadas. A primeira delas é que, em 1973, a produção da telenovela teve que suprimir as falas dos trechos nos quais a palavra “coronel” era mencionada, em referência ao prefeito Odorico Paraguaçu e “capitão”, em alusão ao personagem Zeca Diabo. Tal fato se deu por conta da ditadura militar, que se sentiu atingida, já que as falas eram direcionadas a personagens que tinham uma imagem considerada negativa ou ruim. Outro fator problemático, relatado por Daniel Filho, que ocorreu durante as filmagens, foi a dificuldade técnica empregada pelo uso de novos equipamentos e os ajustes nas tonalidades das cores.

Ainda de acordo com Daniel Filho, o branco “saturava” e as imagens rasgavam devido aos reflexos das lentes. Uma das principais estrelas da telenovela, Dilma Lóes, que interpretava a personagem Anita Medrado, sumiu após um determinado período das filmagens. Seu sumiço foi justificado pelo encerramento do contrato e como ela não havia renovado, o autor foi

⁵ Fonte: www.memoriaglobo.com. Acesso em: 13/04/2014.

⁶ Fonte: www.teledramaturgia.com.br/tele/bem-amado. Acesso em: 20/04/2014.

obrigado a matar Anita com um tiro, utilizando o dublê de costas na cena. A personagem Telma, filha do prefeito Odorico, interpretada pela jovem Sandra Bréa, na verdade era para ter sido vivida por Dina Sfat, assim como Oswaldo Louzada daria vida ao personagem Libório, farmacêutico da cidade, que foi vivido por Arnaldo Weiss. *O Bem Amado* teve em sua trilha sonora 11 canções compostas por Toquinho e Vinicius de Moraes, sendo a música de abertura interpretada pelo coral Som Livre, já que a música *Paiol de Pólvora* fora censurada por conter versos considerados como “estranhos” pela censura.

Abaixo, transcrevemos o nome dos personagens da trama e dos atores que os interpretaram.

Elenco:

Ator	Personagem
Paulo Gracindo	Odorico Paraguaçu
Lima Duarte	Zeca Diabo (José Tranquilino)
Zilka Salaberry	Donana Medrado
Emiliano Queiroz	Dirceu Borboleta (Dirceu Fonseca)
Ida Gomes	Dorotéia Cajazeira
Dorinha Duval	Dulcinéia Cajazeira
Dirce Migliaccio	Judicéia Cajazeira
Lutero Luiz	Lulu Gouveia
Rogério Fróes	Vigário
Sandra Bréa	Telma Paraguaçu
Jardel Filho	Juarez Leão
Álvaro Aguiar	Hilário Cajazeira
Ana Ariel	Zora Paraguaçu
Suzy Arruda	Florzinha Fonseca
Juan Daniel	Pepito
André Valli	Ernesto Cajazeira
Valeria Amar	Jaciara
Ferreira Leite	Joca Medrado
Wilson Aguiar	Nezinho do Jegue
Augusto Olímpio	Cabo Ananias
Teresa Cristina Arnaud	Mariana

Ator	Personagem
Jorge Botelho	Nadinho
Dilma Lôes	Anita Medrado
D'Artagnan Mello	Carlito Medrado
Angelito Mello	Mestre Ambrósio
Arnaldo Weiss	Libório
Guiomar Gonçalves	Maria da Penha
Apolo Corrêa	Maestro Sabiá
Eliezer Motta	Quelé
Antônio Carlos Ganzarolli	Tião Moleza
João Carlos Barroso	Eustórgio
Isolda Cresta	Odete
Rafael de Carvalho	Coronel Emiliano Medrado
João Paulo Adour	Cecéu Paraguaçu
Lídia Mattos	Dona Virgínia
Gracindo Jr.	Jairo Portela
Maria Cláudia	Gisa (Adalgisa Portela)
Carlos Eduardo Dolabella	Neco Pedreira
Ruth de Souza	Chiquinha do Parto
Milton Gonçalves	Zelão das Asas

Participações Especiais:

Ator	Personagem
Adelaide Conceição	Sofia Cajazeira
Alcino Cunha	Tonhão
Analy Alvarez	Lúcia Leão
Antônio Vitor	Juiz de Sucupira
Auricéia Araújo	Dona Hermínia (Mãe de Zeca Diabo e de Glória)
Geny do Amaral	Rosa Paraguaçu
Jorge Cândido	Hoteleiro
Maria Tereza Barroso	Cotinha Cajazeira
Mário Petraglia	Damião
Marta Anderson	Geruza

Ator	Personagem
Nanai	Dermeval Barbeiro
Nair Prestes	Balbina
Roberto Cesário da Silveira	Pé de Chumbo ⁷

Em 1980, na TV Globo, sete anos após o lançamento da telenovela que foi sucesso em muitos países, estreava *O Bem Amado* no formato de seriado, que voltaria a ser exibido com 220 episódios⁸, sob a direção de Régis Cardoso, Jardel Mello, Yves Hublet, Mariano Gatti e Oswaldo Loureiro. Certamente que, por se tratar de um seriado, algumas características foram adaptadas, afinal, uma telenovela era muito longa e o seriado não. O seriado ficou no ar até 1984, enfrentando veemente perseguição da censura e ditadura militar. A seguir, faremos um resumo da telenovela baseado na trama principal e nas tramas paralelas, bem como os núcleos e os seus desenvolvimentos.

A trama tem início com o caminhar de Mestre Ambrósio, Zelão, Chiquinha do Parto e um cachorro vira-latas pela Praia. Mestre Ambrósio e Zelão carregam enrolado numa espécie de rede, o corpo de um pescador que morrera na beira da praia. Mestre Ambrósio e Zelão estão cansados e decidem parar um pouco e ir até a venda de Dom Pepito para beber aguardente, pois ainda lhes restam muito a caminhar. Lá, no bar de Dom Pepito, ficam por pouco tempo e logo vão à igreja para pedir a benção ao vigário. Conversam sobre os motivos da morte do pescador e relatam que, quando o encontraram, o cachorro estava lambendo seu rosto.

A conversa dura pouco e, logo, eles decidem continuar o “cortejo”. A viagem ainda é longa, afinal, Sucupira não possui cemitério. Na sua saída, Zelão avisa que logo voltará para cumprir sua promessa. Em meio a tudo isso, Odorico, com uma faixa onde está escrito “vote em um homem sério e ganhe um cemitério”, discursa em praça pública para o povo de Sucupira ao som de uma banda. Odorico Paraguaçu é rico, dono de fazenda e de uma fábrica de azeite de dendê. Suas falas são carregadas de neologismos e têm como tema principal a falta do cemitério municipal. Seu discurso é endossado pela presença e apoio das irmãs Cajazeiras, que na peça não eram irmãs e tinham nomes diferentes: Cotinha, Popó e Dudu. O que é semelhante em relação às personagens da peça e às irmãs Cajazeiras é que todas tinham um verdadeiro fascínio por Odorico, que as seduziu e as transformou em suas amantes.

⁷ Fonte: [http://www.pt.wikipedia.org/wiki/O_Bem_Amado_\(telenovela\)](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/O_Bem_Amado_(telenovela)). Acesso em: 30/05/2014.

⁸ Fonte: www.oglobo.com/nostalgia/obemamado1980. Acesso em: 10/04/2014.



Figura 2. O prefeito e coronel Odorico Paraguaçu, prefeito de Sucupira (Paulo Gracindo).
Fonte: [FE2].

As cajazeiras são três irmãs solteiras que pregam a legalidade e a moralidade e Odorico tem sobre elas certa influência amorosa. Em outra parte da cidade, a oposição, formada por Lulu Gouveia, Neco Pedreira e Ana Medrado também discursam. Sucupira vive um momento eleitoral e Odorico promete, caso seja eleito, construir um cemitério. Ele sonha com tal feito. Antes mesmo da eleição, um possível defunto aparece. Trata-se de seu Libório, o farmacêutico da cidade. Libório é um homem simples que, ao descobrir a traição da mulher, fica transtornado e tenta se enforcar. Porém, ele não consegue e é salvo por Dirceu Borboleta, que caçava borboletas pelo mesmo local. Dirceu é visto como “herói” de Sucupira. Odorico Paraguaçu é eleito prefeito da cidade.

Sem perder tempo, após sua posse, Odorico imediatamente inicia a construção do cemitério municipal, que era a sua maior promessa de campanha. Em meio a construção do cemitério, Odorico precisa ir a Salvador, para visitar sua filha, Telma, que não via há tempos. Lá, Odorico conhece o Dr. Juarez Leão e descobre que sua filha está muito mal de saúde. O médico que trata de Telma não parece ser um profissional confiável e aparenta estar transtornado com alguma coisa. Além de beber muito, Dr. Juarez Leão usa de palavreado rude para lidar com Odorico. Ele não sabe, mas, recentemente, o médico perdera a esposa na mesa

de cirurgia. Ele aconselha a Odorico que leve sua filha para Sucupira, por acreditar que lá ela iria se recuperar melhor. Telma resolve ir com o pai e demonstra sentir algo forte por Juarez.

Odorico e Telma chegam a Sucupira e, logo, Neco Pedreira se interessa pela bela jovem. Eles se veem várias vezes, beijam-se e iniciam um relacionamento, embora Telma esteja apaixonada pelo Dr. Juarez Leão. O detalhe é que Neco também tem um envolvimento com Anita Medrado, uma órfã, que teve o pai morto numa emboscada por um dos Cajazeiras. Anita enfurece-se ao saber que Neco a trocou por outra mulher, ainda mais por ser uma Paraguaçu-Cajazeira. Não é somente Anita Medrado que fica irritada, Odorico também, afinal, Neco Pedreira é um dos seus grandes rivais, que publica várias notícias contra Odorico no jornal *A Trombeta*. Odorico vê em Neco um inimigo, cujas notícias por ele publicadas nunca lhe eram favoráveis.

Telma, filha de Odorico, é jovem e na telenovela, pode ser considerada como um símbolo da revolução da época e ao longo da trama se mostra contrária às atitudes de Odorico como pai e prefeito da cidade. De certo modo, ela faz o que pode para transmitir uma imagem de mulher forte e livre. Sempre que pode, faz oposição ferrenha ao pai, sempre fazendo uso de palavras acusadoras. Em alguns momentos da trama, ela afronta Odorico com a sombra do passado da morte da mãe, nos quais ela menciona uma surra que Odorico tinha lhe aplicado como forma de correção sobre uma possível traição. Isso faz com que Odorico fique pensativo e angustiado.

As afrontas de Telma são representadas pelo seu romance com Neco Pedreira e, depois da chegada do Dr. Juarez Leão, as coisas ficam ainda mais complicadas. Inicialmente, o médico rejeita Telma, uma vez que o fantasma da morte de sua esposa o atormenta. Embora não assumam o seu amor, são literalmente apaixonados um pelo outro. Telma apoia o Dr. Juarez Leão e, depois de todo desenrolar da telenovela, reata seu romance com ele, e os dois decidem ir embora da cidade.

Neco Pedreira, grande opositor de Odorico, ataca-o do princípio ao fim da telenovela e suas notícias são certeiras e tiram Odorico do sério. Ele é um jovem jornalista, cheio de ideais. Namora Telma e se esforça por conquistá-la. Porém, Neco se sente desprestigiado por estar numa cidade tão pequena e que nada de importante acontece. Os ciúmes de Telma o forçam a buscar alternativas drásticas para sair de Sucupira. Ele vai para o Rio de Janeiro tentar a sorte. Lá, é preso e fica uma semana na cadeia por conta de uma falsa acusação de relação com o tráfico e acaba voltando frustrado.



Figura 3. Neco Pedreira (Carlos Eduardo Dolabella) e Telma (Sandra Bréa) caminhando na praia. Fonte: [FE3].

Cecéu, o outro filho de Odorico, é um jovem considerado rebelde e sua reação ao longo da trama tem mais a ver com ações do coronel e pai Odorico, do que com o Odorico prefeito. Cecéu tem um amigo hippie chamado Nadinho, que vem da capital e também é filho de um grande coronel. Cecéu e Nadinho realizam algumas façanhas que, de certo modo, desagradam o pai. Ambos perseguem na praia a bela Anita Medrado e Cecéu insinua seu intento de abusar da jovem moça e é interrompido por Nadinho. Aparentemente, as brincadeiras parecem ser inocentes e sem más intenções. No entanto, Anita fica com medo dos jovens e, a partir deste ponto, decide evitá-los de todas as formas. Durante a história, um fato ganha espaço na trama. Nadinho, aparentemente apaixonado, tenta se conciliar com Anita. Ele persegue a moça num certo matagal e, sem possibilidade de fuga, ela acaba agredindo Nadinho com uma pedrada na cabeça. Ao ver o jovem caído no chão e com sangue na cabeça, Anita foge desesperada imaginando que o tenha matado.

Dirceu Borboleta encontra o rapaz caído e também acha que o jovem está morto e, imediatamente, vai comunicar o fato ao prefeito, afinal, está ali a primeira oportunidade de inaugurar o cemitério. Porém, Nadinho não está morto e, juntamente com Cecéu, resolvem pregar uma peça em todos, desaparecendo. Anita Medrado fica desesperada ao saber que matou um homem, embora ela tente esconder isso de todos, já que sua avó, Donana Medrado, é a

delegada da cidade. Depois da vã tentativa de esconder o homicídio e de quase ser presa, ela confessa o crime. Anita só é salva porque Nadinho e Cecéu são vistos várias vezes e acabam descobertos, o que dá fim à brincadeira. Quem fica enfurecido com tal acontecido é Odorico, que perde mais uma vez a chance de inaugurar o cemitério.



Figura 4. Cecéu (João Paulo Adour), Odorico (Paulo Gracindo) e Telma (Sandra Bréa) (Família Paraguaçu). Fonte: [FE4].

Juarez Leão é o médico que residia em Salvador e se muda para Sucupira e acaba reencontrando Odorico e Telma. Ele é o personagem na telenovela que mais frustra os planos de Odorico. Sua chegada a Sucupira é uma solicitação do prefeito que tem interesses políticos. Odorico prepara a inauguração do cemitério e chama o Vigário e seus correligionários políticos para a inauguração. Porém, Juarez Leão destrói o cenário que fora preparado, sob aplausos de Neco Pedreira.

Odorico resolve investigar a sua vida, porque considera muito estranho um médico deixar a capital para clinicar em uma cidade como Sucupira. Ele é um sujeito grosso e mal educado e a pessoa mais próxima que compreende seus maus-tratos é Chiquinha do Parto. Dr. Juarez Leão é avesso à politicagem e Odorico tenta convencê-lo a apoiá-lo. O médico é atormentado pelas lembranças da perda da esposa. Ele cura todos os doentes da cidade, deixando Odorico muito irritado, pois ele queria que alguém morresse para inaugurar o

cemitério, mas isso não acontece. A filha de Odorico, Telma, tem fascinação e é apaixonada pelo médico, mas ele, sempre rude, maltrata a moça. Dr. Juarez Leão e Telma, ao longo da telenovela, trocam farpas e rusgas de amor, mas no fim acabam juntos.

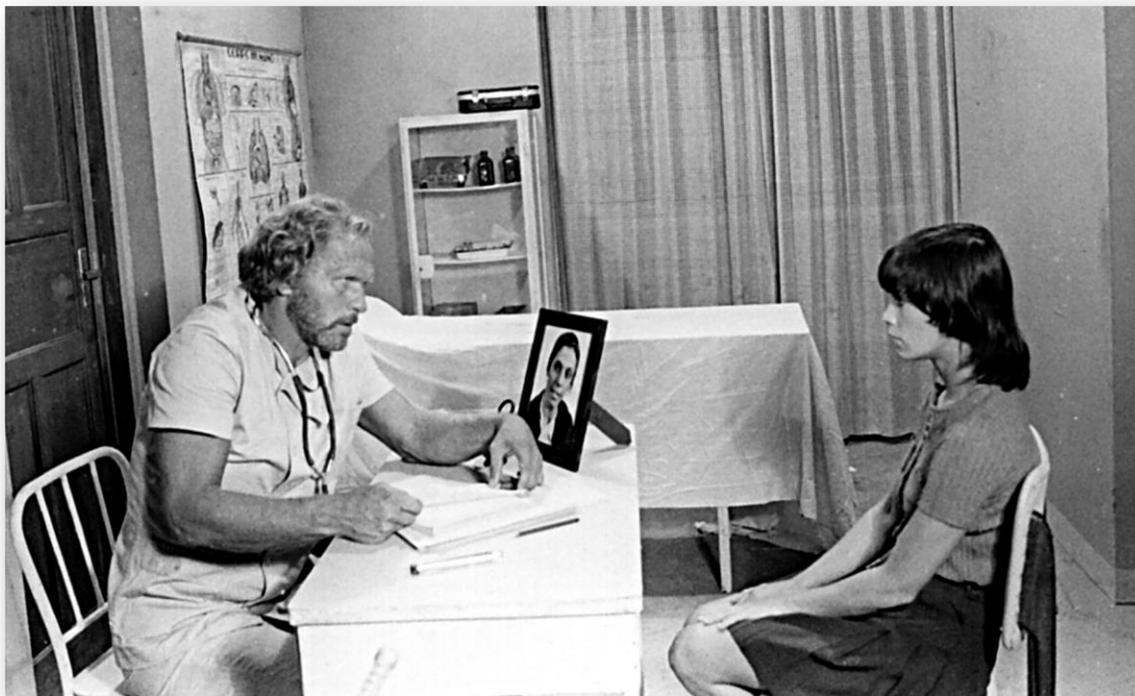


Figura 5. Dr. Juarez Leão (Jardel Filho) e Anita Medrado (Dilma Lóes). Fonte: (Dias, 2009, p. 75).

As irmãs Cajazeiras - Dorotéia, Dulcinéia e Judicéia - são três moças solteiras que pregam a santidade, a castidade e princípios morais entre as mulheres Sucupiranas. Frequentam a igreja, mas as três mantêm, às escondidas, um romance com Odorico sem que uma saiba da outra. Dorotéia é a irmã mais velha e forte aliada política de Odorico. É vereadora da cidade e, na câmara, representa o partido do prefeito. Por ser a mais velha das irmãs, é a que mais sofre por estar solteira, embora Odorico tenha prometido casar-se com ela. Além de vereadora, Dorotéia é a professora da escola da cidade e lá ajuda a alfabetizar crianças e adultos.

Com a chegada de Zeca Diabo à cidade, inicialmente, o pânico se espalha e ela também fica muito aflita e para proteger sua dignidade, mantém-se à distância. Seu primeiro contato com Zeca Diabo é na igreja. Desde então, Dorotéia acredita ter encontrado seu príncipe encantado. Sem saber quem é Zeca Diabo, ela o convida para estudar e ir até a sua casa. Somente mais tarde, ela irá descobrir que o esforçado aluno e futuro pretendente a marido é, na verdade, um cangaceiro, que matou várias pessoas. Mas aí já é tarde, pois Dorotéia Cajazeira está apaixonada

por ele e tenta de todas as formas fazê-lo ficar com ela. Mesmo sabendo da fama de Zeca Diabo, ela insiste em namorá-lo, embora ele sempre fuja dela.



Figura 6. As irmãs Dorotéia (Ida Gomes), Dulcinéia (Dorinha Duval) e Judicéia (Dirce Migliaccio), Cajazeira em momento de oração antes de dormir. Fonte: (Dias, 2009, p. 72).

Dulcinéia Cajazeira é a irmã do meio. Romântica, ela também é enganada por Odorico. Por acreditar tanto que Odorico é um bom homem, ela acaba caindo na lábria do prefeito e o resultado desse relacionamento gera uma criança. Para proteger sua vida particular e sua carreira política, Odorico usa de suas artimanhas e a convence a se casar com Dirceu Borboleta. Dirceu Borboleta tem certa afeição por Dulcinéia, mas sua timidez o impede de se aproximar. Dulcinéia o convence e os dois sobem ao altar. O plano de Odorico não dá totalmente certo. Após o casamento, Dulcinéia descobre que Dirceu Borboleta fez um voto de castidade, quando criança, para curar-se de uma enfermidade terrível. Mas Dulcinéia, grávida, não desiste e, uma noite, descobre que Dirceu Borboleta é sonâmbulo. Ela convence-o de que ele havia quebrado sua promessa durante um ataque de sonambulismo. Feito isso, Dirceu se convenceu e Dulcinéia revela-lhe que está grávida e ele acredita que será o pai da criança e os dois se casam.

A irmã caçula, Judicéia Cajazeira, é a mais ferosa dentre as três. Durante a trama, os capítulos em que ela está envolvida são basicamente carregados de humor. É ela quem cuida do primo Ernesto, que vindo da capital, está "nas últimas". Por estar "nas últimas", até o Vigário dá-lhe a extrema unção. Mas o primo é sequestrado, curado e devolvido sem risco de morte. Judicéia se apaixona por Ernesto e até se torna sua noiva. Entretanto, para a surpresa geral, uma mulher chega a Sucupira e junto com ela mais cinco crianças, todas elas filhas de Ernesto. Sem

saber que seu primo era casado, Judicéia fica revoltada e imediatamente Ernesto vai embora e não volta mais.

Durante alguns capítulos, ela mantém as esperanças de que ele possa voltar, mas isso não acontece. Sabendo da carência da pequena Cajazeira, seu Nezinho do Jegue decide enviar-lhe algumas cartas de amor. Sem saber escrever, Nezinho do Jegue chama o amigo Mestre Sabiá para ajudá-lo nessa empreitada. Os dois decidem enviar as cartas e assim tentar conquistar Judicéia. As cartas surtem efeito e eles decidem marcar um encontro. Porém, o encontro não acontece da forma esperada e Judicéia acredita estar sendo cortejada pelo Vigário da cidade, já que ela o vê com rosas na mão no mesmo local onde marcou o encontro com seu pretendente secreto.

Muito tempo depois, ela descobre que não era o Vigário quem estava enviando as cartas. Sua atenção se volta para o Dr. Juarez Leão, que é um homem culto, e que saberia escrever uma carta com palavras bonitas. Contudo, a expectativa de Judicéia finda quando ela descobre que o médico também não é o autor das cartas. Somente no final é que ela irá descobrir que Nezinho do Jegue era o seu admirador secreto, embora Mestre Sabiá tentasse se passar pelo homem apaixonado.

Com a chegada do casal de “malandros” Jairo e Gisa Portela, algumas situações se tornam importantes para que Odorico tenha o seu defunto. Jairo é um homem de fala persuasiva. Com astúcia, ele convence o prefeito e os pescadores da cidade, que são liderados por Mestre Ambrósio e Zelão, a comprarem seus saveiros de forma facilitada para o pagamento e, em troca, os pescadores devem lhe vender o peixe pescado por preço melhor. Com desconfiança, os pescadores aceitam a proposta.

Com o passar do tempo, Jairo Portela enriquece às custas dos pobres pescadores e então começa a oprimi-los. Mesmo casado com a bela Gisa Portela, Jairo não se contém e ao visitar a casa de Mestre Ambrósio para um acerto de contas, encontra Mariana, uma bela adolescente e não resistindo aos encantos dela, acaba abusando e desonrando-a. Mestre Ambrósio percebe que algo aconteceu com a filha, mas Mariana tenta guardar segredo de todas as formas durante a trama e não revela ao pai quem foi o homem que lhe tirou a virgindade.



Figura 7. Gisa (Maria Cláudia), Jairo Portela (Gracindo Jr.) e Dirceu Borboleta (Emiliano Queiroz). Fonte: (Dias, 2009, p. 71).

Zé Tranquilino, mais conhecido como Zeca Diabo, logo percebe que algo errado aconteceu com sua sobrinha. Ela acaba revelando somente a Gisa, esposa de Jairo, que foi seu marido quem a seduziu. Revoltada, Gisa imediatamente rompe seu casamento com Jairo e pede abrigo na casa de Odorico, que passa então a espionar a bela moça, acreditando em alguma possibilidade de relacionamento entre ambos. Para “*decepitude*” de Odorico, Gisa, inicialmente, mantém um romance às escondidas com Cecéu, filho de Odorico. O prefeito fica irritado com tal atitude, mas nada faz, afinal de contas, de certa forma sente algo pela jovem mulher.

Descoberto o romance do casal, Cecéu é espancado na praia por Jairo, que fica enfurecido ao ver a mulher nos braços de outro. Posteriormente, Gisa insinua a Odorico que seu marido possa ter feito “algum mal” a Mariana, e Odorico, astutamente, dá um jeito de tentar convencer Zeca Diabo a lavar a honra da família. Zeca Diabo não tem provas, mas muito desconfiado de que Jairo pudesse ter sido o malfeitor, ameaça-o de morte e ele, é claro, fica amedrontado pela fama do cangaceiro recém-chegado a convite do irmão, Mestre Ambrósio, para rever a família. A tentativa de Odorico não dá certo e Zeca Diabo prega-lhe uma surpresa, e diz que voltou regenerado.

Jairo continua a sua exploração aos pescadores, que se recusam a pagar pelos saveiros, e ele, numa tentativa de colocar Mestre Ambrósio contra seu amigo Zelão, incendia o saveiro de Zelão e joga a culpa nos pescadores. Jairo tenta reatar com Gisa de todas as formas, inclusive ameaçando-a de morte, porém, sua tentativa é vã. Além disso, com a revolta dos pescadores,

que descubrem suas falcatuas, espancam-no após mais uma tentativa frustrada de cobrança, e ele quase morre. Além do mais, mestre Ambrósio acaba descobrindo que foi ele quem abusou de Mariana. Odorico, por sua vez, fica à espreita de sua morte, pois ali há uma ótima oportunidade de inaugurar seu cemitério.



Figura 8. Chiquinha do Parto (Ruth de Souza), Mestre Ambrósio (Angelito Mello), Zelão das Asas (Milton Gonçalves). Fonte: (Dias, 2009, p. 76).

A vinda de Zeca Diabo a Sucupira, depois de muitos anos no cangaço, é a solução iminente para que Odorico inaugure seu cemitério. Zeca Diabo, ou Zé Tranquilino, é um sujeito simples que volta à sua cidade natal para rever a mãe que está "nas últimas" a pedido do irmão. Ele mete medo em tudo e em todos na cidade, é famoso e sua história ganha as páginas de *A Trombeta* e, então, ele vira aliado de Neco Pedreira. Porém, uma grande notícia irá mudar a vida de Zeca Diabo. Ao chegar a Sucupira, logo é procurado por uma mulher que diz ter um filho seu, e ele, receoso, não acredita. Fruto de uma relação de mais de 20 anos, Zeca Diabo finalmente aceita a ideia de que tem um filho e assume Eustórgio como seu primogênito.

Feliz com a ideia de ser pai, ele decide seguir o caminho do bem, ainda que com um temperamento exacerbado. Odorico vê nesse temperamento o estopim para uma guerra e, conseqüentemente, morte de alguém. Para desespero do prefeito, Zeca Diabo está regenerado e não quer mais matar ninguém. Odorico tenta de todas as formas fazê-lo disparar um tiro, o

que não acontece. Zeca Diabo é traído por Odorico, quando o prefeito pede à delegada, Donana Medrado, para prendê-lo, pois ele é um cangaceiro perigoso.

Assim, a polícia da capital vem para prendê-lo e há um intenso tiroteio no qual um soldado morre, mas não pelas mãos de Zeca Diabo e sim pelas mãos de seu filho Eustórgio. Zeca Diabo intromete-se em algumas situações complicadas. Uma delas é tentar apaziguar uma briga antiga entre Medrados e Cajazeiras, que Odorico espera que resulte na morte de alguém das duas famílias, porém, ninguém morre. Zeca Diabo também se envolve em algumas desavenças com Dr. Juarez Leão, após Odorico insinuar que o médico está tentando enganar a população sobre um suposto surto de tifo. Zeca Diabo rouba do médico as vacinas que ele fora buscar em Salvador. Vacinas iguais a essas que Odorico já havia roubado do posto de saúde e escondido. Sem vacinas, possivelmente a cidade teria defuntos e a inauguração do cemitério ocorreria.

Zeca Diabo fica arrependido e resolve devolver as vacinas para o médico, frustrando os planos de Odorico mais uma vez. Por ser um homem sem estudos, Zeca Diabo resolve estudar e procura Doroteia Cajazeira, conforme já apontamos, e também se aproxima de Lulu Gouveia, opositor de Odorico. Ele é o dentista da cidade e Zeca Diabo confia-lhe que gostaria de ser protético. Desse modo, Lulu Gouveia aceita-o como seu auxiliar e eles se tornam amigos.



Figura 9. Zeca Diabo (Lima Duarte). Fonte: [FE5].

Dirceu Borboleta desempenha uma função dupla na telenovela. Ele é um homem de bem, simples e ingênuo. Assim como sua mãe, dona Florzinha, ele não é capaz de ver maldade nas coisas. É um fiel escudeiro e acredita piamente em Odorico e suas intenções políticas. Seu nome se dá graças ao hábito de caçar e colecionar borboletas. Ele apoia Odorico na causa para inaugurar o cemitério, mas no fundo não gostaria que isso acontecesse da forma como Odorico planeja. Quando Libório tenta se matar, é Dirceu, ainda sem querer, que acaba salvando-o do enforcamento. Ele, influenciado, por Odorico, acaba casando-se com Dulcinéia e com ela tem Josimar, e somente no final da trama descobre que o menino, na verdade, é filho de Odorico.

Dirceu Borboleta atende aos desmandos do prefeito sem pensar nas consequências e, quando se dá conta das coisas que faz, é tarde demais. É ele quem instala no confessionário uma escuta e suas consequências são terríveis, pois as descobertas das informações o deixam louco ao ponto de assassinar a própria esposa, Dulcinéia Cajazeira.

Lulu Gouveia é derrotado nas eleições para prefeito, mas não desiste de lutar contra Odorico. É um homem inteligente e conta com o apoio de Donana Medrado e de sua família nesta missão. Ele faz de tudo para desmoralizar Odorico e não permitir que o cemitério seja inaugurado. É Lulu Gouveia quem dá a oportunidade a Zeca Diabo de aprender algo e se tornar seu ajudante, por exemplo, fomentando nele o desejo de seguir a carreira de protético.



Figura 10. Lulu Gouveia (Lutero Luiz). Fonte: (Dias, 2009, p. 72).

É de Lulu Gouveia que Zeca Diabo recebe o jornal com a matéria na qual Odorico afirma ser o responsável por chamar a polícia que tentou prendê-lo, embora Odorico sempre busque colocar Zeca Diabo contra o dentista.

Anita Medrado é uma bela moça e ela tem um romance com Neco Pedreira. Seus planos são frustrados com a chegada de Telma Paraguaçu, que acaba tomando Neco de seus braços. A guerra entre Cajazeiras e Medrados a fez órfã assim como a seu irmão Carlito Medrado e ambos são criados pelos avós Joca e Donana Medrado. Anita é vítima da guerra entre Cajazeiras e Medrados e uma bala disparada por um dos filhos de Hilário Cajazeira mata-a. Contudo, para azar de Odorico, ela é enterrada na cidade de Jaguatirica e não em Sucupira.

Donana Medrado é a matriarca da família. Ela é quem toma a dianteira e assume a delegacia e o posto de delegada da cidade, uma vez que seu marido está na cadeira de rodas, vítima de um tiro disparado por um Cajazeira no passado. É ferrenha opositora de Odorico e na câmara, onde trava grandes batalhas com Dorotéia Cajazeira para desmascarar Odorico. Juntamente com cabo Ananias, ela é quem procura pôr ordem na pequena cidade de Sucupira, prendendo, investigando e até disparando tiros se necessário.

Os demais personagens da trama, como Nadinho, Zora, Dom Pepito, Moleza, Nezinho do Jegue, Mestre Ambrósio, Chiquinha do Parto, Carlito Medrado, Joca Medrado, Eustórgio, Hilário Cajazeira, Emiliano Medrado, Mariana, Cabo Ananias, Odete, Quelé, Mestre Sabiá e o Vigário são personagens que servem de ligação para o direcionamento da trama. Mestre Sabiá ensaia com sua banda basicamente a telenovela toda, para a inauguração do cemitério. Joca Medrado é oficialmente o delegado da cidade, mas por estar impossibilitado numa cadeira de rodas, quem exerce esta função é sua mulher, Donana Medrado.

Eustórgio é o filho de Zeca Diabo que, num tiroteio, para se proteger, acaba acertando um soldado e matando-o com um tiro. Chiquinha do Parto é a mulher de Zelão e “enfermeira” do Dr. Juarez Leão no centro de higiene de Sucupira. Zora é a irmã de Odorico e sua função é basicamente cuidar dele e de seus sobrinhos Cecéu e Telma Paraguaçu. Ela guarda, em segredo, uma paixão pelo Vigário, que ocorreu durante a mocidade. O Vigário, por sua vez, é uma espécie de mediador entre o bem e o mal. Luta para que a paz esteja em Sucupira e faz de tudo para que o bom convívio permaneça na cidade.

A trama central da telenovela foca-se em Odorico Paraguaçu. Ele é o personagem principal da história. Após eleito prefeito de Sucupira, ele tenta, de todas as formas, cumprir sua promessa de campanha. O problema é que em Sucupira não morre ninguém e sua obsessão pela inauguração do cemitério cega-o e leva-o a fazer grandes loucuras para conseguir isso.



Figura 11. Odorico (Paulo Gracindo) e Zeca Diabo (Lima Duarte) durante algumas das “confabulâncias sigilentas”. Fonte: [FE6].

Uma das ideias de Odorico para inaugurar o cemitério ocorre quando ele resolve reavivar a briga das famílias Medrado e Cajazeira. Seu plano é simples: fazer com que apenas uma bombinha de São João atirada por Quelé, seu segurança, gere uma verdadeira guerra entre as famílias rivais, no momento em que as duas famílias deveriam selar a paz com um aperto de mãos. O plano de Odorico parece dar certo, o tiroteio entre os Medrados e Cajazeiras resulta em uma morte, a do barbeiro Dermerval.

Odorico parece não acreditar que seu sonho está prestes a ser realizado. Quando tem certeza da morte, Odorico apronta o velório e pede que a banda ensaie a marcha fúnebre. Feliz - e já no velório - Odorico pede a Moleza que os “providenciamentos” da cova sejam feitos com a máxima urgência. Tudo está preparado e Odorico convida as autoridades da capital para prestigiarem a cerimônia de inauguração do cemitério. Porém, durante a noite, acontece o sumiço do corpo de Dermeval. Enquanto todos dormem, por estarem embriagados, sorratamente, Lulu Gouveia, Emiliano Medrado e mais alguns comparsas roubam o cadáver e o enterram em um lugar secreto. Odorico, mais uma vez, não consegue inaugurar o cemitério da cidade.

Em uma viagem de "corriqueiras pescarias", mais um fato dá a Odorico um fio de esperança para inaugurar seu cemitério - o sumiço em alto mar de Zelão e Mestre Ambrósio. Os pescadores, após um temporal, não voltam à cidade, e depois de um dia de espera, Odorico é vencido pela alegria dos pescadores que estão a beira mar comemorando a chegada de Zelão e Mestre Ambrósio, são e salvos. Zelão, aliás, faz uma promessa ao Bom Jesus dos Navegantes por tê-lo salvo da tempestade, que era saltar da torre da igreja e voar. No entanto, para frustração de Odorico, ele é impedido pelo Vigário e por seus amigos de cumprir a promessa. Numa nova tentativa, quando Zelão está prestes a cumprir o prometido, uma paralisia nas pernas o deixa imóvel. O prefeito não desiste e incentiva Zelão a cumprir o que prometera ao santo. No último capítulo, na cena final da telenovela, ele sobrevoa a cidade.



Figura 12. Uma das tentativas de voo de Zelão das Asas (Milton Gonçalves). Fonte: (Dias, 2009, p. 75).

Um dos momentos culminantes da trama se dá quando Odorico instala um microfone no confessionário da igreja, com a ajuda de Dirceu Borboleta e passa a ouvir todos os segredos dos habitantes de Sucupira. Durante uma confissão de Dulcinéia, Dirceu ouve-a dizer que cometeu um pecado imperdoável, mas Odorico impede-o de escutar o restante da confissão. Contudo, ele rouba as fitas gravadas pelo prefeito, descobre que Josimar é filho de Odorico e, muito confuso e revoltado, vai até a casa da mulher, estrangula-a e foge. Em seguida, Dirceu é

preso e, depois de ser muito pressionado por Donana e o Vigário, confessa que a instalação do microfone no confessionário foi a mando do prefeito.



Figura 13. Dirceu Fonseca ou Dirceu Borboleta (Emiliano Queiroz) assessor do prefeito.
Fonte: [FE4].

Odorico é impedido de enterrar Dulcinéia no cemitério de Sucupira, pois o pai dela havia deixado um testamento no qual constava que suas filhas deveriam ser enterradas na cidade vizinha, Jaguatirica.

Com a revelação das ações de Odorico que resultaram na morte de Dulcinéia, somada ao fato de ele haver mandado colocar uma escuta no confessionário, os vereadores da oposição querem o seu *impeachment*.

Acuado e abandonado, ele resolve inventar um atentado, com a ajuda de Zeca Diabo, no qual ele seria a vítima e, assim o povo voltaria a apoiá-lo. No entanto, o cangaceiro descobre que fora Odorico quem chamara a polícia para prendê-lo, quando ele percebeu que Zeca Diabo havia desistido de seu ofício de matador. Lulu Gouveia entrega a Zeca Diabo um jornal de Salvador no qual Odorico afirmava ser o mandante da sua prisão. Na hora combinada, Odorico começa a derrubar a mesa e objetos de sua sala, dispara dois tiros para o ar, mas Zeca Diabo, ao invés de disparar para o alto, como haviam combinado, afirma que Odorico é um traidor, alveja-o e o mata. Depois, Zeca Diabo e seu filho, Eustórgio, fogem de Sucupira.



Figura 14. Odorico em seus últimos momentos de vida. Fonte: [FE7].

Por ironia do destino, o cemitério de Sucupira é inaugurado por seu idealizador. Em tom também de ironia, quem menciona as últimas palavras da telenovela é Lulu Gouveia, seu rival político durante a telenovela toda, elogiando e enaltecendo Odorico. O encerramento da telenovela se dá com o êxito no voo de Zelão da torre da igreja, seguido da seguinte mensagem: “Quem tem fé voa”.

No próximo capítulo, tratamos das adaptações “romantizadas” de *O bem amado*.

AS ADAPTAÇÕES EM PROSA DA TELENVELA

Carecemos de ter uma confabulância concernentemente a uma problemática contraventista. Estadista sem povo é como galinha sem ovo.

Dias Gomes

Nessa parte de nosso livro, estudam-se as três versões em prosa da telenovela *O bem amado*. A primeira delas foi realizada pelo próprio Dias Gomes e publicada pela Editora Bels S. A, em 1977. A segunda foi efetuada por Lafayette Galvão, um ator e roteirista mineiro, e veio a público no ano de 1985, pela Editora Rio Gráfica. Enfim, a terceira versão, a cargo da Editora Globo, foi concebida por Mauro Alencar, um especialista em telenovelas, e veio à luz, em 2008.

A “NOVELA LITERÁRIA” DE DIAS GOMES

Na obra *Livros e televisão: correlações*, a estudiosa Sandra Reimão investiga as relações que se estabelecem entre literatura e televisão, as perdas e ganhos quando uma obra literária é adaptada para uma telenovela e também o caminho inverso, isto é, “livros que foram feitos a partir de telenovelas” ou, mais especificamente, “telenovelas nacionais escritas para a TV e que depois foram romanceadas (ou adaptadas de alguma forma) e publicadas em livros” (Reimão, 2004, p. 43-44).

Neste estudo, interessa-nos a adaptação de telenovelas para livros, uma vez que nosso objetivo é analisar três recriações da telenovela *O bem amado*, para o formato impresso.

A primeira telenovela que se transformou em livro, segundo Sandra Reimão (2004, p. 44), foi *A deusa vencida*, de autoria de Ivani Ribeiro (1916-1995), no ano de 1965 ou 1966, pela editora O Livreiro, de São Paulo.

Na introdução do referido livro, apontam-se duas razões para se justificar a escolha dessa telenovela para ser impressa:

A deusa vencida, a produção mais bem cuidada do gênero das telenovelas, apresenta duas razões fortes para figurar em primeiro lugar nesta coleção – o sucesso extraordinário de audiência conseguido em todas as praças onde foi apresentada – e o fato de ser um original de Ivany [sic] Ribeiro, nome dos mais capazes e consagrados do rádio e da televisão (apud Reimão, 2004, p. 48).

O fato de ser sucesso de audiência, assim como ser escrita por uma autora bastante conhecida e consagrada pelos seus trabalhos no rádio e na televisão justificam a publicação em livro de *A deusa vencida*.

Trata-se de uma história de época, que se passa em São Paulo, em 1895, e cujo enredo folhetinesco tem como núcleo uma moça que, para salvar as finanças do pai, casa-se e vai morar em uma fazenda, abandonando seu amado em São Paulo e, ao final, ela termina apaixonando-se por seu marido fazendeiro (Reimão, 2004, p. 44). Na versão televisiva, participaram, nos papéis principais, Glória Menezes, Edson França, Tarcísio Meira, Altair Lima e Regina Duarte.

Ao se transpor a telenovela para o formato de livro, a intenção editorial era fornecer ao telespectador uma recordação:

[...] trata-se de um livro voltado para os telespectadores que acompanharam a telenovela. Trata-se de um material que seria uma recordação para o telespectador dos momentos em que ele assistiu à telenovela. É um *souvenir* para ser guardado – memória e certificado do telespectador. É um livro que não só recorda ao telespectador a telenovela enquanto tal, mas também é recordação e atestado de suas sensações enquanto parte da audiência [...] (Reimão, 2004, p. 51).

Verifica-se que a telenovela, transposta para o livro, é um produto direcionado àqueles que a assistiram, para que possam reviver sensações e sentimentos experimentados durante a sua exibição na televisão.

Sandra Reimão (2004, p. 52) esclarece que não existem informações sobre as vendas do livro *A deusa vencida* e, embora tivesse sido apregoado que tal obra faria parte de uma coleção, “Telenovelas Famosas”, não se tem notícias da publicação de nenhum outro volume, permanecendo a obra mencionada como a única a ser recriada em material impresso no período de 1965-66.

Somente vinte anos mais tarde, em 1985, a editora Rio Gráfica Ltda publicará uma coleção de doze volumes, intitulada de “As Grandes Telenovelas” e, tais volumes “são adaptações para a forma de texto de histórias que foram telenovelas transmitidas pela Rede Globo de Televisão” (Reimão, 2004, p. 52). As telenovelas “romanceadas” foram as seguintes: *Irmãos Coragem* (1970), *Pecado Capital* (1976), *Pai Herói* (1979), de Janete Clair; *Carinhoso* (1974), *Escalada* (1975), de Lauro César Muniz; *Marrom Glacê* (1979), *Locomotivas* (1977), *Anjo Mau* (1976), de Cassiano Gabus Mendes; *Dancin’ Days* (1978), *Louco Amor* (1983), *Água Viva* (1980), de Gilberto Braga; e *O Bem Amado* (1973), de Dias Gomes (Reimão, 2004, p. 55-57).

Esta coleção foi encomendada pela Gessy Lever e os livros eram brindes que eram anexados aos pacotes de sabão em pó desta empresa (Reimão, 2004, p. 61). Vale lembrar que o vocábulo telenovela teve origem no sintagma oriundo da língua inglesa “*soap opera*” ou “opera de sabão” numa tradução literal. Tal fato ocorreu, porque inicialmente as telenovelas eram patrocinadas por fabricantes de sabão ou sabonetes, devido a grande abrangência que as telenovelas tinham junto ao público feminino.

A intenção editorial parece centrar-se no esforço de “reforçar as telenovelas da Rede Globo como um todo” (Reimão, 2004, p. 61). Entre 1987 e 1988, a Editora Globo lançou a coleção “Campeões de Audiência”, que relançava alguns títulos publicados em “As Grandes Telenovelas” e acrescentava outros, contando com doze volumes: *Irmãos Coragem*, *Pecado Capital*, *Pai Herói*, *Anjo mau*, *Locomotivas*, *Dancin’ Days*, *Água Viva*, *Escalada*, *Bandeira 2*, *Roque Santeiro*, *Guerra dos Sexos* e *Roda de Fogo*. No primeiro volume, foi distribuído um marcador de páginas que trazia a telenovela a ser lançada em seguida – *Roda de Fogo* – e os títulos de outras dezoito telenovelas que compunham a série, no total de vinte títulos. No entanto, os oito livros restantes, dentre os quais se pode citar *O Espigão*, *Saramandaia* e *Selva de Pedra*, não foram lançados (Costa, 2014).

A diferença entre as coleções “As Grandes Telenovelas” e “Campeões de Audiência” reside no fato de que a primeira destinava-se a um preenchimento de informações para pessoas que não teriam assistido às referidas telenovelas e a segunda destinar-se-ia àqueles que assistiram à telenovela e que gostariam de reviver as emoções experimentadas quando viram a novela na televisão (Reimão, 2004, p. 68).

Em 2007, chega às livrarias uma nova coleção – “Grandes Novelas” – composta de cinco títulos: *Selva de Pedra*, *Pecado Capital*, de Janete Clair; *O Bem Amado*, *Roque Santeiro*, de Dias Gomes e *Vale Tudo*, de Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères, todas adaptadas por Mauro Alencar, um dos maiores especialistas em telenovela no nosso país (Magalhães, 2014). Com a publicação referida, o leitor pode conhecer tais telenovelas, lembrá-las num suporte diferente da televisão, “mas que conserva a atemporalidade dos personagens e entroschos dramáticos” (Costa, 2014).

Embora Sandra Reimão não mencione, houve também uma publicação de novelas “romanceadas” na década de 70, na qual aparecem telenovelas da Globo e da Rede Tupi. Tal publicação tinha como título “Grandes Romances Contemporâneos – Coleção Grandes Novelas da TV” e alguns dos títulos publicados foram: *A Viagem*, de Ivani Ribeiro; *Pecado Capital*, de Janete Clair; *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, adaptada para a televisão por Gilberto Braga; *O Bem-Amado*, de Dias Gomes; *A sombra dos Laranjais*, de Benedito Rui Barbosa e Silvan Paezzo. Todos esses volumes foram editados pela Editora Bels S. A.

Para atingir nosso objetivo, interessa-nos o volume *O Bem Amado*, da Coleção “Grandes Novelas da TV”. José Dias, em seu estudo *Odorico Paraguaçu: o bem-amado de Dias Gomes: história de um personagem larapista e maquiavelento*, tece as seguintes observações, sobre o volume em questão:

Em 1977, a editora Bells [sic], de Porto Alegre, reuniu em um volume a peça teatral que deu origem à novela, já com o título simplificado de [...] *O Bem Amado*, antecedida de uma curta novela literária escrita pelo próprio autor para servir de base à adaptação para a TV. Essa sinopse permitiu um exame das transformações sofridas pelo texto, não só enquanto enredo, articulação das cenas e estabelecimento de núcleos dramáticos mas, sobretudo, quanto à ampliação do universo humano composto [...] por mais de 40 personagens (Dias, 2009, p. 66).

Pode-se considerar que Dias Gomes transforma sua peça numa síntese da telenovela que foi apresentada pela Rede Globo, no ano de 1973. Valendo-se da técnica do sumário, o escritor baiano realiza uma transposição dos diálogos da peça para o discurso indireto, que ressalta os problemas vivenciados pelos habitantes da cidade de Sucupira e a atuação política de Odorico Paraguaçu:

Era uma pequena cidade do litoral da Bahia. Cidade pacata, onde a vida passava de leve, somente agitada pelos veranistas em busca de diversão e repouso. Clima saudável, Sucupira só tinha um problema: a falta de um cemitério. Quando morria alguém (fato não muito comum e daí a ausência do Campo Santo) era preciso ir enterrá-lo na cidade vizinha, suprema humilhação.

Por isso, ao candidatar-se a Prefeito, Odorico Paraguaçu incluiu como primeiro ponto de sua plataforma eleitoral a construção do cemitério municipal (Gomes, 1977, p. 13-14).

Dias Gomes fornece uma descrição de Odorico Paraguaçu que, quase de imediato, faz o leitor recordar-se de Paulo Gracindo, o qual imortalizou esse personagem:

[...] Odorico era um cinquentão simpático, bem-falante, pernóstico, dono de um linguajar próprio e pitoresco, repleto de neologismos, proprietário da maior fazenda do município e também da fábrica de Azeite de Dendê Paraguaçu. Viúvo, exercia estranho fascínio sobre as mulheres, principalmente as “solteironas juramentadas” (Gomes, 1977, p. 14).

Apesar de concisa, a adaptação realizada por Dias Gomes é bastante fiel aos acontecimentos da telenovela e todos os principais conflitos da trama são mencionados num número reduzido de páginas, cerca de quarenta. O livro em apreço, conforme já se mencionou, está dividido em duas partes: a primeira, que se centra na adaptação da telenovela, páginas 9-49, e a segunda, que traz a peça *O bem amado*, páginas 51-137.

Na parte em que Dias Gomes recria a telenovela, há também ilustrações com imagens dos atores da trama. Antes de iniciar a narrativa, aparece a reprodução de uma foto de Paulo Gracindo caracterizado como Odorico Paraguaçu, segurando um cigarro (Gomes, 1977, p. 11). Em seguida, página 15, surgem as irmãs Cajazeiras – Dorotéia (Ida Gomes), Dulcinéia (Dorinha Durval), Judicéia (Dirce Migliaccio) e, atrás delas, o padre (Rogério Fróes). Nas demais reproduções, há uma foto do casamento de Dirceu Borboleta (Emiliano Queiroz) com Dulcinéia (Gomes, 1977, p. 19); uma imagem da filha de Odorico, Telma (Sandra Bréa) ao lado do médico Juarez Leão (Jardel Filho) (Gomes, 1977, p. 23); Zeca Diabo (Lima Duarte) (Gomes, 1977, p. 26); o mau caráter Jairo Portela (Gracindo Junior) (Gomes, 1977, p. 31); uma

reprodução de uma foto na qual se destacam a delegada Chica Bandeira (Zilka Salaberry) e o vereador Lulu Gouveia (Lutero Luiz), ferrenho opositor de Odorico (Gomes, 1977, p. 35); Neco Pedreira (Carlos Eduardo Dolabella) (Gomes, 1977, p. 39), Zelão (Milton Gonçalves) (Gomes, 1977, p. 49).

As ilustrações reproduzem os personagens mais importantes da trama e complementam o texto narrativo, de modo que aqueles que assistiram a telenovela possam recordar-se de algumas cenas e outros, que não a assistiram, tomem contato com os atores e com a história da cidade de Sucupira.

Verifica-se, na adaptação de Dias Gomes, uma preocupação não só com os protagonistas, Odorico, Zeca Diabo, Neco Pedreira, mas também com as histórias paralelas: o drama de Juarez Leão, o médico que vive embriagado por haver perdido a mulher durante uma cirurgia da qual ele participou; o seu envolvimento com a filha rebelde de Odorico, Telma; as trapaças de Jairo Portela, um espertalhão que explora os pescadores de Sucupira assim como o crime praticado por Dirceu Borboleta, quando descobre que é traído por sua esposa Dulcinéia, amante de Odorico.

Na história adaptada para “As Grandes Telenovelas” (1985), por sua vez, percebe-se que muitas dessas subtramas, apontadas acima, foram suprimidas e o autor concentrou-se, principalmente, na figura de Odorico e seu propósito de inaugurar o cemitério de Sucupira. Ele acaba vítima de suas próprias armações, ao forjar um atentado para lucrar com a situação, ou seja, assumir o papel de vítima, uma vez que sua popularidade estava decaindo, em virtude de ele haver instalado um microfone no confessionário da igreja, para descobrir os passos de seus inimigos. O personagem, portanto, combina com Zeca Diabo que este deveria disparar alguns tiros para o ar, enquanto ele desarrumava os móveis da sala.

No entanto, Zeca Diabo descobre que fora Odorico quem o denunciara para a polícia, que o prendeu. Assim, ao invés de disparar seu revólver aleatoriamente, Zeca Diabo atira em Odorico, matando-o e, desse modo, o cemitério é inaugurado com o sepultamento de Odorico.

A adaptação na qual se embasa este estudo é aquela que Linda Hutcheon menciona em seu estudo *Uma teoria de adaptação*, vale dizer, “é uma forma de transcodificação de um sistema de comunicação para outro” (Hutcheon, 2011, p. 9), ou seja, das imagens televisivas para o material impresso.

As adaptações, de um modo geral, são consideradas pelos críticos como uma perda em relação ao texto fonte e, quase sempre, lamenta-se o que foi perdido na transição de uma mídia para outra, ignorando-se, por outro lado, e o que foi ganho (Stam, 2006, p. 20).

No caso da adaptação realizada por Dias Gomes (1977), é notória essa perda na transposição da novela para o formato de livro. O número reduzido de páginas condensa a trama da telenovela e, claro, o resultado é inferior ao que vemos na tela de nossos televisores.

Um ponto positivo a se ressaltar no texto de Dias Gomes é que, como autor da peça que deu origem à telenovela, ele menciona todos os personagens do texto televisivo e, apesar de sintético, consegue expor todas as tramas e subtramas da telenovela.

A título de exemplo, observemos uma passagem da telenovela “romanceada” do escritor baiano:

Rompendo com Telma, Neco Pedreira voltou a atacar Odorico através de seu jornal, *A Trombeta*, com vigor renovado. Tinha um ótimo motivo para isso: fazia mais de seis meses que ele mandara construir o cemitério e até então o mesmo não havia sido ainda inaugurado. Era uma obra inútil, com seu muro branco cheio de palavrões atentatórios à moral pública (Gomes, 1977, p. 18).

No trecho transcrito, nota-se uma das tramas paralelas da telenovela, na qual se dá o rompimento de Telma e Neco Pedreira. Ela acabará nos braços de seu verdadeiro amor, o médico Juarez Leão, que consegue controlar e resolver seu problema de alcoolismo, quando é inocentado da morte de sua esposa.

Outro assunto de destaque na telenovela foi o surgimento de uma doença, o tifo: ela poderia causar inúmeras mortes, fato que alegraria Odorico que, dessa maneira, poderia inaugurar o cemitério. No entanto, mais uma vez, seus planos são frustrados:

Alguns casos de tifo começaram a surgir na cidade, preocupando Juarez. A falta de vacinas e clorofenicol podia resultar numa epidemia, caso esses medicamentos não fossem imediatamente conseguidos. Juarez pediu providências à Secretaria da Saúde, em Salvador, que remeteu os remédios, mas no mesmo dia o Correio foi assaltado misteriosamente e os medicamentos desapareceram. Embora não pudesse provar, Juarez desconfiou imediatamente de Odorico. E foi pessoalmente a Salvador buscar uma nova remessa. Sabendo isso, Odorico mandou chamar Zeca Diabo e exigiu dele uma prova de gratidão pela proteção que lhe estava dando; ele devia assaltar Juarez e tomar-lhe a caixa de medicamentos. O assalto foi feito e Zeca Diabo quase chegou a matar o médico. No momento de disparar, contou até dez e pediu a intervenção do “Padim Pade Ciço”, como sempre fazia. Com isso, controlou-se e não rompeu seu juramento. Juarez procurou esclarecê-lo sobre o gesto que estava praticando que iria acarretar a morte de várias pessoas necessitadas daqueles medicamentos. Zeca Diabo entrou em conflito de consciência e mais tarde devolveu a caixa com as vacinas. A ameaça de epidemia foi debelada e Odorico desesperou (Gomes, 1977, p. 26-29).

Observa-se uma grande riqueza de detalhes relativa ao episódio do tifo e das vacinas. Na realidade, esse episódio que no livro comporta dois trechos – o primeiro iniciado na página 26, seguido de uma reprodução de uma fotografia de Lima Duarte caracterizado como Zeca Diabo, uma página em branco e o trecho que finaliza essa situação encontra-se na página 29 – na telenovela, durou vários capítulos. Novamente, verifica-se que as adaptações de obras televisivas tendem para a síntese, o resumo dos capítulos exibidos na televisão.

Um outro exemplo dessa síntese que mencionamos pode ser ilustrado com a seguinte passagem do texto: “Por essa época, nascia o filho de Dulcinéia e Dirceu Borboleta. Como o borboletista era sonâmbulo, Dulcinéia o convencera de que ele quebrara o voto de castidade num ataque de sonambulismo...” (Gomes, 1977, p. 30).

A mentira pregada por Dulcinéia será descoberta por Dirceu, quando Odorico tem a ideia de “colocar um microfone no confessionário” (Gomes, 1977, p. 38). Dirceu Borboleta termina ouvindo “a confissão de Dulcinéia e a terrível revelação: era Odorico o verdadeiro pai de seu filho” (Gomes, 1977, p. 43).

Esse fato precipitará os acontecimentos, uma vez que Dirceu estrangula Dulcinéia e é preso. Odorico chega a alegrar-se com essa morte, mas os seus planos de inaugurar o cemitério, mais uma vez, são adiados, pois o pai da morta deixara em testamento no qual havia ordens expressas para que as filhas fossem enterradas em Jaguatirica, no mausoléu da família.

A transcodificação realizada por Dias Gomes respeita a cronologia e os eventos ocorridos na telenovela. Até mesmo a história de Zelão das Asas, o pescador que fizera a promessa de voar por uma graça que recebeu do Bom Jesus dos Navegantes, quando estava em seu barco e foi salvo de uma tempestade no mar, encontra-se relatada na versão impressa, que termina com os seguintes dizeres: “[...] todos viram naquele dia, como um enorme pássaro, Zelão voar. Se você não acredita, é porque é um homem sem fé” (Gomes, 1977, p. 49).

É importante, também, destacar a cena na qual o cemitério é inaugurado:

No dia seguinte, o cemitério foi finalmente inaugurado. Com a Lira de Sucupira tocando a Macha Fúnebre de Chopin, como Odorico queria e com a presença de toda a população da cidade. E o discurso de Lulu Gouveia à beira do túmulo, exaltando as virtudes do ilustre morto, comoveu todo mundo (Gomes, 1977, p. 48).

Ao final da narrativa, pode-se notar a falta de ética e de escrúpulos dos políticos. Lulu Gouveia sempre fora um opositor ferrenho de Odorico. Os dois viviam discutindo e ofendendo-se mutuamente. Quando Odorico morre, seu inimigo político encarrega-se de enaltecê-lo, numa atitude oportunista, que ele não desperdiça, com a intenção de angariar os votos dos correligionários de Odorico em eleições futuras.

Portanto, vale ressaltar que *O bem amado* continua sendo uma obra atualíssima, já que os nossos políticos são o retrato de Odorico: muito discurso, muito palavreado, mas efetivamente, pouca ação, pouco trabalho e pouca atenção àqueles que os elegeram. Assim, a adaptação realizada por Dias Gomes mantém-se bastante fiel à telenovela e consegue oferecer um amplo painel das tramas principais e secundárias que foram apresentadas aos telespectadores nos anos 70.

AS GRANDES TELENOVELAS: *O BEM AMADO*

O bem amado foi a única telenovela da coleção “As Grandes Telenovelas”, transmitida às 22 horas. As outras onze telenovelas foram exibidas às 19 ou 20 horas. Sandra Reimão, além desses fatos, tece as seguintes observações sobre *O bem amado* e o horário das dez da noite na Rede Globo:

[...] O horário das 22 horas era, essencialmente, um espaço para telenovelas mais sérias, com temas sociais e discussões um pouco mais aprofundadas e, para ele, afluíram parte das telenovelas “realistas” e dos escritores mais prestigiados de então. [...] Exibida entre janeiro e outubro de 1973, *O Bem Amado* foi um marco da TV brasileira – parodiava e denunciava o coronelismo nordestino e os desmandos dos pequenos poderes locais; criou tipos inesquecíveis, como Odorico Paraguaçu, as irmãs Cajazeiras e Dirceu Borboleta. Foi a primeira telenovela em cores e foi exportada para praticamente todos os países da América Latina (Reimão, 2004, p. 58-59).

Tratava-se, portanto, de um grande sucesso junto ao telespectador, além de ser a primeira telenovela em cores a ser exibida pela Rede Globo de televisão. Tais fatores credenciaram-na a fazer parte da coleção de textos que adaptavam telenovelas para o formato de livro.

A adaptação de *O bem amado* (1985) ficou a cargo de Lafayette Galvão, um ator e roteirista nascido em Pouso Alegre, Minas Gerais, que participou de algumas telenovelas dos anos setenta e, inclusive, adaptou as obras *O sertanejo*, *Til* e *A viuvinha*, transformando-as na telenovela *Sinbazinha Flô*, apresentada no horário das 18 horas (Reimão, 2004, p. 124), com 82 capítulos. Estreou em 25 de outubro de 1977 e terminou em 28 de janeiro de 1978.

Na capa do livro aparece o nome da telenovela de 1973, mas o logotipo das letras é aquele que estava presente no seriado *O bem amado*, exibido de 1980 a 1984, assim como a ilustração de um desenho que retrata Odorico – também pertencia à abertura do seriado. Levando-se em conta o fato de que o seriado havia deixado de ser exibido recentemente, provavelmente, os idealizadores da coleção “As Grandes Telenovelas” quiseram aproveitar as imagens do seriado, por ainda estarem vívidas na mente dos telespectadores.

No entanto, diferentemente da versão de Dias Gomes (1977) e também da adaptação realizada por Mauro Alencar (2008), *O bem amado* de Lafayette Galvão é um volume curto, com 96 páginas divididas em nove capítulos numerados em algarismo romano. A adaptação de Dias Gomes não está dividida em capítulos, mas em pequenos textos, separados por um espaço em branco, que evidencia a mudança de assunto, configurando dessa forma uma unidade. Já a transcodificação de Alencar (2008) é a mais longa, com quarenta capítulos e duzentas e vinte e três páginas. Contudo, isso não quer dizer que seja a melhor das três, como ainda teremos oportunidade de discutir no próximo tópico deste estudo.

Lafayette Galvão praticamente ignora as tramas paralelas, mantendo-se firmemente centrado na história de Odorico Paraguaçu e seu desejo de cumprir a promessa feita, quando era candidato a prefeito, isto é, construir um cemitério e inaugurá-lo.

Desse modo, desaparecem os filhos de Odorico, Telma e Celso ou Cecéu, como era conhecido; Gisa e Jairo Portela; o filho de Zeca Diabo, Eustórgio, presentes na telenovela e na recriação impressa de Dias Gomes: “Telma, que desde a morte da mãe, quinze anos antes, havia sido criada, juntamente com o irmão Cecéu, em internatos, nada tinha a ver com a vida provinciana de Sucupira [...]” (Gomes, 1977, p. 17).

Gisa e Jairo Portela formam um casal em conflito, que Odorico decide aproveitar em suas armações, mas acaba apaixonado por Gisa:

Gisa e Jairo Portela tinham chegado a Sucupira durante a campanha eleitoral e oferecera seus préstimos a Odorico. Bolará [Jairo] uma trama para arrancar votos do candidato adversário, Lulu Gouveia: forjar um escândalo utilizando a própria mulher, Gisa, que se aproximaria do dentista e o atrairia ao Hotel, botando depois a boca no mundo, como se ele a tivesse atacado. O plano surtiu resultado [...] (Gomes, 1977, p. 32).

Gisa não concorda com as atitudes do marido e se separa dele. Odorico convida a moça para ficar em sua casa, com segundas intenções: “[...] Odorico pensava em declarar abertamente a sua paixão, quando um belo dia surpreendeu Gisa e seu filho, Cecéu, no paiol velho, beijando-se [...]” (Gomes, 1977, p. 33).

Como se pode comprovar, Odorico é mal sucedido não só politicamente, como também sentimentalmente. Outro personagem que sequer é mencionado no texto de Galvão (1985) é Eustórgio, filho de Zeca Diabo que, no final da novela, depois que seu pai mata Odorico, pede para ir embora com ele e “antes de Odorico descer à sepultura, os dois montaram a cavalo e partiram” (Gomes, 1977, p. 48).

Já no primeiro capítulo do texto de Lafayette Galvão, Odorico é o prefeito que anseia por um defunto para inaugurar seu cemitério:

Algum tempo depois do milagre de Zelão, quando Odorico, mais uma vez, viu frustrada sua oportunidade de inaugurar o cemitério, Lulu Gouveia, líder da oposição na Câmara dos Vereadores, apresentou um projeto propondo desativar o campo-santo e transformá-lo em um estádio de futebol: o Sucupirão. A líder da situação, Dorotéia Cajazeira, defendia com unhas e dentes o nome e a honra do prefeito, e nas horas vagas de sua vida (que eram muitas) perdia o nome e a honra, galinhando às escondidas com o mesmo prefeito [...] (Gomes, 1985, p. 7).

Vale destacar que, em alguns momentos, Lafayette Galvão logra transpor cenas da telenovela para o livro preservando a comicidade que é uma marca constante dos acontecimentos da telenovela. Aliás, o humor é um dos elementos que tornam *O bem amado* uma história inesquecível. Na cena transcrita, enfatiza-se a inutilidade do cemitério e a proposta de

torná-lo algo útil – um campo para se jogar futebol, e as extravagâncias sexuais de Odorico com Dorotéia Cajazeira.

Ainda no primeiro capítulo do volume escrito por Galvão (1985), há um diálogo que adianta uma das tramas mais relevantes da telenovela – a gravidez de Dulcinéia:

[...] E Odorico se viu a sós com Dulcinéia, sua terceira força naquele esquadrão de libidinagem. Lançou-lhe um olhar de mormaço e falou com voz de cama:

- Olá!

- Preciso falar com você, Odorico. Acho que aconteceu o que eu temia.

- Não me venha com entretantos, dizendo que suas irmãs descobriram!

- Pior, Odorico. Muito pior. Estou grávida. Você vai ser pai.

Odorico, que começava a saborear o licor, engasgou, tossiu, perdeu o fôlego. [...] O jantar foi servido. O prefeito, sério o tempo todo. Tinha de arrumar um jeito de sair dessa. [...] (Gomes, 1985, p. 14).

A solução, portanto, é o casamento de Dirceu Borboleta com Dulcinéia, “patrocinado” por Odorico, no segundo capítulo do livro. Uma das qualidades da adaptação realizada por Lafayette Galvão é a reprodução dos neologismos criados por Odorico, por exemplo na cena em que o prefeito tem a ideia de colocar um microfone no confessionário para descobrir e impedir as ações de seus inimigos políticos:

- Bem... coronel... eu nunca instalei um microfone...

- Veja bem, seu Dirceu... o senhor não sabe, pelomenasmente pendurar um microfone?

- Ah, isso eu sei fazer. Se é só pendurar... Onde?

- Na igreja. No confessionário.

- Mas isso é um sacrilégio! Não, não, não, coronel! Me peça tudo, menos isso.

- Seu Dirceu, faça um apelo ao seu espírito patriotista e sucupirano. Só o confessionário pode levar a gente à pista de quem roubou o corpo de Demerval Banheiro. O senhor devia entender que eu só estou querendo salvar a cidade dos indivíduos desapetrechados de caráter, dos badernistas e desordistas juramentados. E lugar nenhum do mundo é mais manancioso pra se descobrir segredo do que um confessionário (Gomes, 1985, p. 70).

Na sequência das ações, Odorico convence Dirceu Borboleta a instalar o microfone no confessionário:

- Seu Dirceu! Estou deverasmente encantado. O senhor é sem dúvida um uotergueitista de primeira. Isso funciona?

Dirceu entregou o fone a ele:

- Está ouvindo, coronel?

- Sssssiu! É uma mulher!

- Alguma pista que possa esclarecer?

- Não, apenasmente informações de ordem debochista (Gomes, 1985, p. 70).

Sem dúvida, um dos fatores que marcaram a atuação de Paulo Gracindo como Odorico Paraguaçu foi a sua capacidade de inventar novas palavras, recriar termos da língua portuguesa, aglutinando vocábulos, transformando palavras em advérbios como em “pelomenasmente”, “apenasmente”, modificando substantivos e adjetivos pelo acréscimo de sufixos: “apelamento”, “patriotista”, “desordistas”, “manancioso”, “debochista”. No fragmento transcrito, sem dúvida, o melhor neologismo de Odorico é “uotergueitista”, com o qual qualifica e elogia o trabalho realizado por Dirceu, uma clara referência ao caso Watergate, um escândalo político ocorrido na década de 1970 nos Estados Unidos, quando cinco pessoas foram detidas ao tentar fotografar documentos e instalar aparelhos de escuta no escritório do partido Democrata, opositor do presidente Richard Nixon, republicano. Com a revelação do escândalo, Nixon renunciou ao cargo de presidente, em 9 de agosto de 1974.

Como a telenovela terminou em 1973, é óbvio que o termo acima foi uma licença poética do adaptador, que se encaixou perfeitamente no linguajar do prefeito de Sucupira, um verdadeiro prodígio na utilização e criação de neologismos.

No entanto, se o modo de falar de Odorico foi preservado, o mesmo não acontece com as falas de Dirceu Borboleta, que era tímido ao extremo e gago. A sua gagueira não aparece em nenhuma de suas falas na adaptação realizada por Lafayette Galvão. Já no texto de Mauro Alencar (2008), houve uma preocupação em transpor para os diálogos dos quais Dirceu participa, a sua deficiência vocabular: “- E-eu pre-pre-preciso te contar uma coisa, Dulcinéia [...] – E-eu estou perdido aqui no meio do mato” (Gomes, 2008, p. 73-74).

Se a adaptação realizada por Dias Gomes (1977) não apresenta nenhum diálogo, valendo-se do recurso do sumário em toda a sua extensão, a transcodificação feita por Lafayette Galvão privilegia as cenas, nas quais os diálogos são predominantes. Em todos os capítulos, o leitor toma conhecimento do enredo por meio de diálogos que, certamente, o adaptador procurou manter, uma vez que numa telenovela, os diálogos, as conversações, são constantes e não se usa o recurso do resumo. Em algumas telenovelas, apela-se para uma voz em *off* para narrar a passagem do tempo. Isso era mais comum nas telenovelas mais antigas, quando também havia uma voz em *off* que anunciava os intervalos: “estamos apresentando (nome da novela)”, “voltamos a apresentar (nome da novela)”, “a seguir, cenas dos próximos capítulos”. Provavelmente, esse fato ocorria porque o gênero principiou no rádio e era preciso informar os ouvintes das interrupções e dos finais dos capítulos. Com a imagem, esse procedimento caiu em desuso, uma vez que para informar a passagem do tempo ou o local onde um personagem se encontra, basta aparecer escrita tal informação na tela.

Portanto, é possível notar que Lafayette Galvão (1985) buscou preservar o efeito cênico transmitido na televisão ao transpor *O bem amado* para o formato de obra impressa.

O capítulo IX, tal como o capítulo final de *O bem amado* exibido em 1973, apresenta a resolução de todos os conflitos da trama criada por Dias Gomes, que culmina com o enterro de Odorico e o voo de Zelão das Asas:

- Só tu, Odorico, mais ninguém, podia merecer a subida honra de inaugurar este campo-santo! Adeus, Odorico. O grande, o pacificador, o desbravador, o honesto, o bravo, o leal, o magnífico...

Enquanto Lulu exaltava as qualidades do prefeito, Zelão, na torre da igreja, fazia o sinal-da-cruz e se jogava no espaço. E todos viram, sobrevoando a cidade, um enorme pássaro negro. Era Zelão, que tinha enfim conseguido pagar sua promessa. E voava.

Se você não acredita, é um homem sem fé (Gomes, 1985, p. 94).

Embora o texto de Galvão dê conta da história central de *O bem amado*, não podemos deixar de apontar para um empobrecimento da versão escrita, que sintetiza, diminui o que se vê na tela da TV. Temos consciência de que seria impossível transpor a telenovela exibida pela Rede Globo em sua íntegra, uma vez que um único capítulo de telenovela tem entre 35 a 40 páginas. Seria inviável realizar tal transposição. Contudo, o exemplar da coleção “As Grandes Telenovelas” apresenta uma redução demasiada em relação à telenovela, suprimindo personagens, tramas paralelas, que poderiam ser mencionadas, ainda que com brevidade, por meio de sumários, que preservariam o enredo, evitando certas lacunas que o leitor percebe durante a leitura.

Até mesmo o material utilizado para imprimir o livro – o papel – é de uma qualidade inferior, revelando que se trata de um produto descartável, sem a finalidade de se perpetuar. O material da adaptação realizada por Dias Gomes (1977) e Mauro Alencar (2008) é bem melhor. Na versão de Gomes, o livro tem a capa dura, várias reproduções de fotografias dos protagonistas da história, além de trazer também o texto da peça que deu origem à telenovela. No volume de Alencar, houve o cuidado de se produzir uma capa que é chamativa, pois nela aparece o nome da telenovela conforme era exibido em 1973, imitando um alto-falante, seguido de duas exclamações (!!), e a imagem de Lima Duarte ao lado de Paulo Gracindo, os responsáveis pela criação de dois personagens imortais no cenário televisivo brasileiro: Zeca Diabo e Odorico Paraguaçu.

No prosseguimento desse estudo, passamos ao estudo da adaptação efetuada por Mauro Alencar.

A ADAPTAÇÃO DE MAURO ALENCAR

A adaptação, de acordo com Linda Hutcheon (2011, p. 30), pode ser descrita como uma transposição declarada de uma ou mais obras reconhecíveis; um ato criativo e interpretativo de apropriação/recuperação; e, um engajamento intertextual extensivo com a obra adaptada. Desse modo, com as adaptações, é possível ao adaptador “contar a mesma história repetidas vezes e de modo diferente” (Hutcheon, 2011, p. 31).

Na concepção de Robert Stam (2006, p. 19), a linguagem convencional da crítica sobre as adaptações tem sido moralista e rica em termos que sugerem que o cinema e, por extensão, a televisão, fazem um desserviço à literatura, uma vez que, “com demasiada frequência, o discurso sobre a adaptação sutilmente re-inscreve a superioridade axiomática da literatura sobre o cinema” (Stam, 2006, p. 20) e também sobre a televisão.

A teoria da adaptação possui, segundo Robert Stam (2006, p. 27), um amplo arquivo de termos e conceitos para dar conta da mutação de formas entre mídias distintas:

[...] adaptação enquanto leitura, re-escrita, crítica, tradução, transmutação, metamorfose, recriação, transvocalização, ressuscitação, transfiguração, efetivação, transmodalização, significação, performance, dialogização, canibalização, reimaginação, encarnação ou ressurreição.

Semanticamente, todos esses vocábulos apontam para uma mudança, uma transformação do texto fonte, mas mantendo uma estreita conexão com ele. Assim, o produto de uma adaptação revela “inevitavelmente um tipo de intertextualidade *se o receptor estiver familiarizado com o texto adaptado*” (Hutcheon, 2011, p. 45, grifos da autora).

Embora não seja nosso propósito discutir se as adaptações fílmicas e televisivas são inferiores às obras literárias que lhes deram suporte, acreditamos que há boas e más adaptações. Tudo vai depender do talento do adaptador para recriar uma história seja na transposição de um texto literário para o cinema ou para a televisão. É sempre bom recordar que, ao invés de discutir a superioridade da literatura sobre os meios visuais, seria muito mais interessante “examinar as formas como as adaptações adicionam, eliminam ou condensam personagens” (Stam, 2006, p. 41), conforme procedemos nos dois tópicos anteriores do capítulo três desse estudo.

Nas três transposições da telenovela *O bem amado* para a mídia impressa, observamos que ocorre um fenômeno que Linda Hutcheon considera como “romantização” de uma história fílmica:

As adaptações mais comumente consideradas são as que passam do modo contar para o mostrar, geralmente do meio impresso para o performativo. Mas a promissora indústria da “romantização” hoje já não pode mais ser ignorada. Assim como os leitores dos antes populares “*cineromanzô*” ou “*fotoromanzô*”, os fãs de *Guerra nas Estrelas* ou *Arquivo X [The X-Files]* agora podem ler romances escritos a partir de roteiros para

a televisão e o cinema. O problema é, uma vez mais, uma questão de tamanho ou escala (Hutcheon, 2011, p. 67).

A estudiosa canadense exemplifica tal fato com as ponderações provocativas de William Burroughs (apud Hutcheon, 2011, p. 67):

Se você pegar o roteiro de *Tubarão* [*Jaws*] e devolvê-lo à forma de um romance, sem qualquer referência ao texto verdadeiro – ou seja, tendo apenas o roteiro do filme como material – você provavelmente chegará a um romance bastante tolo e curto.

Apesar de as considerações de Burroughs parecerem exageradas, é um fato verdadeiro que a transformação de filmes e telenovelas em livros nem sempre, ou melhor dizendo, quase nunca chegam a ser um “bom romance”, provavelmente devido a deficiências do adaptador, que não é um romancista, e também graças ao número reduzido de páginas que ele tem para contar uma história que, no caso de uma telenovela, tem em média mais de cento e cinquenta capítulos, com a duração de sete a nove meses.

Ainda explorando a transposição de uma obra exibida no cinema para o formato de livro, Linda Hutcheon acrescenta as seguintes proposições:

A romantização de filmes – incluindo o que é chamado de romantização “júnior”, para espectadores mais jovens –, é geralmente vista como tendo um tipo de valor – ou talvez simplesmente um estímulo – educativo. Se podemos confiar em postagens virtuais, os fãs de filmes apreciam romantizações porque elas oferecem um novo olhar sobre os processos de pensamento dos personagens e maiores detalhes sobre seu passado. E, no final das contas, isso é exatamente o que os romances sempre fizeram muito bem [...] (Hutcheon, 2011, p. 163).

Outro aspecto a ser ressaltado na transcodificação de uma obra cinematográfica ou televisiva para a forma impressa é o fato de que “nem todos aprovam as romantizações [...]: para muitos elas são apenas oportunidades comerciais, mercadorias ou reciclagens inflacionárias” (Hutcheon, 2011, p. 164).

Ao observarmos os volumes das coleções “As Grandes Telenovelas” e Campeões de Audiência, nas quais se publicaram somente telenovelas da Rede Globo, não podemos descartar que o objetivo dos idealizadores de tais coleções foi, certamente, obter lucro com a venda dos referidos volumes. Conforme pudemos constatar, nos três casos aqui estudados, pelo menos em dois deles – a adaptação de Lafayette Galvão (1985) e a de Mauro Alencar (2008) – caracterizam-se como mercadorias, produtos de consumo, que embora pretendam apresentar ou se aproximar de uma literatura mais refinada ou apurada, são meramente resumos condensados ao extremo das tramas exibidas na televisão.

Esclarecemos que Linda Hutcheon não se detém em nenhum momento, na adaptação de obras televisivas para a modalidade impressa, no entanto, suas afirmações sobre a romantização de filmes se adequa perfeitamente à nossa proposta, pois:

A televisão partilha com o cinema várias convenções naturalistas e, portanto, as mesmas questões de transcodificação no que diz respeito à adaptação. Todavia, numa série televisiva há mais tempo disponível e, dessa forma, menos necessidade de comprimir o texto adaptado (Hutcheon, 2011, p. 79).

E é essa exatamente a maior dificuldade de quem se aventura a transpor uma telenovela para a mídia impressa: terá que condensar, reduzir, diminuir uma obra extensa e adequá-la para um número reduzido de páginas.

Conforme já mencionamos, a adaptação de *O bem amado* realizada por Dias Gomes (1977) emprega o recurso do sumário ao longo de todo o livro. Não há nenhuma cena com diálogos. Por sua vez, a recriação dessa telenovela feita por Lafayette Galvão (1985) emprega em larga escala o recurso das cenas com vários diálogos. É plausível afirmar que, em seus nove capítulos, predominam os diálogos entre as personagens, possivelmente numa tentativa de ser mais fiel à telenovela, que se sustenta, basicamente, em cenas dialogadas para expor os conflitos, os dramas e as situações antagônicas do seu enredo. Para ilustrar nossas ponderações, observemos duas passagens extraídas das versões de Dias Gomes e Lafayette Galvão:

Foi Judicéia, apelidada de Juju, a mais jovem das três solteironas, quem teve a idéia para inaugurar o cemitério. Elas tinham um primo em Salvador que estava gravemente enfermo, desenganado pelos médicos. Já que em Sucupira não morria ninguém, podiam mandar buscá-lo para morrer lá. Odorico aprovou a sugestão. A Prefeitura custeava tudo, viagem e enterro. Um enterro com grande pompa, banda de música tocando a Marcha Fúnebre de Chopin, mausoléu de mármore com inscrição alusiva ao fato, etc. (Gomes, 1977, p. 21).

Na sala, Odorico acreditava mais do que nunca que Deus estava ao seu lado.

– Agonizando? Agonizando, dona Dorotéia?

– Tia Clotilde está dizendo aqui na carta.

– E será que não dá para fazermos o remanejamento da agonia dele pra cidade de Sucupira?

– Tia Clotilde diz que ele já foi desenganado pelos médicos, coitado. Tão boa pessoa, o primo Ernesto – choramingou Judicéia.

– E que mal o aflige?

– Pneumonia galopante.

– Eu estou pensando uma coisa – maquinou Odorico. – Já que não há salvação pra ele, pobrezinho... podia vir para cá...

– A tia Clotilde disse que os médicos aconselharam que ele fosse para um clima melhor...

[...]

– Não há, oh! Gente, oh! Não, clima como o de Sucupira. Não há clima, água, ar mais despoluídos. E querem saber de mais? Como se trata de um Cajazeira da melhor cepa, eu garanto o pagamento de todas as despesas, viagens, médico, remédios, tudo o que ele precisar. E no fim, se o primo insistir em seguir o rumo do outro mundo, a prefeitura paga o enterro (Gomes, 1985, p. 27).

Os dois fragmentos tratam do mesmo assunto – a vinda do primo moribundo das irmãs Cajazeiras para Sucupira. Contudo, no primeiro trecho citado, os dados sobre esse fato são sumarizados, resumidos, sem as marcações próprias dos diálogos e, no segundo, aparecem os travessões que indiciam as falas das personagens Dorotéia e Odorico, numa conversa permeada pelo humor, uma vez que Dorotéia deseja que seu parente fique curado, indo para “um clima melhor”, ao passo que Odorico deseja exatamente o oposto, que o primo morra e ele possa inaugurar o cemitério com pompas e requintes que a solenidade exige, de acordo com suas expectativas, originadas na sua campanha para prefeito de Sucupira.

Na versão de Mauro Alencar (2008), há um equilíbrio entre cenas e sumários ao longo dos quarenta capítulos. Todos recebem números arábicos e são titulados: 1. Saudações à Iemanjá, 2. As donzelas de Odorico, 3. Vote num homem sério e ganhe um cemitério... 40. Quem tem fé voa! Ressaltamos que esse procedimento – da titulação de capítulos – é uma forma recorrente em romances, desde a antiguidade até os dias atuais. Tais títulos, de um modo geral, resumem o conteúdo do que vai ser exposto no capítulo. Alguns enfatizam o linguajar peculiar de Odorico Paraguaçu: 25. Um defunto trapacento, 31. “Apenasmente uns entretantos...”, 36. A última “decepcitude”, 39. E chegamos aos “finalmentes”. Enfim, termos como “trapacento”, “apenasmente”, “entretantos”, “decepcitude”, “finalmentes” são neologismos criados por Odorico e confirmam a sua capacidade verborrágica tão comum no universo político, cujos discursos vazios, mas elaborados com palavras belas e portentosas, servem para convencer os incautos eleitores a dar seu voto a “quem fala bonito”, mas nunca cumpre o que promete e, além disso, faz péssimo uso das verbas públicas e nunca realiza nada em benefício do povo.

Uma última observação a respeito dos títulos dos capítulos da adaptação de Alencar (2008) refere-se à nomeação dada ao capítulo 16: “O homem que veio de longe”. Esse homem é o médico Juarez Leão, cujo drama iniciou-se “quando não conseguiu salvar a vida da mulher numa mesa de cirurgia” (Gomes, 2008, p. 103). Ele será o par romântico de Telma (Sandra Bréa), filha de Odorico Paraguaçu. O título desse capítulo estabelece uma relação intertextual com a telenovela *A moça que veio de longe*, exibida de maio a junho de 1964, na extinta TV Excelsior e escrita por Ivani Ribeiro (1916 – 1995). Esses dados também remetem ao grande conhecimento que Mauro Alencar tem a respeito das telenovelas brasileiras, chegando a ser considerado pela revista *Veja* como “o maior especialista em telenovelas no Brasil” (Gomes, 2008, p. 223). Em vista disso, às vezes, nota-se certo pedantismo de Alencar na sua transposição da novela para o livro, conforme comentaremos mais adiante.

Em relação às duas adaptações anteriores, a de Alencar é a que mais tenta preservar o conteúdo da telenovela, buscando enunciar todas as suas tramas principais e também as

secundárias. Ao contrário da transcodificação realizada por Galvão (1985), que não menciona os filhos de Odorico – Telma e Cecéu; D. Florzinha, mãe de Dirceu Borboleta, o médico Juarez Leão, dentre outros, o livro de Mauro Alencar traz todas essas personagens e suas histórias e, podemos dizer que sua versão é a mais fiel de todas, embora a de Dias Gomes, talvez por ele ser o autor da peça e da adaptação para a televisão, possa ser considerada a que apresenta todos os núcleos de personagens, de forma resumida, mas sem omissão de nenhuma personagem.

Um dos pontos que pode ser criticado na recriação de Alencar são, o que em poesia, poderíamos chamar de “licenças poéticas”, ou seja, alterações, modificações que ele insere em seu livro. A título de exemplificação, observemos um trecho do primeiro capítulo, no qual o renomado especialista em telenovelas cria uma árvore genealógica para Odorico Paraguaçu:

Odorico Paraguaçu é o que podemos chamar de um político nato. Filho de Pelópidas Paraguaçu e neto de Demócrito Paraguaçu, ambos prefeitos de Sucupira em tempos em que a justiça era feita com bala de revólver, cresceu vendo o pai e o avô envolvidos em reuniões e conchavos políticos. Pai e avô, alagoanos que adotaram a Bahia, mais especificamente Salvador, como berço para o deslanchar da vida política [...]. Naqueles tempos, [...] as mulheres cuidavam do lar, das rendas, dos bordados e dos quitutes. Quantas rodadas de jogo no casarão do velho coronel Demócrito não foram deliciosamente embalados pelos acarajés que só dona Argentina sabia preparar! Aliás, a encantadora senhora levava o nome em homenagem à charmosa terra do tango e, ao lado de Demócrito, formava um belo casal. Até que a política empurrou os Paraguaçu para uma pequena cidade do litoral baiano (Gomes, 2008, p. 14-15).

A árvore genealógica de Odorico não aparece na peça de teatro e nem na telenovela *O bem amado*. Aliás, o perfil de Odorico, um político sem escrúpulos, adequa-se mais a um órfão, que sempre se valeu de sua esperteza e sagacidade para atingir seus objetivos. Ele não precisava do pai e do avô para ser instruído nas artimanhas da política, uma vez que o simples fato de observar a realidade que o cercava, ou seja, as pessoas que habitam cidades interioranas, é possível aprender a se igualar aos políticos mal intencionados e preocupados somente com o seu próprio bem-estar e que existem em todas as partes e em todos os lugares, não só no Brasil.

Até mesmo Lulu Gouveia, o oponente de Odorico, do qual se poderia esperar atitudes mais coerentes e isentas de conotações políticas, ao final da história, esquece as brigas e falcatruas do famigerado prefeito, passando a exaltá-lo:

Coube a Lulu Gouveia as palavras finais:

- Odorico Paraguaçu, aqui estamos para o último adeus a ti, que fostes um exemplo para todos nós. Exemplo de probidade e caráter, exemplo de perseverança, de lealdade, de justiça e amor ao próximo! Obra monumental que realizastes, notadamente este cemitério, ficará para orgulho da terra que te serviu de berço e agora te recebe em teu seio. Só tu, Odorico, poderia receber tão subida honra, qual a de inaugurar este campo-santo!

Adeus, Odorico! O grande! O pacificador! O desbravador! O honesto! O bravo! O leal! O magnífico... nosso bem-amado (Gomes, 2008, p. 216-217).

Qualidades como “bravo”, “leal”, “pacificador”, “desbravador”, “honesto”, jamais poderiam ser atributos de Odorico, capaz de tudo para se manter no poder, até mesmo invadir o confessionário da igreja para lá colocar uma escuta e ficar “informado” das atividades de seus oponentes. Diante desse fato, ele nunca poderia ser engrandecido como o foi, por meio do discurso de Lulu Gouveia. A grande lição que foi passada aos telespectadores em 1973 e aos leitores em 2008, foi que os políticos todos se equivalem, igualam-se na luta para manter-se em seus cargos. Como camaleões, mudam de partidos, buscando sempre tirar vantagens de todas as situações para garantir o voto do eleitor na próxima eleição. Nesse sentido, a genealogia de Odorico parece-nos completamente dispensável, pois ele poderia inspirar-se em qualquer figura política, desde o império até os dias atuais.

Em alguns momentos, as modificações e acréscimos de Mauro Alencar apresentam um alto grau de didatismo, fato que poderá incomodar um leitor especializado. É claro que, levando-se em conta o público ao qual a obra se destina, ou seja, leitores comuns, talvez estes nem cheguem a notar as alterações que nos chamaram a atenção e nem percebam a intenção didática de Alencar. A título de ilustração, tomemos um trecho da obra, na qual se menciona o nome do colégio onde uma das irmãs Cajazeiras, Dorotéia, dava aulas:

A mais intelectual das três irmãs Cajazeira, Dorotéia lecionava literatura e língua portuguesa na tradicional Escola Estadual de Primeiro Grau Alfredo Dias Gomes. Lia às escondidas *Gabriela, cravo e canela* e *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado, na época um escritor visto como maldito não só por suas posições políticas como pelo erotismo constante nessas duas obras. Sua desenvoltura na cozinha não se comparava à de dona Flor, mas seus quindins – amarelos e brilhantes como o sol – e o licor de jenipapo faziam a alegria de Odorico (Gomes, 2008, p. 22).

Nessa parte do livro, Mauro Alencar parece querer dar uma aula de literatura brasileira, pois além de mencionar o nome do autor da peça *O bem amado* e da telenovela homônima, traz para o livro outro “amado”, Jorge, e comenta o erotismo presente em duas de suas obras. No entanto, a “aula” do famoso conhecedor de teledramaturgia continua ao retratar outra Cajazeira, Dulcinéia:

[...] Sonhava com um casamento sereno, lua-de-mel na ilha de Paquetá, no Rio de Janeiro, filhos... Amava as flores, os pássaros, adorava o romance *A moreninha* e os sonetos de Olavo Bilac, Augusto dos Anjos e Vicente de Carvalho [...] (Gomes, 2008, p. 22).

Além da pretensa aula de literatura brasileira envolvendo romancistas e poetas, há uma passagem que vem na sequência desse mesmo capítulo, na qual o narrador faz menção à mais jovem das irmãs, Judicéia Cajazeira, ou simplesmente Juju, como era chamada por todos, mencionando dois de seus atores preferidos e, no caso de um deles pelos menos, parece-nos que faltou um pouco de originalidade a Mauro Alencar:

[...] Sonhava em ser atriz. [...] colecionava álbuns e revistas de seus atores e atrizes prediletos, brasileiros ou não. Frequentemente tinha sonhos com Jardel Filho, ator

que aprendera a admirar das novelas de TV, ou Charlton Heston, o galã de *Ben-Hur* [...] (Gomes, 2008, p. 24).

Jardel Filho interpretou o médico Juarez Leão. Tanto ele quanto sua parceira na telenovela *O bem amado*, Sandra Bréa, faleceram há vários anos. Se Alencar busca fazer uma homenagem póstuma, isso não fica claro, pois no último capítulo há uma reprodução de uma imagem da telenovela, na qual aparecem as personagens Juarez e Telma trocando um beijo e, logo abaixo da imagem, a seguinte informação: “Juarez (Jardel Filho) e Telma: paixão ardente.” Acreditamos desnecessário esse tipo de metalinguagem que mesclou seres fictícios e atores reais. Tal atitude do adaptador configura-se, no nosso ponto de vista, como um exercício um tanto narcisista para, uma vez mais, exaltar o seu conhecimento sobre telenovelas e atores brasileiros.

Mauro Alencar comete uma falha em sua narrativa no capítulo dez, “As borboletas de Dirceu”. Como o título indica, nesse capítulo, o foco é Dirceu e o relato inicia-se com a descrição do secretário de Odorico: “Dirceu é um rapaz com alto grau de miopia, gago, sonâmbulo e casto” (Gomes, 2008, p. 70). A descrição prossegue com dados sobre seus familiares, sua mãe Dona Florzinha, o seu posto de trabalho junto a Odorico e a sua proximidade com Dudu Cajazeira. Ora, no capítulo 11, intitulado de “O dono do mar”, o adaptador esquece que já apresentou Dirceu ao leitor e comete o seguinte deslize: “Quem se dirige a Odorico é seu inseparável secretário, Dirceu Borboleta, a quem conheceremos melhor no próximo capítulo” (Gomes, 2008, p. 77).

Entretanto, o “próximo capítulo” traz a história de Zelão, que fora pescar no mar e seu barco foi atingido por uma violenta tempestade. Vários personagens esperam na praia, inclusive Odorico, acompanhado por Dirceu. O prefeito deseja que o pescador tenha morrido, para poder inaugurar o cemitério. Contudo, seu desejo se frustra, uma vez que Zelão se salva, saindo ileso do naufrágio.

Pelo exposto, verifica-se que o leitor já conheceu Dirceu Borboleta e o fragmento acima é contraditório, uma vez que, efetivamente, a personagem em questão tinha sido descrita anteriormente com riqueza de detalhes e nada relevante sobre ela é mencionado no “próximo capítulo”.

A transmutação da novela realizada por Galvão não é ilustrada, ao passo que tanto a adaptação de Dias Gomes quanto a de Mauro Alencar são pródigas em reproduções de imagens da telenovela, que ajudam o leitor a recuperar eventos exibidos na obra televisiva, além de poder ver personagens da história, não só as protagonistas, mas também personagens secundárias em momentos de descontração. Na verdade, em nenhuma das duas obras em que há imagens da

telenovela, aparecem momentos cruciais da trama, como é o caso da morte de Odorico ou o voo de Zelão. Há uma preocupação em retratar somente momentos amenos e sem conflitos.

Não há dúvida de que a adaptação de Alencar é a única a tentar preservar a fala de Dirceu Borboleta com a sua gagueira. Nas outras duas versões, esse fato nem é mencionado. A deficiência vocal de Dirceu era um dos pontos altos, quando ele surgia em cena, e dava sempre um tom cômico a suas aparições na televisão. Entretanto, sem a imagem, no texto de Mauro Alencar, a gagueira, que é recriada por meio de repetições de sílabas separadas por traços: “- As Le-le-pdópteras são os en-can-can-tos da minha vida -” (Gomes, 2008, p. 71), perde muito de sua função caricatural e cômica do meio televisivo.

Após os comentários e análises efetuadas nesta parte do livro, podemos declarar que as três adaptações têm qualidades e defeitos, mas todas elas conseguem recriar a telenovela, embora tivessem que eliminar tramas e personagens (versão de Lafayette Galvão), condensar histórias (a telenovela romanceada de Dias Gomes), ou adicionar elementos (a genealogia dos Paraguaçu, as leituras de Dorotéia, as preferências cinematográficas de Juju).

Finalmente, é possível considerar que a adaptação de Dias Gomes, ainda que apresente um número reduzido de páginas – cerca de cinquenta – contém todas as tramas encontradas na telenovela e é, seguramente, superior às outras duas. O aspecto de produto descartável, com um papel de qualidade inferior, a eliminação de vários núcleos narrativos tornam a versão de Lafayette Galvão a menos atrativa e mais descuidada das adaptações. Isso talvez se deva ao fato de essa adaptação destinar-se às donas de casa, já que eram oferecidas como brindes na compra de caixas de sabão em pó. A recriação de Alencar apresenta vários pontos positivos: a recriação de fala de Odorico e Dirceu, a reprodução de imagens da telenovela, um número maior de páginas e capítulos, quando comparada com as recriações de Dias Gomes e Galvão.

No entanto, o tom de superioridade de Alencar, as falhas verificadas na estrutura de sua história, algumas alterações e acréscimos que desconsideram a existência de leitores especializados, transformam a sua transmutação da obra televisiva em algo destinado ao leitor-comum, que busca esse tipo de texto somente para o entretenimento.

A metamorfose da telenovela, ou o trabalho da transformação realizado por Dias Gomes e também levando-se em conta o fato de que ele é o autor da peça de teatro que deu origem à telenovela, permite asseverar que a sua versão é a que mais desperta interesse e também possibilidades de estudos comparando a telenovela com sequências textuais de sua adaptação. Portanto, é impossível desconsiderar o fato de que Dias Gomes é o autor da peça de teatro, de sua adaptação para a TV e também de sua transformação em romance ou sua “romantização”, conforme sustenta Linda Hutcheon em *Uma teoria da adaptação*. Esses fatores conferem respaldo

à nossa avaliação de que a transposição do escritor baiano tem uma qualidade superior em relação aos textos de Galvão e Alencar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talqualmente César, estou cercado de Brutus por todos os lados.

Não obstante todos esses considerandos, espero que a polícia cumpra o seu dever, evitando canhotismos, cachacismos e badernismos.

Dias Gomes

No território da transmutação, metamorfose, recriação, transcodificação, ou simplesmente adaptação, a peça teatral *O bem amado* tem sido um sucesso ao longo de várias décadas, conforme assevera José Dias (2009, p. 11):

[...] A peça de Dias Gomes – *Odorico, o Bem Amado ou Uma Obra do Governo* – foi encenada pela primeira vez em 1969 pelo Teatro de Amadores de Pernambuco; virou especial de televisão em 1964 no programa *TV de Vanguarda* exibido pela TV Tupi; tornou-se a primeira telenovela exibida em cores em rede nacional, em 1973 na Rede Globo para virar um tempo depois seriado de sucesso exibido por cinco anos, de 1980 a 1984.

Além disso, a telenovela foi adaptada para a forma de livro em três ocasiões – 1977 – 1985 – 2008 e, em 2010, transformou-se em filme, com Marco Nanini no papel de Odorico Paraguaçu, que ficou imortalizado na ficção televisiva brasileira graças à atuação de Paulo Gracindo.

Nesse estudo, comparamos as três adaptações da telenovela para a mídia impressa ou, para empregar o termo cunhado pela estudiosa canadense Linda Hutcheon, as três “romantizações” da telenovela de Dias Gomes.

Em suma, na “novela literária” do escritor baiano, constatamos que houve uma preocupação em mencionar todos os núcleos dramáticos da telenovela, inclusive um episódio que não aparece em nenhuma das outras duas versões, que ocorre quando há alguns casos de tifo em Sucupira e Odorico faz com que Zeca Diabo intercepte Juarez Leão que fora a Salvador buscar as vacinas, apossando-se dos medicamentos, os quais ele acaba devolvendo e a ameaça de epidemia é debelada.

Seguramente, pelo fato de Dias Gomes ser o criador da peça *Odorico, o bem amado*, também o adaptador dessa peça para telenovela, ele foi capaz de transportar para o papel a história de Odorico com maior precisão e também com detalhes, que garantem ao leitor recordar-se da telenovela e de seus personagens, não só pela qualidade de seu texto, mas também pelas reproduções de várias imagens dos atores atuando. Assim, desfilam diante de nossos olhos

atores caracterizados como personagens da telenovela: Paulo Gracindo, Lima Duarte, Ida Gomes, Dorinha Durval, Dirce Migliaccio, Emiliano Queiroz, dentre outros.

Na transcodificação realizada por Lafayette Galvão, notamos uma compactação da trama televisiva, omitindo personagens e tramas paralelas e o livro “romantizado” centra-se na figura de Odorico Paraguaçu e suas trapaças para inaugurar o cemitério. Trata-se de uma versão empobrecida da telenovela, recontada em apenas nove capítulos e noventa e seis páginas.

Já o adaptador Mauro Alencar foi mais fiel à telenovela, passando para o papel a maioria das tramas contidas na versão televisiva. Dividida em quarenta capítulos, a história de Odorico e dos demais sucupiranos encontra-se, também, imortalizada em folhas impressas. Contudo, essa obra apresenta falhas, conforme apontamos, pois, no capítulo 11, o narrador descreve Dirceu Borboleta, mas esquece esse fato e, no capítulo doze, informa ao leitor que Dirceu seria conhecido “melhor no próximo capítulo” (Gomes, 2008, p. 77).

Some-se a esta observação, certas alterações e modificações realizadas por Mauro Alencar que chegam a incomodar aquele leitor afeito à análise de textos de ficção, como é o caso da genealogia de Odorico, o ator preferido de Juju chamar-se Jardel Filho, quando este mesmo ator interpretou o médico Juarez Leão na telenovela de 1973, ou ainda o didatismo expresso na menção a escritores e obras canônicas da literatura brasileira. Há, também, reproduções de imagens da telenovela. No entanto, nenhuma delas mostra momentos cruciais da história como a morte de Odorico e o voo de Zelão das Asas. Conforme apontamos, elas são meramente ilustrativas e procuram destacar os atores da versão televisiva.

Diante do exposto, concluímos que a adaptação de Dias Gomes é superior a de Lafayette Galvão e a de Mauro Alencar, uma vez que não menospreza nenhum núcleo dramático e, numa prosa simples mas coerente e lúcida, fornece um retrato de corpo inteiro da sociedade de Sucupira, que pode ser considerada como uma reprodução da sociedade brasileira, comandada por políticos que parecem ser a própria reencarnação de Odorico Paraguaçu.

Na comparação entre a telenovela e as três versões estudadas nesta pesquisa, constatamos que estas precisaram condensar tramas, eliminar muitas vezes determinados núcleos, para manter o foco principal na história do protagonista. A telenovela *O bem amado* teve cento e setenta e oito capítulos, portanto, ficou no ar durante aproximadamente quase um ano, uma vez que no horário das dez da noite, na Rede Globo, nos anos setenta, as histórias apresentadas nesse horário, eram exibidas de segunda a sexta-feira. Ao se transpor essa história para o formato de livro, não seria possível colocar todas as intrigas e tramas paralelas que faziam parte da telenovela.

Apesar das diferenças entre as adaptações, é válido destacar que elas conseguiram transmitir a linguagem coloquial das personagens, os neologismos criados por Odorico, em várias situações, os cacoetes e problemas de fala de Dirceu Borboleta, além de explicitar a retórica vazia dos discursos proferidos por Odorico e Lulu Gouveia assim como também criticar os costumes do povo brasileiro, sempre disposto a votar em quem consegue falar bem (“falar bonito”), mesmo que não se consiga compreender o que está sendo dito e nem se perceba as reais intenções por trás das falas dos políticos. Assim, nos três textos estudados, Odorico reverbera a imagem dos políticos do Brasil e há uma crítica irônica nos eventos diegéticos dos quais ele participa, com a intenção de expor as mazelas, o egoísmo, a defesa dos próprios interesses, a permanência em cargos públicos, que permeiam os partidos e a política nacional, e permanecem os mesmos, apesar do tempo que transcorreu desde a exibição da telenovela e da escritura das suas versões em prosa.

Dessa forma, encerramos nossas observações enfatizando que tanto a peça teatral, quanto a telenovela e suas recriações em forma de narrativa, conquanto possam ser consideradas bastante díspares entre si, ainda mantêm-se atualíssimas, perpetuando o conteúdo crítico manifestado na sua forma inicial, ou seja, como obra teatral, já que a maioria dos políticos brasileiros assemelham-se a cópias de Odorico Paraguaçu, desde os representantes das pequenas cidades do nosso país até aqueles que se encontram no nosso congresso, em Brasília, preocupando-se “apenasmente” em receber seus polpudos salários e aumentar os seus bens terrenos.

A crítica ao sistema político brasileiro, que já se encontrava na peça, desde a sua primeira redação – lembremos que o seu título era *Odorico, o bem-amado ou uma obra do governo* – permanece o mesmo nas três adaptações analisadas nesse livro e pode ser percebida sem dificuldade por aqueles leitores que não busquem somente o entretenimento durante a sua leitura, mas que aprofundem a sua leitura, desvendando e decifrando os sentidos que não se encontram na superfície do texto. Essa, talvez, tenha sido sempre a intenção de Dias Gomes em todas as suas obras, sejam telenovelas, peças de teatro, romances: oferecer um produto que agradasse às massas populares, mas ao mesmo tempo, lançar suas críticas e incentivar transformações no modo de se encarar a política e a realidade brasileira, para aqueles leitores e telespectadores que estivessem dispostos a refletir e a interpretar com maior profundidade os textos do escritor baiano.

REFERÊNCIAS

- Anzuategui S (2009). O espigão de Dias Gomes: teledramaturgia, entretenimento e política. Disponível em: http://www.academia.edu/2515555/O_espigao_de_Dias_Gomes_teledramaturgia_entretenimento_e_politica. Acesso em: 22/04/2014.
- Birer Junior JI (2008). *Dias Gomes e Roque Santeiro*: telenovela, saturnais e desfile de carnaval eletrônico. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio. Rio de Janeiro.
- Costa F (2014). Da televisão à literatura: as novelas que deram origem a livros. Disponível em: <http://www.possocontarcontigo.blogspot.com.br>. Acesso em: 05/05/2014.
- Dias J (2009). *Odorico Paraguaçu*: o bem-amado de Dias Gomes: história de um personagem larapista e maquiavelento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Gomes D (1975). *Odorico, o bem-amado ou uma obra do governo*. São Paulo: Círculo do Livro.
- Gomes D (1977). *O bem amado*. Novela literária (ilustrada). 4. ed. Rio de Janeiro: Bels. (Grandes Novelas da TV).
- Gomes D (1985). *O bem amado*. Adaptação de Lafayette Galvão. Rio de Janeiro: Rio Gráfica. (As Grandes Telenovelas).
- Gomes D (1998). *Apenas um subversivo: 1922-1999*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Gomes D (2002). *O pagador de promessas*. 36. ed. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Gomes D (2008). *O bem amado*. Adaptação de Mauro Alencar. Colaboração Eliana Pace. São Paulo: Globo. (Grandes Novelas).
- Hutcheon L (2011). *Uma teoria da adaptação*. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Magalhães W (2014). Romances relembram novelas clássicas como *Selva de Pedra* e *Roque Santeiro*. Disponível em: <http://www.folha.uol.com.br>. Acesso em: 06/05/2014.
- Medeiros AM (2001). *Uma metáfora do Brasil: O Bem-amado e a teledramaturgia de Dias Gomes*. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis.
- O BEM AMADO. 1973-2012. TV Globo. Uma novela de Dias Gomes. Elenco: Paulo Gracindo, Jardel Filho, Carlos Eduardo Dolabella, Zilka Salaberry, Maria Cláudia, Emiliano Queiroz, Dorinha Duval, Gracindo Junior, Dirce Migliaccio, João Paulo Adour, Ruth de Souza, Milton Gonçalves, Ana Ariel, Arnaldo Weiss, Ida Gomes, Rogério Fróes, Antônio C. Ganzarolli, Angelito Mello, Apolo Correia, Juan Daniel, Wilson Aguiar, Ferreira Leite, Nanai, Álvaro Aguiar, Analy Mello, André Valli, Antônio Victor, Augusto

Olímpio, Auricéia Araújo, Claudio Ayres da Motta, D'Artagnan Mello, Eliezer Motta, Fausto Famma, Fátima Freire, Guiomar Gonçalves, Isolda Cresta, Jeny do Amaral, Jorge Botelho, Jorge Candido, João Carlos Barroso, Lutero Luiz, Lídia Mattos, Maria Lígia, Maria Tereza Barroso, Marta Anderson, Milenka Rangan, Nair Prestes, Rafael de Carvalho, Roberto Cezário da Silveira, Suzy Arruda, Valeria Amar, Tereza Cristina. Apresentando: Dilma Lóes e Sandra Bréa. Participação: Lima Duarte. Supervisão: Daniel Filho. Direção: Régis Cardoso. Edição especial da novela original, adaptada para o formato DVD. Adaptação para DVD: Nelson Caldas Filho. Edição para DVD: João Schiller. Duração: 36h36. 10 DVDs.

Reimão S (2004). *Livros e televisão: correlações*. Cotia: Ateliê Editorial.

Rosenfeld A (1982). *O Mito e o herói no moderno teatro brasileiro*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Stam R (2006). Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, 51: 19-53.

FONTES ELETRÔNICAS

[FE1] www.memoriaglobo.com/diasgomes. Acesso em: 07/08/2013.

[FE2] www.memoriaglobo.com.br/fotos/obemamado. Acesso em: 13/04/2014.

[FE3] www.astrosemrevista.blogspot.com.br/fotos. Acesso em: 24/04/2014.

[FE4] www.astrosemrevista.blogspot.com.br/2012. Acesso em: 21/04/2014.

[FE5] www.astrosemrevista.blogspot.com.br/fotos. Acesso em: 24/04/2014.

[FE6] www.telemaniacos.com.br/fotos. Acesso em: 25/04/2014.

[FE7] www.novelasclassicas.blogspot.com.br/2010. Acesso em: 21/04/2014.

<http://www.teledramaturgia.com.br/tele/bem-amado>. Acesso em: 20/04/2014.

[http://www.pt.wikipedia.org/wiki/O_Bem_Amado_\(telenovela\)](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/O_Bem_Amado_(telenovela)). Acesso em: 30/05/2014.

<http://www.telemaniacos.com.br.blogspot.com.br/fotos>. Acesso em 25/04/2014.

<http://novelasclassicas.blogspot.com.br>. Acesso em 21/04/2014.

ANEXOS



Figura 15. Capa do livro *O bem-amado*, versão de Dias Gomes (1977).

DIAS GOMES

O BEM-AMADO

NOVELA LITERÁRIA
(ILUSTRADA)

PEÇA TEATRAL
(COMPLETA)
9 QUADROS

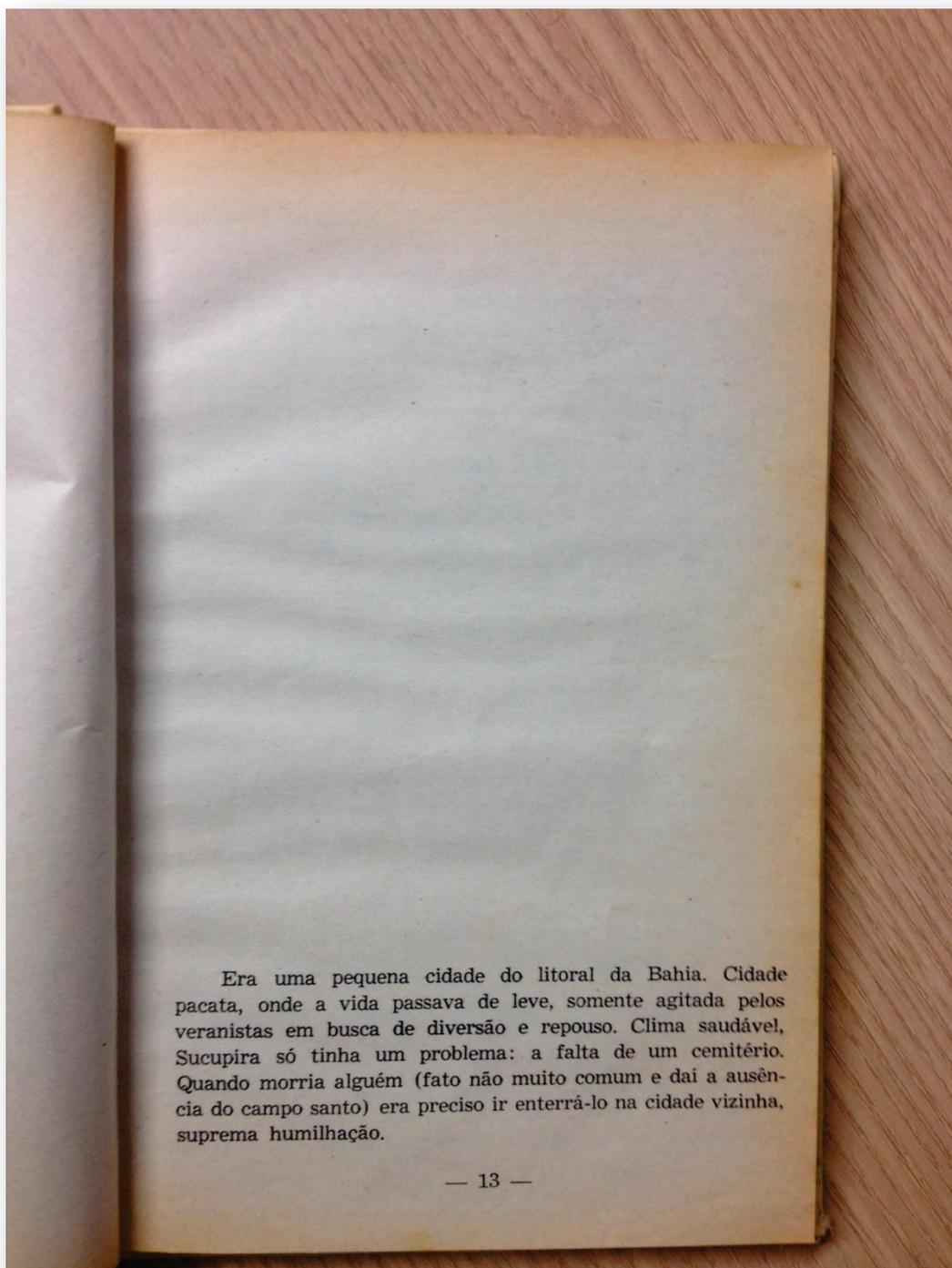
ÊXITO
INTERNACIONAL
DA
TV GLOBO

4.º EDIÇÃO

COLEÇÃO
GRANDES NOVELAS DA TV

BELS

Figura 16. Página inicial de *O bem-amado*, versão de Dias Gomes (1977).



Era uma pequena cidade do litoral da Bahia. Cidade pacata, onde a vida passava de leve, somente agitada pelos veranistas em busca de diversão e repouso. Clima saudável, Sucupira só tinha um problema: a falta de um cemitério. Quando morria alguém (fato não muito comum e daí a ausência do campo santo) era preciso ir enterrá-lo na cidade vizinha, suprema humilhação.

— 13 —

Figura 17. Início de *O bem-amado*, versão de Dias Gomes (1977).

Por isso, ao candidatar-se a Prefeito, Odorico Paraguaçu incluiu como primeiro ponto de sua plataforma eleitoral a construção do cemitério municipal. Odorico era um cinquentão simpático, bem-falante, pernóstico, dono de um linguajar próprio e pitoresco, repleto de neologismos, proprietário da maior fazenda do município e também da fábrica de Azeite de Dendê Paraguaçu. Viúvo, exercia estranho fascínio sobre as mulheres, principalmente as “solteironas juramentadas”. Sua candidatura foi entusiasticamente apoiada por elas e também por grande parte da população: Odorico venceu fácil, apesar do grande número de votos dados ao jegue de Nêzinho, que chegaram mesmo a ultrapassar os recebidos pelo candidato da oposição, o dentista Dr. Lulú Gouveia.

Veio a posse. “Botando de lado os entretantos e partindo pros finalmentes”, a primeira ação administrativa de Odorico foi ordenar a construção do cemitério. Reuniu uns restos de verba, ordenou a expulsão do Circo de um dos terrenos da Prefeitura, cercou-o por um longo muro branco, construiu a capela, portão de ferro encimado pela inscrição “Revertere ad locum tuum” e pronto: anunciou que o campo santo seria inaugurado solenemente com o primeiro defunto.

Sem imaginar os problemas que teria de enfrentar, em sua faina administrativa, Odorico reabriu o Posto Médico Estadual, que há dois anos estava fechado. Um médico veio de Salvador, nomeado pelo Ministério da Saúde. Toda a cidade se preparou para receber um jovem, recém-formado. As irmãs Cajazeira, Dorotéa, Dulcinéa e Judicéa, três solteironas ativas

Figura 18. Sequência do texto de *O bem-amado*, versão de Dias Gomes (1977).

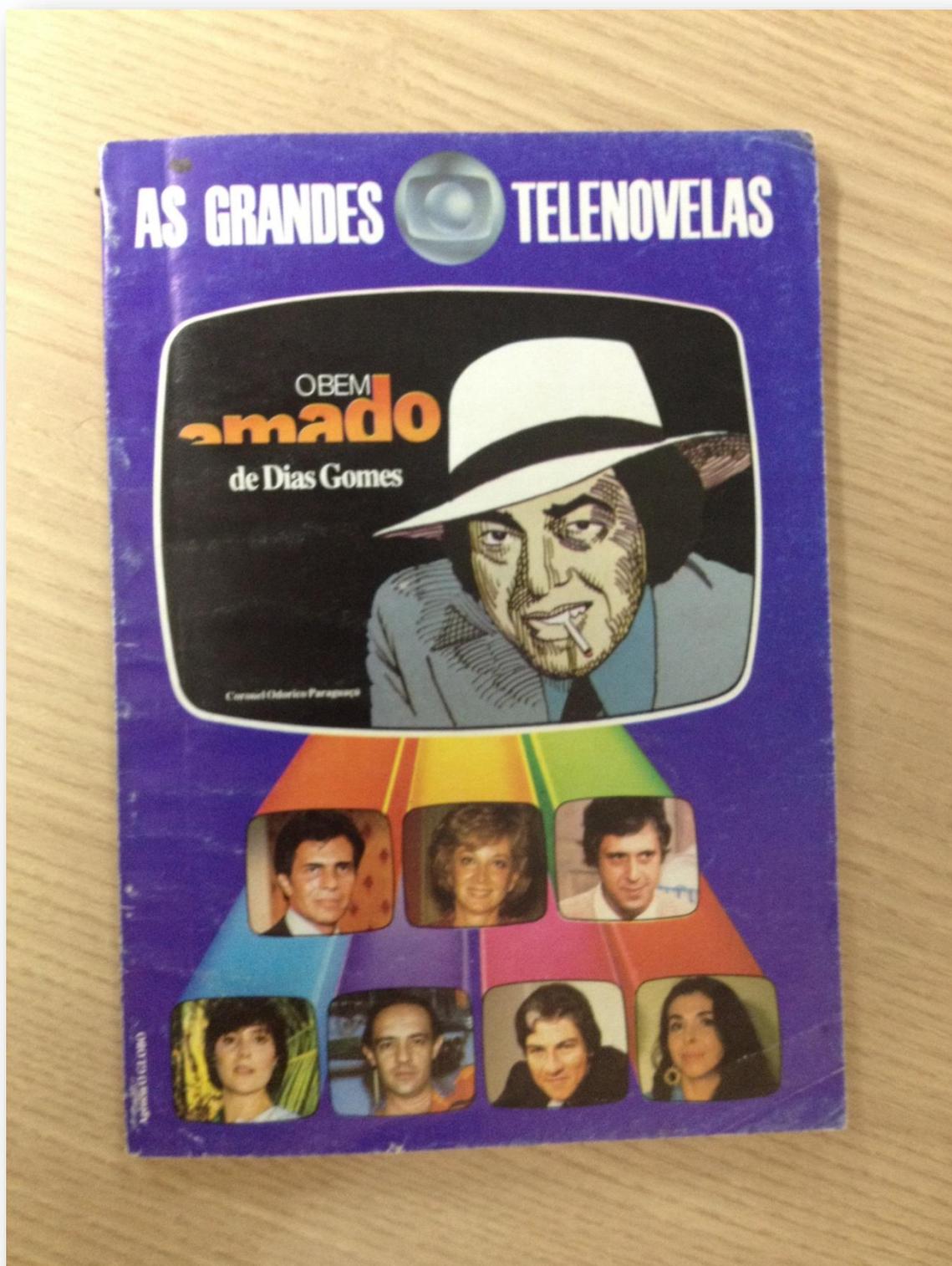


Figura 19. Capa da versão de *O bem-amado*, versão de Lafayette Galvão (1985).

CAPÍTULO I

Enfim, o dia amanheceu ensolarado. E já encontrou na praia mestre Ambrósio. Um velho rijo, de barbas brancas e pele queimada de sol e sal, que, apesar dos anos, ainda atorava o oceano ao meio quando saía em busca da pesca, de onde tirava seu sustento. Na noite passada, o vento sudoeste crispava as águas do mar da baía e um chapéu de nuvens negras cobrira o céu de Sucupira. Mestre Ambrósio medrou pela primeira vez em toda a sua vida. Mas o negro Zelão, seu companheiro de pesca, não deu ouvidos a suas advertências e saiu para o mar. Nem bem o saveiro tinha se igualado na linha do horizonte, caiu um violento temporal e o mundo desabou sobre Sucupira. A notícia de que o pescador tinha partido para o mar debaixo daquele mundéu de água se espalhou. Mestre Ambrósio não dormiu, certo de que no dia seguinte iria encontrar o corpo de Zelão estendido na praia, comido pelos peixes:

“Filho da puta de negro teimoso! Eu falei que não fosse! Não quis me ouvir. Taí no que deu. Fiquei sem o amigo”.

Acontece que o sol não encontrou somente o mestre Ambrósio na areia da praia. Não. A seu lado estava a mulher de Zelão, Chiquinha do Parto, alguns outros pescadores, todos preocupados com a sorte do negro. Num ponto mais retirado, mordendo a ponta do cigarro, outro que não havia dormido: Odorico Paraguaçu, prefeito municipal, que torcia pela chegada do cadáver de Zelão. Odorico, acompanhado de seu inseparável secretário, Dirceu Borboleta.

— O senhor acha que o corpo de Zelão vem dar na praia ainda hoje, coronel?

— Mormentemente quando o mar bate forte, como bateu ontem à noite, tudo vem dar na praia. O defunto tá até atrasado, seu Dirceu. Já devia estar aqui.

— Nessas noites de temporal, os tubarões ficam mais famintos... Será que ele não foi devorado por algum cação?

Figura 20. Primeiro capítulo da versão de *O bem-amado*, de Lafayette Galvão (1985).

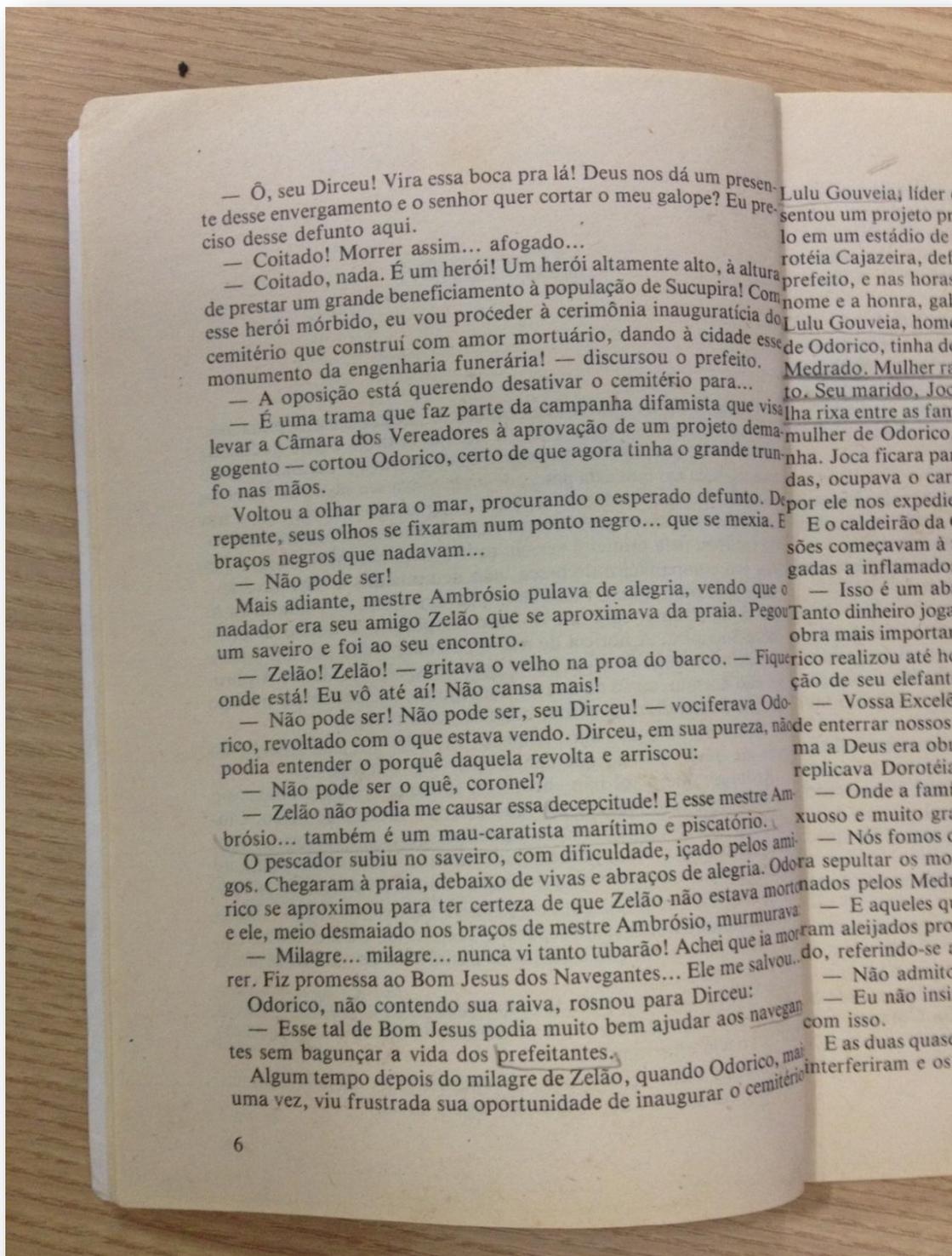


Figura 21. Sequência do primeiro capítulo de *O bem-amado*, versão de Lafayette Galvão (1985).

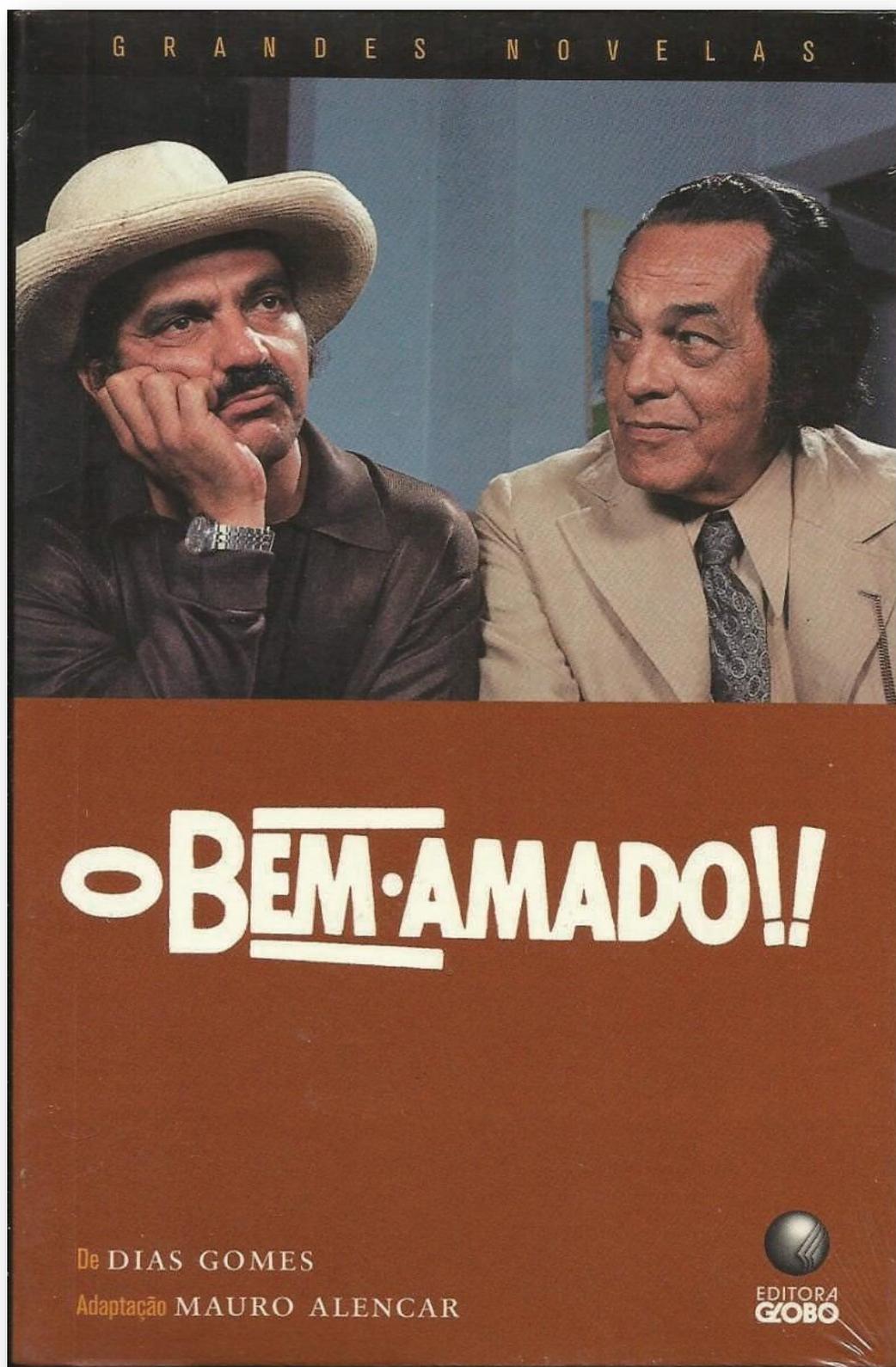


Figura 22. Capa da versão de *O bem-amado*, realizada por Mauro Alencar (2008).

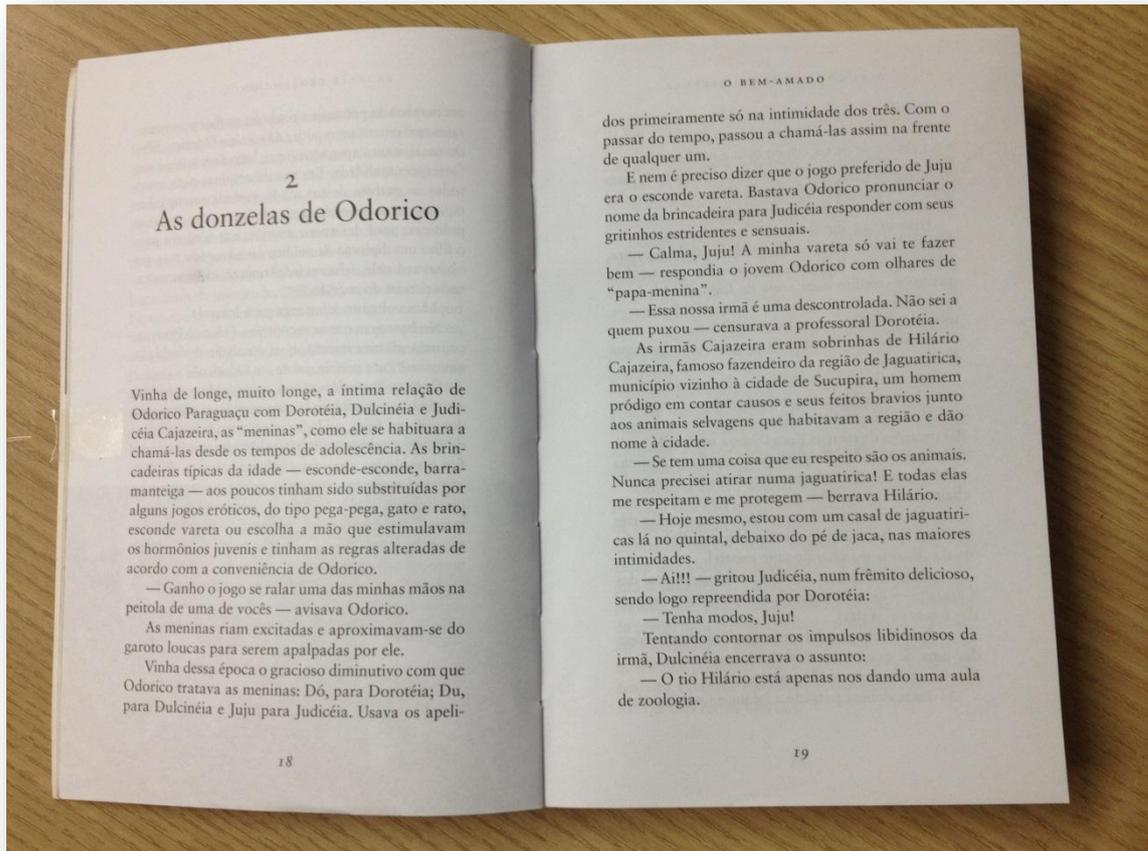


Figura 23. Segundo capítulo de *O bem-amado*, versão de Mauro Alencar (2008).

Índice de Ilustrações

Figura 1. Dias Gomes (1922 – 1999).....	9
Figura 2. O prefeito e coronel Odorico Paraguaçu, prefeito de Sucupira (Paulo Gracindo)...	36
Figura 3. Neco Pedreira (Carlos Eduardo Dolabella) e Telma (Sandra Bréa) caminhando na praia	38
Figura 4. Cecéu (João Paulo Adour), Odorico (Paulo Gracindo) e Telma (Sandra Bréa) (Família Paraguaçu).....	39
Figura 5. Dr. Juarez Leão (Jardel Filho) e Anita Medrado (Dilma Lóes).....	40
Figura 6. As irmãs Dorotéia (Ida Gomes), Dulcinéia (Dorinha Duval) e Judicéia (Dirce Migliaccio), Cajazeira em momento de oração antes de dormir.....	41
Figura 7. Gisa (Maria Cláudia), Jairo Portela (Gracindo Jr.) e Dirceu Borboleta (Emiliano Queiroz)	43
Figura 8. Chiquinha do Parto (Ruth de Souza), Mestre Ambrósio (Angelito Mello), Zelão das Asas (Milton Gonçalves)	44
Figura 9. Zeca Diabo (Lima Duarte).....	45
Figura 10. Lulu Gouveia (Lutero Luiz)	46
Figura 11. Odorico (Paulo Gracindo) e Zeca Diabo (Lima Duarte) durante algumas das “confabulâncias sigilentas”.....	48
Figura 12. Uma das tentativas de voo de Zelão das Asas (Milton Gonçalves)	49
Figura 13. Dirceu Fonseca ou Dirceu Borboleta (Emiliano Queiroz) assessor do prefeito.....	50
Figura 14. Odorico em seus últimos momentos de vida	51
Figura 15. Capa do livro <i>O bem-amado</i> , versão de Dias Gomes (1977).....	78
Figura 16. Página inicial de <i>O bem-amado</i> , versão de Dias Gomes (1977).....	79
Figura 17. Início de <i>O bem-amado</i> , versão de Dias Gomes (1977).....	80
Figura 18. Sequência do texto de <i>O bem-amado</i> , versão de Dias Gomes (1977).....	81
Figura 19. Capa da versão de <i>O bem-amado</i> , versão de Lafayette Galvão (1985).....	82
Figura 20. Primeiro capítulo da versão de <i>O bem-amado</i> , de Lafayette Galvão (1985).	83
Figura 21. Sequência do primeiro capítulo de <i>O bem-amado</i> , versão de Lafayette Galvão (1985).	84
Figura 22. Capa da versão de <i>O bem-amado</i> , realizada por Mauro Alencar (2008).....	85
Figura 23. Segundo capítulo de <i>O bem-amado</i> , versão de Mauro Alencar (2008).	86

Índice Remissivo

A	
adaptações.....	6, 7, 8, 13, 18, 19, 51, 53, 56, 57, 64, 67, 71, 72, 74
C	
cenas.....	55, 56, 60, 62, 66, 67
censura.....	11, 12, 13, 14, 15, 33, 35
D	
Dias Gomes.....	6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 25, 32, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80
dramaturgia.....	11, 13, 16, 17, 18
F	
ficção televisiva.....	72
L	
Lafayette Galvão.....	7, 8, 52, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 71, 73, 81, 82, 83
N	
neologismo.....	62
novela literária.....	55, 72
núcleo dramático.....	73
O	
<i>O Bem Amado</i>	17, 18, 32, 33, 35, 53, 54, 55, 59
P	
peça de teatro.....	8, 19, 68, 71
personagens	
Dirceu Borboleta....	20, 21, 26, 28, 30, 33, 36, 38, 41, 43, 46, 49, 50, 55, 56, 58, 59, 61, 62, 67, 70, 71, 73, 74
Irmãos Cajazeiras.....	35, 40, 55, 59, 66, 69
Odorico Paraguaçu.....	8, 32, 33, 35, 36, 47, 54, 55, 59, 60, 62, 63, 67, 68, 72, 73, 74
Zeca Diabo.....	12, 17, 32, 33, 34, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 55, 56, 57, 60, 63, 72
políticos brasileiros.....	9, 20, 74
R	
romantização.....	64, 65, 71

S

seriado.....	18, 32, 35, 59, 72
sistema político.....	74
Sucupira.....	34, 35, 36, 37, 39, 41, 44, 47, 49, 50, 51, 55, 56, 58, 60, 62, 66, 68, 72, 73
sumários.....	63, 67

T

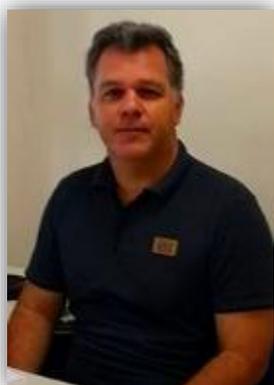
telenovela 7, 8, 14, 18, 19, 25, 32, 35, 37, 39, 40, 46, 47, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74	
transposição.....	18, 55, 57, 63, 64, 65, 67, 71

V

versões.....	8, 18, 52, 66, 71, 72, 73, 74
--------------	-------------------------------



VICTOR ANDREI DA SILVA é graduado em Marketing - Unicesumar (2015) e Comunicação Social/Publicidade e Propaganda (2007). Tem especialização em Docência no Ensino Superior - Unicesumar (2011), especialização em Educação a Distância (2013) e Mestrado em Letras pela Universidade de Marília - UNIMAR (2014). Trabalha como docente há mais de 8 anos e leciona em cursos de graduação e pós-graduação. Atualmente é docente nos cursos de graduação em Administração, Logística, Comércio Exterior, Marketing, Design de Moda, Design, Gestão de Recursos Humanos e Publicidade e Propaganda. É autor de livros didáticos para EaD de instituições como UNIPAR, SENAI/SP e Unicesumar. Atua na elaboração de questões para concursos públicos. Além da atuação docente, constituiu carreira e experiência em empresas do segmento privado na área de comunicação corporativa, marketing, endomarketing, *pricing*, gestão de preço, análise de CVP, *supply chain*, canais de distribuição e afins. Contato: andrei.vitor@gmail.com.



ALTAMIR BOTOSO é Doutor em Letras, na área de Teoria Literária e Literatura Comparada, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de Assis-SP. Atualmente, é docente do Mestrado em Letras e do Curso de Letras/Espanhol da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Campus de Campo Grande-MS. Graduou-se em Letras/Português/Inglês/Espanhol/Francês/Italiano e suas respectivas literaturas pela Unesp. Atua na área de literatura e língua espanhola, com ênfase em romance picaresco, malandro e histórico. Publicou artigos em diversas revistas on-line e os seguintes livros: *Do pícaro ao malandro: uma poética da rebeldia* (2010), *A reescritura da história em O mundo alucinante, de Reinaldo Arenas* (2010), *Tessituras narrativas: estudos de contos e romances* (2014), *Malandros ou neopícaros: figurações do anti-herói na literatura brasileira* (2017), *À sombra das falecidas: um estudo dos romances Encarnação, A Sucessora e Rebecca* (2019), em coautoria com Maria de Lourdes Marcelino da Silva, *Vestígios do folhetim em dois romances de autoria feminina* (2020). Contato: abotoso@uol.com.br.

ISBN 978-659906413-5



Pantanal Editora
Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br